

**RIL**



revista literária

**7**

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

As ilustrações do número 7 da Revista Literária foram feitas pelos seguintes alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais: Márcia Meyer Ferreira Guimarães, Joyce Maria Silveira Brandão, Margarida Geralda Santos Cendon, Maria Lídice Faria, Lúcio Flávio Ribeiro Baía, Andréia Rocha Santos, Maria Caldeira, Geraldo Roberto da Silva e Sandra Maria Bianchi, da 3ª série, e Marcília Luciano Azevedo e Glaura Mary Pereira, da 4ª série.



Endereço para correspondência:

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Caixa Postal, 1.621

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

NOVEMBRO DE 1972      \*      ANO VII — NÚMERO 7

# Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

MAGDA FREDIANI MARTINS

RONALD CLAVER CAMARGO



CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE  
MINAS GERAIS — BRASIL





## ÍNDICE

### CONCURSO DE CONTOS

O Tecedor da Chuva — <i>Sandra Lyon</i> .....	9
Informações de Combate — <i>Márcio José da Cunha Jardim</i> .....	14
Odiado é o Dia do Diabo — <i>Stela Cardoso de Carvalho</i> .....	19

#### *Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa*

Nostalgia — <i>Eugênio Gomez</i> .....	29
Oito/Tempos de Rosa-Flor — <i>Regina Lúcia Ferreira Neves</i> ....	33
Fragmentos de um Livro Inédito de Caio Soveral — <i>Danilo Gomes</i> .....	36
Dulica Dois Graus a Mais — <i>Sandra Lyon</i> .....	40
Curtição — <i>Mônica de Catella Noronha</i> .....	46

### CONCURSO DE POESIAS

Componência — <i>Antônio Carlos Gomes da Costa</i> .....	49
Antes — <i>Eugênio Gomez</i> .....	51
Você — <i>Maria Consuelo Neiva Porto</i> .....	52

#### *Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa*

O Lapso — <i>Ana Cecília Carvalho</i> .....	57
Poemicida — <i>Marlúcio José de Godoy</i> .....	60
Reminiscência — <i>Luiz Fernando de Souza Emediato</i> .....	62
Grito do Mar — <i>Charles Magno Medeiros</i> .....	65
Postal de Minas — <i>Liliana Helita Torres Mendes Oliveira</i> .....	67

## SEGUNDA SEÇÃO

### POESIAS

Poema para Joaquim Cardozo — <i>Luiz Carlos Alves</i> .....	73
O Homem da Rua — <i>Libério Neves</i> .....	76
A Rua — <i>Ronald Claver</i> .....	79
Os Entes Queridos — <i>Magda Frediani</i> .....	82
Poema de A(mor-te)mpos — <i>Magda Frediani</i> .....	85
Intercomunicação — <i>Carlos Felipe</i> .....	87
Poema — <i>Max Martins</i> .....	90
Soneto do Relógio de Pulso — <i>Ernesto Penafort</i> .....	91

## CONTOS

O Nascimento dos Leões — <i>Duílio Gomes</i> .....	95
O Soldado Arcanjo — <i>Plínio Carneiro</i> .....	99
A Viagem — <i>Márcia Ramalho</i> .....	108
Do Diário de um Pequeno Burguês — <i>Luis Gonzaga Vieira</i> ....	113

## MONTAGEM

Travessia em Guimarães Rosa — A Poesia, o Rio, a Vida e a Morte — <i>Ronald Claver e Antônio Sérgio Bueno</i> .....	143
--	-----

## RESENHA

Relação dos Contos Recebidos .....	156
Relação das Poesias Recebidas .....	159
Publicações .....	166
Críticas .....	167

**RL**

**revista literária**

---

**CONCURSO  
DE  
CONTOS**



# O TECEDOR DA CHUVA

DINAH

**Sandra Lyon**  
ICB/Medicina

Da última vez que Teodoro estivera naquela cidade, podia-se ver ainda o velho sobrado do fim da rua, caduco na velhice. E agora, olhava sem pressa, os restos de escombros na calçada adivinhando a nova construção de concreto, mesquinhas de hoje. Teodoro respirava a decepção: pensar mesmo em enquadrar o casarão em seus escritos, sob medida na identificação, personagens, tudo. E foi-se afastando devagar de esquina em esquina, o jeito de pássaro noturno, sem rumo, sem pressa, ele. Vez em vez os olhos dependurados em janelas, novas figuras e imaginação latejando dentro dele.

A estória já armada, essas ruas, a sua sala permitiriam sair sem maiores dificuldades no pouco a pouco, tempo a tempo, o livro. E a chuva tamborilando nas vidraças, agora, prometia deixá-lo prisioneiro em casa, sem rumos os seus passos. Mandara chamar o Tônico: preto franzino, o corpo anônimo da idade que carregava, sem os estragos do tempo. E falando alto, desnudava idéias e dentes, as janelas abertas.

Agora: Tônico diante dele, olhava aos arrancos, encolhido no silêncio. Os seus pensamentos que seriam vozes dentro de instantes, abriam-se num risinho no canto da boca. O que não encontrava era a porta de abrir conversas, derramar grossas novidades enfeitadas, o seu jeito de ser.

“Ora, vamos desmanchar isso, Tonico, pra que as cerimônias? E você é lá disso?”

Gargalhadas estalaram pela casa toda, indo rolar na chuva lá fora. Concordava, navegara com Teodoro, sempre que ele ali voltava, em gordurosas conversas. Tonico, os olhos acesos, sem pestanejar, firmes, dando asas à imaginação que voava na frente, desenrolando as estórias do lugar que só ele sabia contar.

“Sou não, procurava mesmo um retalho de céu para mostrar-lhe. Só vi o velho bêbedo sentado na calçada da igreja. E anda lá o tempo penalizado dele. Veja o que eu digo, não aguenta mais dois verões.”

Calou-se. E num mover de queixo indicou a Teodoro um rapaz atravessando a calçada.

“Cidade pequena é isso: acaba um dia. Tem velhos, tem crianças. As crianças crescem e deitam os pés nas estradas. O rapaz ali, as visitas vão rareando, um dia não volta. Meus meninos foram-se assim, uma vez. Nasci nestas terras, não sou pássaro para outras matas. Depois vem a velhice e ninguém repara na velhice.”

O sorriso saiu depressa e Teodoro gotejou mais um pouquinho no que ele dizia:

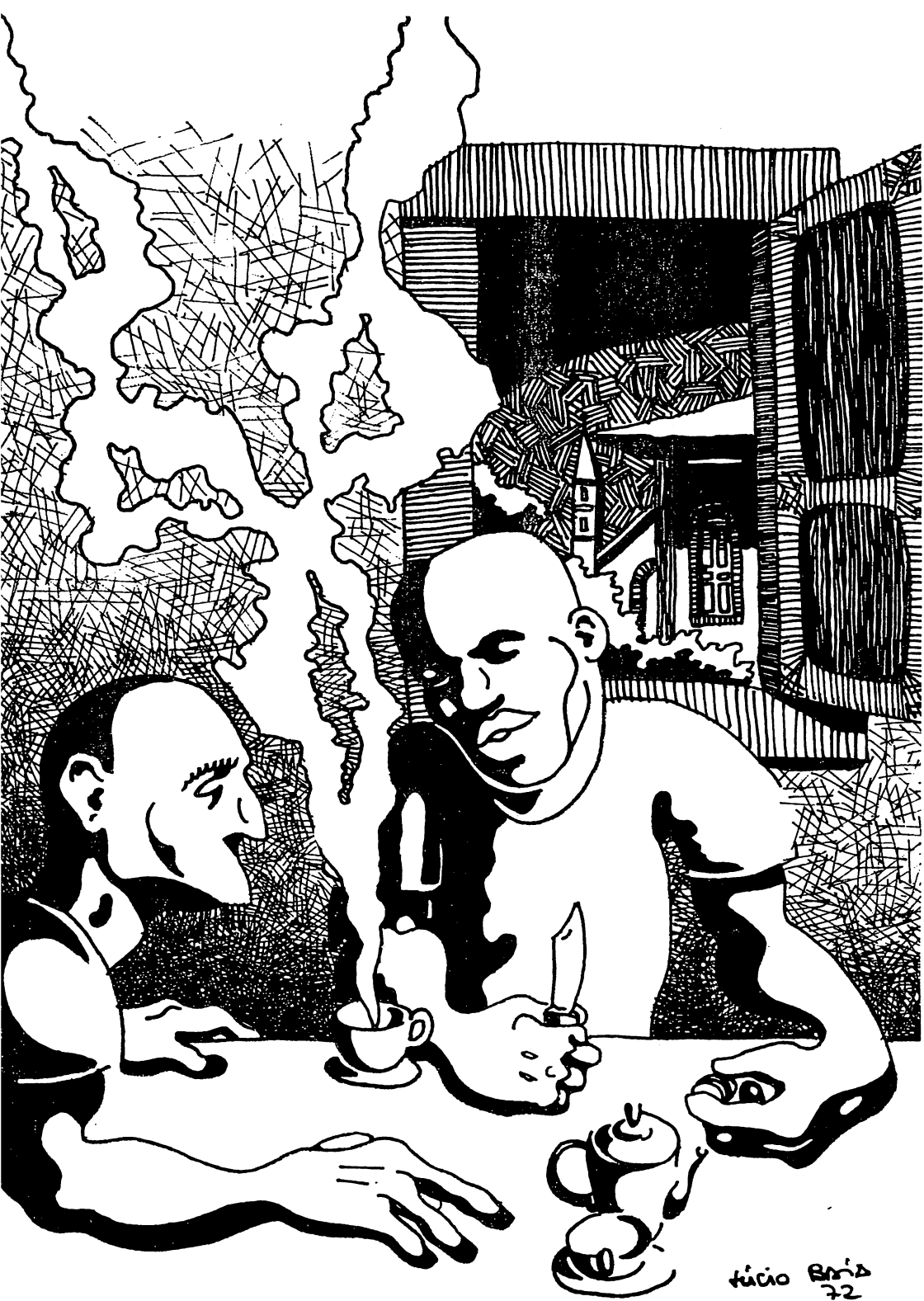
“Sabe o que tem depois dessas estradas, Tonico?”

Curioso, Teodoro recolheu a resposta sem demora.

“Outras cidades, trens de ferro a correrem mundo, outros montes. As diversões, outro jeito de passar o tempo. Depois do vale lá embaixo, eu nunca vi outras meninas de fitas no cabelo, conversas ruidosas ou gente”.

Se aceitava café? Aceitava, sim.

“É para adoçar conversas. Ainda há pouco, vinha da casa do seu Acácio. Lembra-se do seu Acácio? Lá o cafezinho é canção de realejo. E depois para impor respeito vem os grossos





pitos de rolo de fumo. Até arrogância acaba brilhando nos olhos”.

Sorveu os primeiros goles, alongando o olhar até a curva longe do céu, pedindo grandezas maior para as idéias.

“Qualquer dia agradeço aos canarinhos cabeça de fogo, o canto. Aos sanhaços não, fazem uma barulhada lá no quintal da minha casinha amarela. São as duas jaboticabeiras que tenho lá que fazem esses bichinhos deitarem olhos gulosos. Esses moleques de asas inventam de me abreviar o sono nas manhãs. Pardais? Ah, esses são os donos: tem às dúzias.”

“Tônico, logo que venha o tempo firme, quero uma boa caminhada por aí, quero mesmo empoeirar os sapatos nos pés dos caminhos. Vou precisar de você, que me mostre os cantos da cidade: preciso colocar muita coisa nesses papéis, verás.”

“Mas qual! Tem que esperar os cantos das seriemas. Canto de avisar novas chuvas. Só assim vem o tempo bom, poderá até ter os pés doloridos das longas caminhadas. Olhe, as águas do céu ainda vão despejar muito sobre essas terras. Não fica uma casinha de sapé à beira das estradas. E essa friagem sempre grita vitória quando passeio por aí o meu reumatismo.”

Fez uma pausa procurando interesse no rosto de Teodoro: ele, os olhos vigilantes seguiam-lhe todos os passos.

“É, posso esperar a aragem. Mais um dia, mais outro não tem importância”.

“Tem não, pode esticar a permanência aqui, enquanto isto vai tecendo escritos. Pode ser também que a neblina não tarde. Quando menos se esperar, nós afundamos em bater pernas por ruas e becos. Só se sabe.”

Pelas duas da tarde Tônico espiou a chuva miúda na calçada, em carinhos brutos, a enxurrada. Daria para alinhar mais dois retalhos de prosa, visitados vez em vez por um café ou outro. Teve vontade de fumar e puxou avulsamente cani-

vete, fumo e palha. E dando certeza de distração, perguntou se Teodoro lembrava do seu Acácio. Já não trabalhava para ele, na verdade há muito deixara o trabalho: eram as juntas sempre doendo na promessa da velhice. Continuou na Serra dos Urus, nascido quase ali. Era a sua casinha amarela pálida perto dos ipês. Quando o vento chiava macio lá fora e agosto chegava, os ipês floriam em ouro. A sua Rainha sempre gostara deles e Tônico fizera tudo para ver alegria brotando no rosto dela. Aconteceu que ela se foi um dia e ele passou a ter um brilho de água nos olhos. E por tanto tempo ficara a olhar vago, à toa, enumerando o desinteresse pelos ipês.

“Tinha vezes que ela surgia, sabe. Agora, faz tempo que eu não sinto aquele ar de nuvem, vindo.”

Tônico parou como que descoberto de repente. E se desviou para o lado das montanhas, emoldurando verde o horizonte. Pôs-se a lembrar do filhote de passarinho que caíra do ninho pela manhã e, a essa hora, teria fome e frio. Tinha de voltar para casa, de repente as horas.

Foi quando Teodoro levantou-se para que a janela lhe mostrasse um vulto atravessando a rua na luz mortíça. E, de cima, ainda viu telhados conhecidos, poças de água, aqui e lá, um silêncio de não estar vivendo. Em passos minguados, Tônico atravessou a cidade, cruzou o rio lá embaixo, abraçando a serra dos Urus. Agora: meia légua para os seus calcanhares desfraldarem a estrada acima. Três queixumes, o amarelo dos ipês e garças brancas, brancas para anunciarem novas águas e só. E mais: no pouco a pouco a estória ganharia concretude no papel, anônima dos passos dele, Urus acima.

# INFORMAÇÕES DE COMBATE

FERNÃO MENDES

**Márcio José da Cunha Jardim**

Fal. Fil. C. Humanas/História

Pediram-me em Florença que contasse os feitos meus e de meus companheiros nas terras estranhas de além-mar. É claro que esse interesse demonstrado por experiências de um cidadão como eu, estrangeiro e militar, em uma terra, a princípio, inimiga, me pareceu muito suspeito. Mas como na roda de cavalheiros só havia comerciantes de possibilidades limitadas, e, além disso, na maioria cidadãos sem qualquer vínculo militar, e meus amigos, não vi importância danosa a interesses nossos naqueles comentários. Desconfiava um pouco de um senhor gordo que não conhecia intimamente mas sabia ser oficial ou graduado reformado. Também, a minha língua solta-se depois de molhada em álcool e minha veia de discrição rebenta-se facilmente.

Surpreenderam-se os ouvintes com um fato que revelei logo no início dos relatos: a maioria dos navios encaminhados por nosso rei à terra dos bárbaros perdia-se antes de alcançar o objetivo. Sem querer, tinha dado conta a eles de uma grande fraqueza: nosso poderio bélico no momento da captura era reduzido e só tínhamos condição de vencer porque as bestas nativas reagiram com recursos inúteis — lanças ou archotes. Revelara, de passagem também, o vulto dos prejuízos que nos enfraqueciam de maneira atroz (Soubessem eles que esse des-

gaste era já tradicional e contínuo e a minha estupidez teria conseqüências ainda maiores).

Enquanto procurava reunir todas as coisas interessantes das conquistas, lembrei-me de um episódio especial cujo relato poderia servir como geral. Lembrava-me de todos os seus detalhes talvez porque tivesse agido como comandante ou porque acompanhara a ação passo a passo, durante os vários dias. O combate a que me refiro se deu no outro lado do mundo, numa ilha pequena, porém de importância estratégica fundamental para a conquista do continente dos bárbaros.

Fiz uma pequena explanação de aspectos logísticos e diplomáticos, de início. Ao chegarmos à vista de terra, encontrávamos-nos em grande parte desfalcados do poder de ataque. Mais ou menos dois terços da frota perdidos, com a conseqüente sangria em homens. Desse modo, após uma breve distribuição de forças por vários lados, sentíamos o valor de uma missão diplomática com fins de informação. Comentei a necessidade que sente um comandante de saber detalhes do que vai encontrar à frente, principalmente quando se trata de inimigos de guerra. Geralmente, as nossas missões duravam de dois a três dias ou horas apenas, dependendo da receptividade dos representantes nativos. Um bom agente permanece ao lado dos chefes fingindo amabilidades até o momento em que tem absoluta certeza de conhecer bem as suas possibilidades.

Hoje quando tento rememorar os fatos que narrei cada vez mais me lembro da riqueza de informações que entreguei à roda. A tática militar de captura que, invariável, se mostrava sempre eficiente foi a de estabelecer apoio de artilharia e tomar as elevações o mais rápido possível. Colocava os homens em posição e grandes balsas lançavam-nos à praia. Desembarcamos o maior número possível de pequenos canho-netes para apoiá-los e avançamos para o interior, atirando e gritando exageradamente como recurso de choque. Tomamos, muito facilmente, os montes próximos e desse ponto em diante, o resto era conseqüência fácil. No caso dessa ilha, chegamos ao requinte de encerrar a luta e exigir a rendição dos nativos.



Num determinado momento da narrativa, alguém estranhou que a resistência fosse tão fraca que permitisse desembarcar com facilidade e avançar sem obstáculos fortes. Expliquei então que esse era um fato que já vinha nos ajudando há muitos anos e que nunca encontramos oposição séria em qualquer parte do continente das riquezas. Acho que, a essa altura, grande parte das riquezas eu já as tinha perdido, quebrando o sigilo desses fatos. Contei, até mesmo com orgulho, que o mais sacrificado dos militares na conquista da ilha tinha sido eu mesmo, tendo que gritar a toda força, correr de um lado para outro, impulsionando e orientando. A frase com que tinha resumido a ação foi fatal: um soldado com uma arma de fogo na mão valia por mil nativos. E nessas paragens, encontrar uma resistência de mil nativos era uma experiência rara.

Sentia-me bem contando a outras pessoas as minhas realizações e praticamente não escondi nenhum detalhe. Fui tão desastrado que, falando sobre a atitude que tomávamos para administrar e garantir a posse dos domínios, fui interrompido por aquele senhor gordo que pedia para prosseguirmos a conversa mais tarde e não percebi as segundas intenções do gesto. Alegando que já era hora da ceia e que os jantares italianos, eu sabia, eram os melhores da Europa e que eu poderia retomar mais descansado a narração após satisfazer a carne, convidou-nos a todos da roda a jantar em sua casa, onde teria prazer em receber-nos, e foi por aí se desmanchando em recursos. Aceitamos todos, enlevados, eu e os meus ouvintes, pela beleza das aventuras e também pelo ambiente criado pelo vinho e pelo clima ameno e desinibido da conversa.

Jantamos, é claro, regados os pratos com vinhos italianos a que eu não pude resistir. Com as pernas flutuando no espaço e a cabeça também, não dei atenção aos cavalheiros que foram introduzidos pelo anfitrião na roda e que se mantinham discretos e reservados. Acho que no decorrer da noite cheguei a por a mão no ombro de um deles e ser correspondido no gesto simpático.

Naquela noite fiz um relatório completo dos deveres, privilégios e provações de um comandante militar em uma terra con-

quistada. Creio ter enumerado todas as precauções de ordem militar, as de ordem administrativa e comercial. Não podia conter o prazer de descrever a construção de armazéns na costa e a satisfação que sentíamos ao ver saírem deles carregamentos enormes de madeira valiosa e outros produtos de valor incalculável na Europa. Nossa satisfação, diria eu, vinha em grande parte do fato de sabermos que tínhamos aquela grande fonte só para nós, que ninguém se atreveria a fazer empresas como as nossas.

A estupidez tinha me dominado por completo. Creio que uma grande razão para o meu extravasamento infantil foi o fato de ser quase um abstêmio. Não me controlo depois de poucos vinhos. É claro que com isso não quero apresentar uma desculpa mas era, devo ressaltar, a inteligência de quem ainda não sei, pondo ao meu alcance as armas contra meus pontos fracos: vinho e mulher. Embora quando uma mulher apareceu na sala eu já não tivesse os olhos bem abertos, lembro-me de perseguir uma saia num corredor estreito em qualquer lugar da casa. Possivelmente a essa hora já nada mais queriam de mim.

Os problemas que enfrento agora me parecem invencíveis. Quando meu ajudante de ordens deu-me conta do que tinha se passado, revelando estarmos detidos, perguntei espantado pelos meus amigos, por que tinham feito aquilo, porque me isolaram. Mas talvez eles mesmos não soubessem de nada. Talvez alguém, que até agora não tenho certeza ter pressentido, tivesse se aproveitado da ocasião e conduzido minha indiscrição aos limites que lhe pareceram necessários. Além disso, com o fato consumado de ter me tornado um informante involuntário, como farei para reparar os danos? ou ainda: adiantaria alguma coisa para mim ou para meus pares? O fato é que fiz revelações e elas abrirão os nossos trunfos a outros que certamente irão se aproveitar deles. Mas o que desejo que de alguma forma ultrapasse essas paredes que me cerceiam, é a minha profissão de desespero e de inconstante vontade de combater novamente pelo meu Rei, o qual gostaria eu tanto que sentisse os protestos de fidelidade que tento enviar.

# ODIADO É O DIA DO DIABO

GROZA

Stela Cardoso de Carvalho

Faculdade de Letras

Quatrocentos anos e tantos de pilares semi-consistentes, cultura e civilização, impregnados n'alma. Meu avô de cabelos brancos entoava cantos à noitinha, sentado à beira da cama, cigarrando tranquilo. E os meninos, bocas abertas, olhos cerrando, dormiam sonhando casos assombrosos de escravos fugidos, resposta, joaquina do pompéu, capitães do mato, jagunços e assombrção. Cinema falado, história em quadrinho, primeira namorada, literatura, rio e estrada. Vinte anos. Solidão.

Há em meu quarto um daqueles retratos de velhos casais que enfeitam a sala-dos-bocejos das famílias. Pouca gente tem enfeites assim: não combina com a mesinha, que não combina com a cama, que não combina com a outra nem com o guarda-roupa. Também não sei quem são os distintos nem como vieram parar aqui. Amanhã vou perguntar à dona da pensão se por um infeliz acaso ela se esqueceu de retirá-lo quando aluguei o quarto.

Amanhã é o dia do diabo, tenho de me decidir. Lucinha prometeu-me se comportar como uma verdadeira mulher, não vai chorar uma lágrima. Ela o espera como se eu já o houvesse fixado. E sofre. Não diz uma palavra sequer a respeito como se quisesse fazer-me esquecer, desistir de tal idéia. Mas





M. Caldeira

seus olhos procuram a resposta nos meus e a encontram, firme, irreprimível. Não por talvez ser um ótimo fingidor: vivo a angústia de algo a acontecer como se já houvesse acontecido, mesmo sabendo das mil probabilidades de não acontecer; assim como um ator crente em ser o personagem que está vivendo. Pré-angústia.

Lucinha engorda a cada dia. Suas visitas têm-me feito muito mal — e bem. Gosto de acariciar-lhe o ventre, recostar a cabeça em sua barriga cada vez mais crescida e ficar ouvindo seu interior, fingindo-lhe ouvir as palavras. Não deve haver melancolia, mas há, tanto em seu rosto como no meu. Ainda não aprendemos a fingir, e é melhor assim. Fala-me de nossas andanças — muitas alegrias — e evita revivê-las em sonhos, temendo que eles perdurem. Amanhã é um outro dia, não é fácil aceitar. Compreendo. Solidão como antes, como sempre é e será. Pode-se conseguir torná-la mais amena, nunca exterminá-la. E nós conseguimos muito: um amor só, verdadeiro e cômico, de duas pessoas conscientemente solitárias e preparadas para serem felizes sem uma fuga desnecessária de suas condições. O amor é egoísta, se satisfaz em satisfazer o outro, senão seria fingimento. Individualmente. Assim é para que possamos continuar. Infinito.

Lucinha não sabe, e não pretendo fazer-lhe segredo, ela tem certeza disto. (Segredo só é revelado para quem não precisa sabê-lo.) De quando em vez lembro-me de certas decisões tomadas há tanto tempo, maneiras de agir impossíveis, ou quase, de se contrariar, partes de personalidade, coisas esquecidas na memória e presentes em nossas ações. Logo quando nos conhecemos, Lucinha e eu nos prometemos nos despir inteiramente um para o outro, mostrar todos aqueles carôçames escondidos, abrí-los e deixar o outro ver a podridão daquelas sementes, aqueles cirros encistados inconscientemente pela náusea provocada, pelo horror e medo que nos causavam suas presenças em nossos corpos. Tudo fazíamos para escondê-los, ignorá-los, esquecê-los, sem notar que tais sementes era a nossa posse mais autêntica, o sêdo, e não a tentativa de não ser. Você se lembra o quanto faz mal manter segredos, pecados

inconfessáveis. Não lhe farei segredo, será amanhã, decidi agora. Se este relógio estiver certo, e não me atrevo a dar certeza, são onze e quarenta e cinco. Faltam quinze minutos para o dia do diabo.

Não vou dormir, aproveitarei a noite toda escrevendo cartas, bilhetes, recados, e quem sabe, faça um testamento de minhas bugigangas. Posso também mudar de idéia, muitas vezes o fiz sem um mínimo de remorso, sem levar em consideração um pinga de responsabilidade sobrado dos velhos tempos e que ainda teimo dizer possuir. Além disto, quero saber a quem pertence o retrato. Sei, é pretexto para adiar minha resolução, mas há de fazer de outra maneira se se quer assim? E deixar, quero saber. Se levantar bem humorado, talvez pergunte à d. Maria se são seus pais (e ouvi-la falar da família por horas seguidas), ou se foi achado nalgum canto do porão — onde devia ter continuado mofando — ou se pertenceu ao antigo inquilino, meu desconhecido, e do qual tem me falado bastante como péssima recordação e três meses de pagamento sem acerto. Ah! avisá-la, talvez não receba o pagamento deste mês. Estou sem um tostão. Pensando bem, posso deixar como herança para a Sônia esta dívida.

Amanhã, logo após o café, passo em cada quarto filando um cigarro, pego uma caixa de fósforo na cozinha, volto para o meu cubículo e tentarei adivinhar como vim parar nesta pocilga e pensar nas coisas que havia planejado fazer até sábado passado. Os planos foram todos por água abaixo e inda hoje não consegui achar o erro. Lucinha me culpa, e eu, o meu patrão. Afinal, pouco importa agora saber quem errou, empregado tem dessas coisas. Também não sei que idéia fraca foi aquela minha de arranjar patrão. Poderíamos ganhar dinheiro de uma outra maneira, fomos confiar no salário e... rua, emprego e barracão. E não foi o pior, senão ainda poderíamos pensar em alugar outra casa e veria o meu filho nascer. "Sua tristeza vai acabar, um passarinho me contou." "Ah, Lucinha, se pudesse ouvir os passarinhos como você, não seria triste. Fala, quero saber." "Não foi só o passarinho; o vento me sussurrou aos ouvidos e o riacho cantarolou toda a

noite: estou esperando um bebê.” “Verdade?” “Verdade.” “Não, é mais um conto das fadas, está na maneira como falou.” “Ô meu amado, acredite-me. Olhe para o campo, as flores não conseguem mentir.” “Mulher, você é maravilhosa.” De-sejei-o, amei-o — felicidade e desgraça. Foi como se todas as coisas voltassem a ter sentido. A estrada pareceu-me novamente a salvação; muito mais, não havia terminado, começara naquele momento. Curto engano, tudo continuou sem sentido algum. Não adianta renunciar à estrada como o fizemos, voltar à vida de nossos pais acreditando estar semeando o trigo capaz de vencer o joio. Eles também pensaram estar a estrada se iniciando quando nos semeou; um sonho lindo. Estava também a sonhar, e não importa, é o meu filho, é o meu sonho, e os meus sonhos tenho todo o direito de sonhá-los. O acidente: inundo o mundo de zumbidos e imundícies, me disse a caminhoneta, e fui jogado para o lado e caí e passou outro carro e não vi mais. E o sonho acabou. Mas teimo.

Vou aproveitar esta noite que o braço não me dói. Se quiser, amanhã durmo a manhã inteira; é só fechar a cortina-de-pano-de-saco-de-aniagem-daqueles-bem-furadinhos. Se quiser também, deixo esta gangrena se infeccionar de vez, não tomo mais nenhum benzetacil, nem os comprimidos, nem os outros dois anatox, nem faço mais curativos: fim de situação sacal. E quando a febre vier, vou achar pouco e bom, esse cobertor nunca cobriu frio algum. E quando Lucinha não conseguir mais analgésicos anísicos e as dores chegarem, não as receberei. Mas elas são intrusas. Posso então levar a sério minha decisão e amanhã será o dia do diabo, tomarei dose letal. Se não o fizer, serei obrigado a inaugurar a semana do diabo.

Tenho viajado bastante pelo dentro do meu corpo, vasculhando recantos e segredos, tentando decifrar mistérios impossíveis de se decifrar; mistérios inexistentes. Chegou a hora de inventar novos mistérios. Não é preciso dizer é preciso, o tempo de precisar já passou. Existem milhões de falsos pensamentos soltos pelos arredores de gestos cansados, numa tentativa teatral de se libertarem dos próprios atores, ou

da própria vida. Não quero saber mais disto, quero parar de pensar.

Só por estar imobilizado, dá-me vontade que deixe tudo acabar. É impossível tomar outra vez a estrada, mochila às costas, sorriso nos lábios, sentido qualquer. A estrada sempre tem um sentido, é a minha vida normal, está no sangue venoso e arterial, na face direita e esquerda, no meu todo.

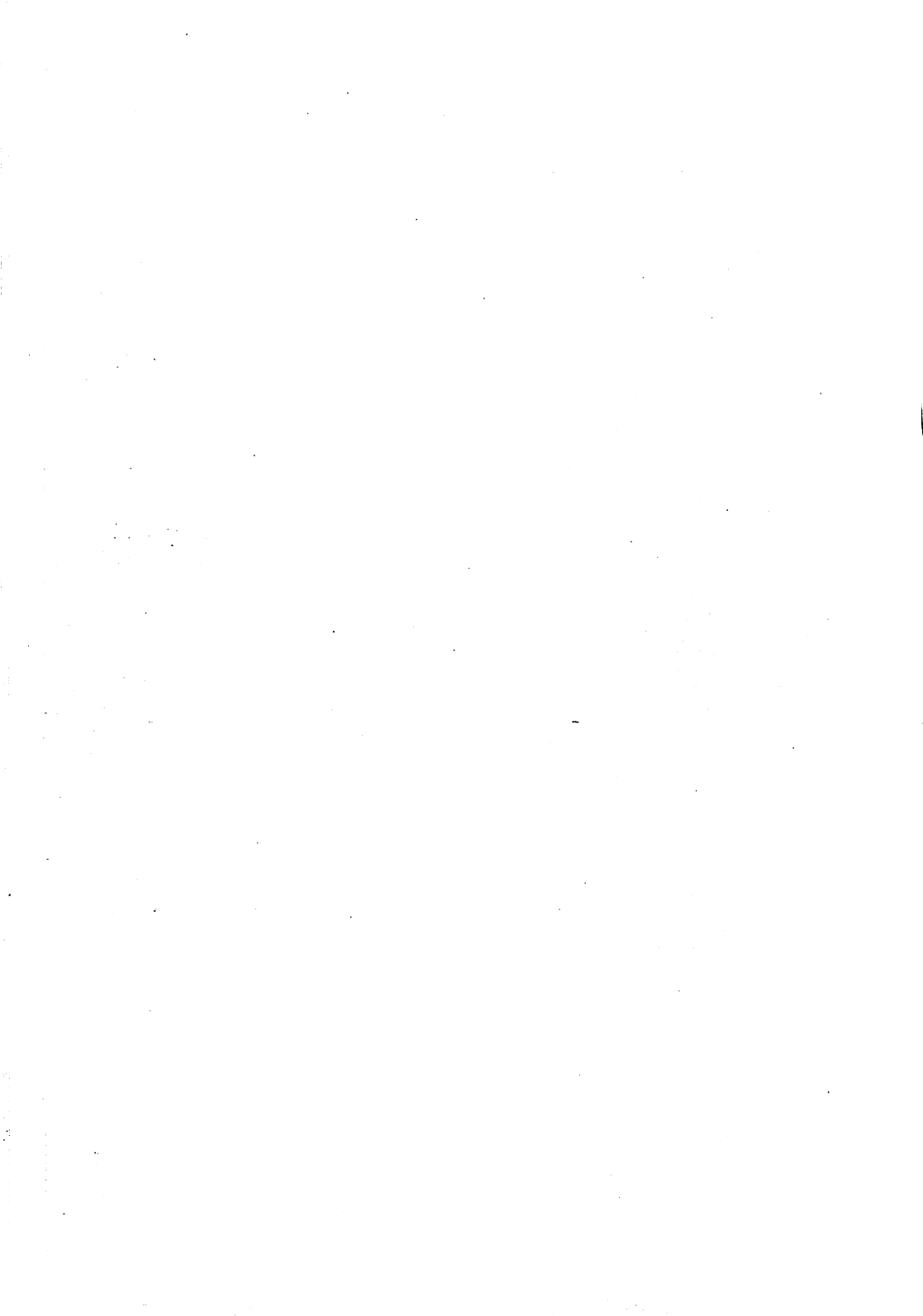
A menina não quis acreditar em mim e continuou triste olhando as pessoas tristes passarem do outro lado da vidraça. Recado: "Menina, não é necessário estar triste agora, eles não vão mudar. Nós temos a estrada à frente, um desafio, uma ponte a construir, um rio de águas turvas em nossas veias, e sobre ele vamos erguer o concreto, romper nossos laços de família. Você não quis me acompanhar, isto acontece. Outro tempo passa e passa outro e você acaba se decidindo." Foi maravilhoso tê-la encontrado meses depois com o Tico numa barraca à beira estrada. Este recado é para você, Luiza, é a parte da herança que lhe coube.

O Cabral é uma pessoa notável, ninguém se apercebeu nem quis. Tirante os tiques nervosos somente vistos nos outros e desaparecidos nos heróis, foi um sujeito quase bom, honesto, de antepassados limpos e sem precedentes na lista dos falsos amigos. Prezava-o, quase. Brigávamos bastante, era bom. Menino artiloso, houvesse valia se não tivéssemos brigado, desprezaria, deixava de lado sua passagem, seguisse caminho. A gente se desentendeu o necessário. Agora, alfabetizado, já aprendeu até falar língua estrangeira, quer ser culto, lido. Aprovo. Deixo-lhe os meus livros, os do Zé, os da Carma, os da Rosa, nunca devolveram os meus — os da Biblioteca Pública, todos, e as respectivas anotações. Faça proveito. E quando estiver cansado do mundo que se lhe abriu as letras, volte para a beira do rio, continue sua vida normal. Conseguindo vasta cultura, e depois de sábio e sabichão, vai saber dar mais valor à contra-cultura, e com todo o direito. Assim sendo, fico satisfeito. Muito. Tenho sentido sua falta, peixes fritos, cachaa, truque e casos de assombração. Preferi a estrada ao

rio, a diferença é pouca, foi da parte do destino. Estrada e rio, rioestrada.

É necessário registrar a literatura das estradas. Ontem, quando Lucinha veio me ver, conversamos sobre ela parar de escrever o que tem escrito, e se dedicar a falar da estrada. A estrada é universal. E o nosso filho vem dela. Não sei se o verei, será lindo. Lucinha escreveu o "Recado ao Ante-Nascido." É um poema lindo, literatura das estradas (isto não é rótulo, nem signo, nem significado; é significante, muito). Existem coisas maravilhosas ditas ao ante-nascido: "Talvez fosse melhor não saberes nada antes de iniciar teu caminho..." "... aprende desde logo a ser passivo, sem ser inativo, e a ser consigo antes de ser com tudo." "A todas as guerras, e a todas as matanças, junte sua pequena paz... a todas as amarguras, a todas as desesperanças, junte sua pequena fé... a todos os desesperos, sua pequena ternura." "... e a tudo isto em conjunto, junte seu grande amor. E se isto não te bastar, menino, não te assustes muito, não chores muito (não vale a pena), que o tempo não é nada, o tempo, menino, passa, passa e não para nunca de passar".

Minha tristeza e minha alegria: ter de desistir de ter desistido de tudo. Odiado é o dia do diabo. Amém.



CONCURSO  
DE  
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS  
MENÇÃO HONROSA





# NOSTALGIA

AVACAI

**Eugênio Gomez**

Faculdade de Medicina

Dos nossos velhos colóquios em surdina eu guardo uma palavra só. Sigo. E tanto tempo faz que foi dita, que já não sou capaz de lembrar, hoje, o choque e o som exato. Mas por muita vida carreguei comigo sua tristeza e a perplexidade.

Agora, já não sou alma que se distraia no vôo vertiginoso dos pensamentos. Segui. E o tempo e os fatos endurecem as pessoas. Mas ainda um contraponto fosco de imagens e sons persiste e resiste. Fios e guindastes, tumulto e tumores, e entre os nossos corpos um espaço virtual sempre havia.

Minha memória é péssima e sou mau narrador: sei de impressões, nada sou seguro de fatos: mas o sentido racional das palavras vale menos que a conotação emotiva das acontecimentos, e eu só posso dizer dos sentidos orgânicos dos quais tenho a alma varrida: dez anos atrás havia um sol diferente no ar, líricos violinos ferindo o espaço, um gosto ibérico, um doce ritmo verlainiano.

E a gente caminhando, mudos, sob a luminosidade dourada do quase crepúsculo na antiga avenida.

Você era mulher à beça, sabia onde pisava. Fôlego de sete gatos, sedenta da aproximação humana. Muito segura de si — me metia susto, me deixava pouco homem. E tinha a palavra certa, quando eu me reclinava na hipochondria das curvas de auroras ancestrais.

Curvas e avenidas, auroras e crepúsculos. O meu violão naquele tempo soava a bossa e no fio macio das canções seu olhar era sempre ferido no meu, ao longo de tantos serões (mais tarde você diria não se lembrar mais de Insensatez ou de Corcovado, nem das madrugadas azuis que percorremos a nos murmurar esses prelúdios...). Chega de saudade.

Os tempos de cine-clube, quem sabe a melhor época de nossa vida? O jeito e a mania de saber amar o cinema, de trazer nas veias a sua compreensão. Ciclos e revisões, você caminhando mansamente em minha direção, num travelling genial, assumindo o doce-violento olhar estrábico de uma diva do cinema-mudo e os sorrisos da nouvelle vague...

Rolos e câmaras, gruas e spotlights. The gold rush, Sunrise, Um cão da Andaluzia. Ainda hoje, e mais que nunca, mostro aberta e viva a chaga da nostalgia das salas escuras e dos longos papos louramente regados em qualquer bar do Maleta (anos depois você achava ridícula e mentirosa suposição de que houve um tempo em que vivera mortalmente amofinada por nunca ter conseguido ver La strada, e era por isso mais infeliz que a própria Gelsomina...). The best years of your lives.

Minha memória é péssima e sou mau artesão. O epílogo? Sei de impressões: a terra ardendo. O céu em chama. Foi triste: eu, o ombro num poste de esquina; você, sumindo no longe da rua. Não foi preciso qualquer diálogo.

É claro que eu andava meio louco, o coração morrendo a cada instante, na vontade de *te* levar vida adentro a me assistir a cada ato desse patético espetáculo. Mas você se cace-tearia... Como esperar que você, mulher à beça e intelectualóide de tantos preciosismos, pudesse ser capaz de levar a vida a varrer casa e a partir as unhas em alhos e cebolas?

Mas na verdade não houve epílogo, nem haverá enquanto dure em mim esse micróbio que me deixa chamando, implorando, pedindo não sei bem o que . . . . .

. . . . .  
. . . . . Dez anos depois. Janto triste, vou ao cinema



sozinho, e a leitura de Proust de há muito já não é feita a duas vozes. A máquina de escrever, num canto: afinal, sou uma pessoa adulta. Longe

meu onde

se esconde.

Hoje sou poeta que abate outros pássaros.

# OITO/TEMPOS DE ROSA-FLOR

MUSTACHE

**Regina Lúcia Ferreira Neves**

Fac. Fil. C. Humanas/Comunicação

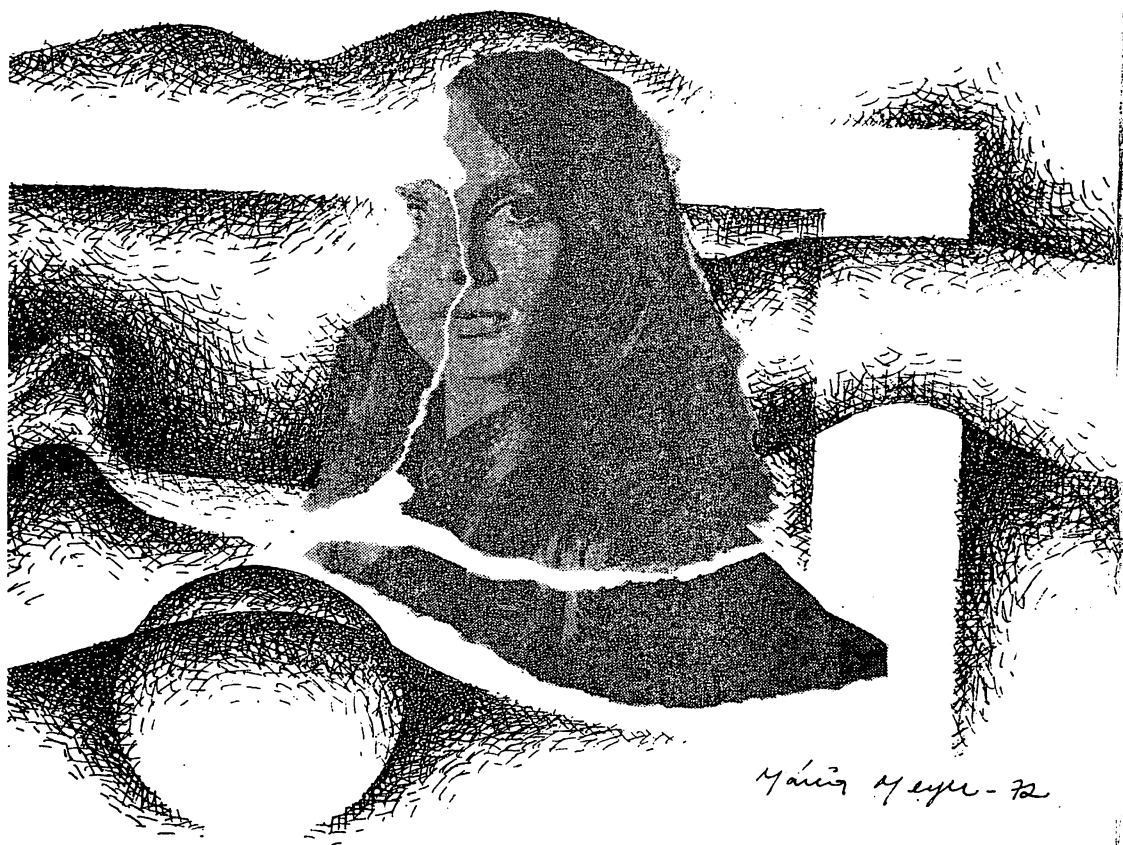
1 — A falta de jeito como um modo especial de ser, sensível, que se tornava tão ela, tão dela, que era como um jeitinho natural de ver, ouvir sentido/tato o sentimento-mundo, inaceitável pelo já estabelecido, falado e dito como o julgamento de/certo.

2 — E havia também os grandes olhos abertos sonolentemente, com uma meia vontade de ver/não ver, que era ela, só ela, ninguém mais que ela.

3 — E a vontade de partir sempre, uma busca desesperada de Pasárgada como resolução do seu tempo/problemas irresolutos dentro de sua incapacidade geral de encontrar uma solução.

4 — E mais o conhecimento de Ser. Ser sempre pelos segundos-vida de sua vida à fora; de não poder deixar de sofrer o sofrimento/dor conjunto à vida. “Ser ou não ser”, pode ser a questão. Mas, “Ser e não sofrer”, esta a sua procura.

5 — E o jeito lento de falar brejeiro, frases curtas de sentimentos mal retidos, de um soli/colóquio e, de novo, o modo de sentir, inexpressável. Deixando transparecer ignorância quando a verdade seria vivência de fatos maiores, que os outros um dia chegariam a pressentir numa meta-psico-linguagem



Y. A. Meyer - 72

retardatária em relação à sua concepção vida, sentimentos, sons e imagens.

6 — E uma incapacidade total de amar o uno, uma só pessoa. Incapacidade fragmentada na imensidão do amor dividido pelas pessoas e coisas do mundo/universo/plasma. O amor demais se desfazendo no imponderável de se amar um, amor mais certo, preenchível da lacuna imensa de sua vaga vida, desfazendo-se no dar o amor aos outros e na feliz/loucura de tornar felizes os outros dois e todos.

7 — E a vontade incontida de reformular o mundo dentro de sua verdade, fazer sentir o seu sentido a todos, mas sem a destruição de suas vontades pelo raciocínio; vontade incapacitada dentro de seu modo de se fazer ouvir/sentir.

8 — E a fossa terrível de ver que no mundo todos se olhavam por uma frincha. A certeza de que a incompreensão não nascera de vivermos em ilhas que as ilhas podem ser belas e nas ilhas poderíamos encontrar Parságada sozinhos. Mas a certeza de que a incompreensão/sofrimento nascia de vivermos cerrados em cubículos, vendo o mundo por uma frincha e a vontade de alargá-la até unir-se a um outro/cubículo para achar, enfim, um motivo vivo de Ser, faziam os oito/tempos (de vida) de Rosa-Flor.



# FRAGMENTOS DE UM LIVRO INÉDITO DE CAIO SOVERAL

FLAMINIUS

**Danilo Gomes**

Faculdade de Direito

Não perderás jamais a atração pelos trens-de-ferro que gemiam, sacolejavam, apitavam, lúgubres, na tua infância provinciana — o das cinco da manhã para a Capital, a neblina e o frio na estação construída no começo do século. O frio, o sono, a neblina. O apito e a fumaça. As faíscas nos olhos. A paisagem verde correndo ao longo dos velhos postes de telégrafos. A longa viagem, sonolenta baldeação, a Capital, mundo renovado a cada novo encontro.

Em sentido contrário: as fazendas, a estação rural, os animais arreados, os currais, o pomar dos gansos bravios, o cigarro de palha fumado furtivamente (o gosto inigualável que ficou até hoje no céu da boca, o gosto proibido como o corpo da prima).

Recordarás, recordarás. Sofrerás. Para trás, Caio Soveral, para o passado: a neblina das cinco da manhã na gare, os lúgubres apitos, as manobras terríveis do trem, como dragão furioso mastigando engrenagens de *belle époque*, o cheiro de estrume no curral, a ermida colonial de tesouros insuspeitados, os porões surreais de tenebrosas lembranças da escravidão, os ancestrais modorrando o sono eterno nos espartilhos e nos cavanhaques autocráticos (*De profundis clamavi at Te, Domine*).

*Domine, exaudi vocem meam.*), o cigarro proibido como a prima, como a prima da prima no bangalô à beira da lagoa...

A névoa da madrugada. A poesia dos trens aventureiros, como as caravelas gâmicas. Os currais com seu estrume. A terra com seu cheiro de mato. O gosto que ficou até hoje. A intocável prima da prima intocável.

Não esquecerás, não esquecerás.

E essas ruas com bares nas calçadas: é preciso não perdes também a esperança do vermute e do cognac bebidos ao entardecer, sob as árvores outonais do “Deux-Magots” ou do “Café de Flore” (*Tityre, tu recubans sub tegmine patulae fagi, meditaris musam silvestrem tenui avena...*), enquanto passam as silhuetas dessas mulheres elegantes que acontecem e se vão para sempre e são como fugazes cintilações da estrela Ásper, da remota constelação de Zione. É preciso não perdes a atração e a esperança: à tarde, à noite, no “Café de Flore”, ouvirás canções de Mireille, um vento de chuva varrerá as folhas, apertarás certas mãos nas tuas e sentirás novamente o gosto da solidão do tempo antes: apertarás essas mãos que arrancaste de um passado de buscas obstinadas, um passado de onde trouxeste dolorosamente essas mãos finas, florais, que apertas. As árvores outonais do “Deux-Magots”. Essas mãos finas, florais, acontecências do entardecer e do lento anoitecer na margem esquerda.

(Uma tarde, cruzamos a ponte, Mílvia, em silêncio. Cruzei, cruzastes, cruzamos, em silêncio, a velha ponte — tu vinhas, ia eu como um animal arredo, com medo e esperança, na busca irrevelada de teu corpo. Cruzamos a ponte, mulher de azul, em silêncio, como estranhos. Depois, rondava teu alpendre, onde madrugavam antúrios, avencas, que plantavas. Rondava, noite alta, teu alpendre. De dia, fugia. Procurava, fugia. Fugia, Mílvia, e depois te procurava novamente).

Lembrarás a lúdica tortura da fuga e da procura: lembrarás. Esse jogo dos tímidos, Caio Soveral, tu o fazias, *et spes non fracta*. Lembrarás também esse jogo de tortura, lembrarás para sempre.

Houve dias e noites e dias e noites de chuvas intermináveis: te procurava inutilmente no vazio jardim, sob a tormenta, na esperança de ver tua alegre face de trigo e esmeralda. As chuvas daquele tempo de agonias, à beira do corpo da amada, lembrarás — é preciso jamais esquecê-las, e jamais esquecer as noites geradoras de distâncias que doíam.

Inútil tentar fugir desses dias longes, desses corredores de hospital, desses momentos de terror nos dormitórios da adolescência, dessas beiras de abismos, dessas lanças de fogo, dessas caminhadas obstinadas em busca do centro do mundo, porto último: o corpo de Mílvia, as mãos de Mílvia, florais, sua boca de cânfora, almíscar, polpa de carne, sangue e esse gosto intraduzível que o amor inventa para recompensar os longos anos de busca e sofrimento.

Sim, Caio Soveral, sim, sim, lembrarás, *poscunt fidem secunda, at adversa exigunt*. Basta chover para lentamente penetrares nesse mundo umbroso, Eros e Tanatos, horto secreto, golfo de lembranças. Terás de ser sempre forte sobre esse território vulcânico, embora aplacado ao peso dos anos. Terás de ser forte: reviverás sempre.

Ah, ouviste os apitos, viste os moribundos de olhos vítreos, beijaste enfim a boca de sândalo de Cafarnaum, cânfora de Samaria e almíscar de Farsália, sentiste o terror nos dormitórios após os demônios do Cura D'ars, viste os olhos vazados dos anjos barrocos no templo vizinho ao imemorial cemitério, cruzaste a ponte em silêncio, cobiçaste os cognacs dos cafés da Rive Gauche, rezaste os salmos e as antífonas, leste Virgílio, Horácio e Salústio entre os eucaliptos seculares, empunhaste as velas pascais, ouviste os sinos setecentistas, apertaste aquelas mãos depois da grande tempestade, ouviste Bach toda uma tarde na biblioteca de teu morto avô.

Sim, lembrarás de tudo, de tudo. Até o último de teus dias, lembrarás de tudo. *Quae fuit durum pati, meminisse dulce est*.

Entretanto, sabes: certas lembranças serão silêncio: toda imagem, então, será esquecimento, será tudo passado sem memória. Assim deve ser. Esquecerás o manequim Ulla, a ae-

romoça Helga entre Roma e Bruxelas, a jovem condessa Tatiana Katiova, a universitária Lavínia. Esquecerás o perfume único da condessa e o permanente sorriso de Lavínia entre os vidros do restaurante e entre os livros. Esquecerás as músicas das cítaras do tempo de Lavínia, mas tudo será realidade nos silenciosos vales abissais. Será tudo passado sem memória, toda imagem será esquecimento, toda lembrança será silêncio. Lavínia, principalmente, será esquecida, como se nunca existira. Descerá, descerá sempre essa chuva de dezembro, como faíscas passionárias que acendem lembranças: mas tudo será lançado ao esquecimento, afogado no mar secreto e poderoso onde se eliminam os resquícios das caravelas aventureiras da juventude.

Sim, sim, toda imagem será esquecida. Teus lábios serão esquecidos. Esquecidas tuas mãos de sonata. Teu corpo, também de sonata, Tatiana Katiova, teu corpo será esquecido. Teus cabelos, coloridos de ouro velho por antigos desejos insones, Helga, teus cabelos de ouro velho serão esquecidos e permanecerão flutuando para todo o sempre entre Roma e Bruxelas. E teus olhos, Lavínia, teus olhos incrivelmente belos, castanhos e alegres, teus olhos, Lavínia, teus olhos serão esquecidos no canto do restaurante e nas páginas dos livros.

Serão todas levadas lentamente pelas águas da chuva, sepultadas na madrugada cinzenta onde ressoam ainda os sons de uns boleros muito antigos e, incrível!, de uns cantos gregorianos ouvidos nas naves barrocas da angustiada adolescência. Sim, todas serão esquecidas, esquecidas, esquecidas, como se nunca houveram existido.

Sim, esquecidas, sim, lembradas, sim, novamente esquecidas e novamente lembradas, Caio Soveral, serão todas as coisas de tua vida, até que morras e te escrevam na lápide uma frase latina, que te fará muito mais facilmente esquecido, entre os ciprestes que se agitam aos ventos do entardecer, na colina de Santoral.

# DULICA DOIS GRAUS A MAIS

DINAH

**Sandra Lyon**  
ICB/Medicina

(Recado a Dolores do Val quando um dia o velho mundo a dois graus.)

: aconteceu do calor ali já pesar em graus, a febre que ardia mais e mais nas últimas horas. Juntando grau a grau, a ameaça de incendiar toda uma extensão ao redor, até o desaparecer provisório: no sono, pouco a pouco era pacificado.

Alguma coisa, hoje de manhã, ou outro dia que não se lembrava mais, parecia ter levado Dulica para longe, outros voos. O quarto se tornava pequeno no tempo, já não a cabia mais, ela, sua febre e seus voos sem asas. Os vidros de remédios enfileirados na ordem certa e desejada, os cobertores jogados de incômodos que se tornaram, tudo parecia se esvaziar do quarto. As paredes vinham apertando-a, cada vez mais perto, mais e mais no ar pesando quentura.

Um grau: foi quando o avião passou lá em cima, o voo puro, limpo e desenhado. Um ruído rouco, adormeceu a tarde nas dezoito horas daquele dia. Quis voltar, as pessoas cá embaixo engoliam ainda em seco a despedida. Quis, apoderada que foi de repente dos seus mundos e, cada vez mais, movia-se ágil e rápido o avião, rumo a outros espaços. Foi e só, ela.

No aeroporto ninguém à espera. Ficou ali parada sustentando a decepção, olhava e, olhando uma vez mais, presenciou-se só. Apenas os olhos espantados de medo, ela que

nem se importaria fossem outras épocas e, então ficaria ali parada mesmo numa felicidade tranquila. Quadro completo: a limpeza e elegância, que brotavam do ambiente, cansativas, tão limpas e elegantes eram. Uma descoberta puxava outra e o que não sabia era precisar na exatidão o mundo rodopiando ao seu redor, o fio da meada. Quase arriscou um palpite, mas limitou-se, apenas por algum tempo, a seguir as pessoas num indo e vindo, no sumir e aparecer súbito e renovado na quina da rua. Foi quando veio o menino vestido de marinheiro, dois olhinhos vivos e miúdos bloqueando o ambiente. Para onde ia? E, em gestos largos, ela pôs a explicar que só queria uma visão de coisas novas. Só a perspectiva de conhecer outros mundos, nem se importava que ruas, que praças. Só reviver queria. E partiram.

A criança que se tornou, — menininha deste tamanho assim — no domínio mágico da nova aventura. Na curiosidade mal contida, a cidade se abria palmo a palmo, casa a casa, ruas a fora. E, no ar, o gosto de gerânios acomodados em jardineiras às janelas, com suas variações, seus reflexos. De quando em quando, a torre da catedral mesquita vestia-lhe os olhos depois de ruas estreitas e silenciosas. E mais: só primavera.

Aconteceu de abrir pergaminhos, as fronteiras incomodavam-lhe sempre: queria tagarelar na manhã londrina ou parisiense, sabia lá. E gastava essa certeza quando o deixou ali: o seu passo não seria mais dependente do menino marinheiro. Deixou-o ali, na espuma do seu peso, a meio transeuntes. Agora: o mundo se desabrochando diante dela, assim em estado de graça. Nem olhar para trás quis: ele, os olhos feridos, tão lágrimas.

Daí em diante, pode navegar só caminhos novos, o desconhecido tornou-se uma geografia minguada. E veio o enfado porque todas as coisas e gentes cansam um dia para todas as pessoas. Foi quando a novidade amarelando, tão velha estava, que Dulica lembrou-se ainda meio distraída do menino marinheiro e sentiu o vazio que ameaçava invadir tudo. Hesitou pensativa na decisão a ser tomada e, na tímida convicção,



iniciou a busca. Do ponto de partida, uma busca determinada varreu os cantos todos, seus instantes de eternidade.

E mais meio: a febre crescendo, e cresceu saindo do quarto aos tropeços. Quis um copo d'água e pediu por pedir, nem sabia se a sede a incomodava mais. E veio a água e a febre que retomava o ataque. Os pensamentos queriam se reorganizar na febre deixando de andar só dentro do quarto, vasculhando a casa toda. O calor tentava agarrar alguma coisa, sem saber precisar o que. Porta aberta de repente, ele saiu às ruas, tantas maravilhas se respingando lá fora. E com força maior levou Dulica tão alto que ela podia dizer da altura do sol.

E torres, podia escolher qualquer torre, tantas as torres no país dos diques. Na mágica estabilidade do alto, a tarefa de ver, suficientemente longa a visão para não querer ir mais além. E fantasia não havia nenhuma na paisagem, até que cortada por uma linha do horizonte. O menino marinheiro, que amava o mar, podia estar ali ao alcance de sua busca. Ele que gostava de mar e todos os marinheiros amam o mar, podia estar nas águas brilhando à luz do sol, intensa. Podia e até podia, só que o mundo inteiro o mar, tão água e sal, o mar. Então, largou a dúvida desse jeito, do tamanho dos trilhos da estrada de ferro que se perdiam onde o horizonte se perdia. E lá começava a fantasia. “Estradas de ferro vão deixar de existir, um dia”. Foi explicando “Existem máquinas mais velozes, máquinas que não engatinham em trilhos”. Naquele tempo, ela quase compreendeu quando ele falou e, agora, procurava não compreender, nem queria: eram como fios de prata, os trilhos das estradas de ferro de lá, o alto da torre. E a certeza do vento vinha na terra dos diques, quando os cataventos de bronze dardejavam sobre os campanários. Era trazido pelo vento, o menino de vestes brancas e azuis, da brancura dos barcos, assim, ao longe, misturados às árvores. Barcos e árvores, juntos, incomodavam a sua visão porque os canais teimam até hoje em ser mais altos que os campos circundantes, quem acreditaria.



Nem acreditar quis quando Volendam riscou-lhe as pálpebras. Foi assim, nem sabia explicar: a brancura dos barquinhos deu lugar a velas vermelhas, milhares. Vermelhas e silenciosas como borboletas. Com o passar do tempo, pode compreender, quase descoberta, Volendam não existe mesmo, porque é a cidade dos contos de fadas. E já não há lugar para contos de fadas hoje em dia. São suas casinhas de madeiras, as cortinas de renda que, de janela em janela, costuram beleza aos retalhos, janela a janela.

Dois graus: o Sena corria encurvado na idade e se perdia onde a vista se perdia. Dulica acompanhando-lhe as margens num sorriso esboçado e sem saber porque. No ar só o gosto dessa estranha estação, as cores que lhe punha nos olhos. Era de manhã e ela perguntou ainda se o velho, que costumava ficar por ali, havia visto o menino marinheiro. Assim: olhos miúdos de marinheiro que sonda o horizonte, a roupa branca da marinha mesmo, os seus azuis. “Meninos marinheiros só existem em álbuns de retratos de família”, adiantou o velho. Depois os meninos crescem e morrem e, da vida, sobram pequenas lembranças emoldurando o desbotado da fotografia. E não existia mesmo, podia acreditar e, foi falando empolgado e olhava cúmplice para o rio à medida que ia falando. Ela viu logo, a compreensão calada, rio e velho, o arqueamento tentando desembaraçar as estradas caminhadas, inútil, inútil.

Indiferente às suas buscas, o rio ia cortando a cidade em duas e, de repente, abraçava Cité e St. Louis, a meio Sena. Dulica, pisando-lhe os braços, alcançou uma das ilhas, ali pombos esperavam migalhas de pão. Foi fácil conversar com eles e, num só coro, puseram a explicar que, há dois dias atrás, o menino estivera ali. Quis saber mais alguma coisa, a sua penúltima ilusão, mas eles voltaram todos às migalhas novamente, a sua quietude de sempre. Fora devagar, a outra margem. E, se à tardinha o sol ameaçava se por, ela esperava o retorno das pessoas às casas. Ofício de tanto tempo, passar às padarias pela tarde, o pão novo, desembrulhado debaixo do braço. A cidade inteira cumpria o mesmo rito e nunca acon-

teceu-lhe ver o menino marinho. Só tardes e manhãs estrangeiras, o céu, tulipas e a torre calcando o horizonte.

Agora: não queria se render e acabou se rendendo. O ar já não pesava tanta quentura, concentrando apenas numa mão firme sobre a testa. Foi a chegada: tudo se resumindo novamente nas paredes a sua volta, numa lucidez que não poderia deixar escapar. Estava ali, tudo num compasso certo, as coisas ainda paradas esperando por ela, quase a vida toda. E a História voltaria a desenrolar secular: as primeiras aulas segredariam o compasso, amanhã pela manhã. As lembranças, imagens coloridas pouco a pouco se desembaralhando na memória que se organizava, coisas e gentes que tinham existido, mesmo que na sua cabeça somente. Ora, Dulica, a febre da primavera.

# CURTIÇÃO

MONKA

**Mônica de Catella Noronha**

Faculdade de Letras

Pô, Beethoven..., você parou de tocar: o toca-discos fez “clic”.

Você interrompeu o ritmo clássico que eu imprimia à minha meditação...

Isso não se faz, Beethoven!

Por desaforo, vou abrir essas cortinas, vou deixar o sol iluminar minha escuridão meditativa, vou botar um Lennon McCartney no volume máximo e, olhando para você na capa do disco, lamentar profundamente a sua surdez!

**RL**

revista literária

---

**CONCURSO  
DE  
POESIAS**



1º Lugar

## COMPONÊNCIA

PEDRO

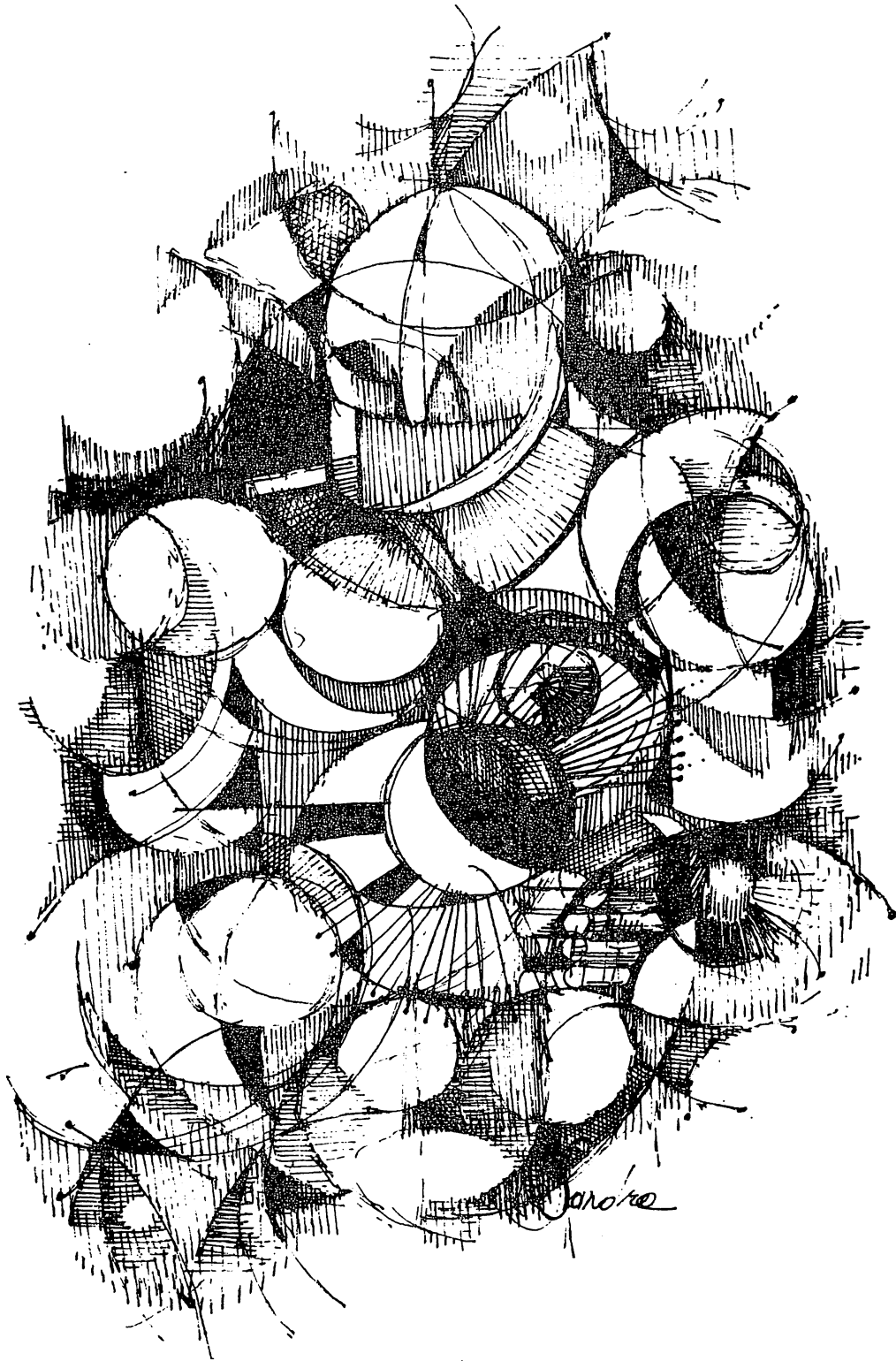
Antônio Carlos Gomes da Costa  
ICB/Medicina

*armadura de gelo  
forjada na noite  
inamanehecida  
meus olhos*

*exata lâmina  
amolada no frio  
do desabraço  
meu gesto*

*penetrante agulha  
abortada de dor  
do desencontro  
minha palavra*

*densa estampilha  
cortada na pedra  
da perplexidade  
meu silêncio*



## ANTES

AZORKA

**Eugênio Gomez**  
Fac. de Medicina

da arte  
de, por 3 esta-  
ções, dormir como um  
rei de frança e balbuci-  
ar um sorriso ante a pers-  
pectiva de um dilúvio, ve-  
nho vindo, anacoreta de re-  
cônditos organismos, sem no-  
ções de cronologia e trazen-  
do a bagagem mágica dos an-  
cestrais, em ventre dos  
mais respeitosos, de-água-  
cercado-por-todos-os-la-  
dos, a matar o tem-  
po nos sonhos mais  
vagos e transparen-  
tes, ilustrados de  
transcendentes paisa-  
gens de que espelhos  
não devolvem reflexos. o hábito de vascu-  
llhar no princípio os vestígios de uma  
concordia, e, mais além  
saber assumir em sepa-  
rado as duas partes  
de onde venho vindo,  
anacoreta de recôn-  
ditos organismos,  
por noites que ja-  
mais amanhecem, on-  
de a única dis-  
tração é espiar a  
dança-ritual dos fo-  
lhetos bruxos na e-  
dificação dessa fraude.



3º Lugar

# VOCÊ

TEOCLÉIA

Maria Consuelo Neiva Porto

ICEX - Matemática

*you não existe  
não passa  
da tarde imensa  
brincando  
fantasias  
de tempo*

*you não existe  
não passa  
de esperança contida  
perdida coragem  
de se mostrar  
por dentro*

*you não existe  
além da rebelião  
(... minha adormecida paz)*

*não se superpõe  
à violência do nada*

*desfaz-se em nuvens  
em cor  
configurado  
na estampa  
da noite  
sem definir  
madrugadas*

*não existe  
senão  
no interponto  
que destaca  
raros instantes*

*não existe  
senão  
na dimensão  
imprecisa  
do tamanho  
de meus silêncios.*



CONCURSO  
DE  
POESIAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS  
MENÇÃO HONROSA



# O LAPSO

SOLEIL VERT

Ana Cecília Carvalho

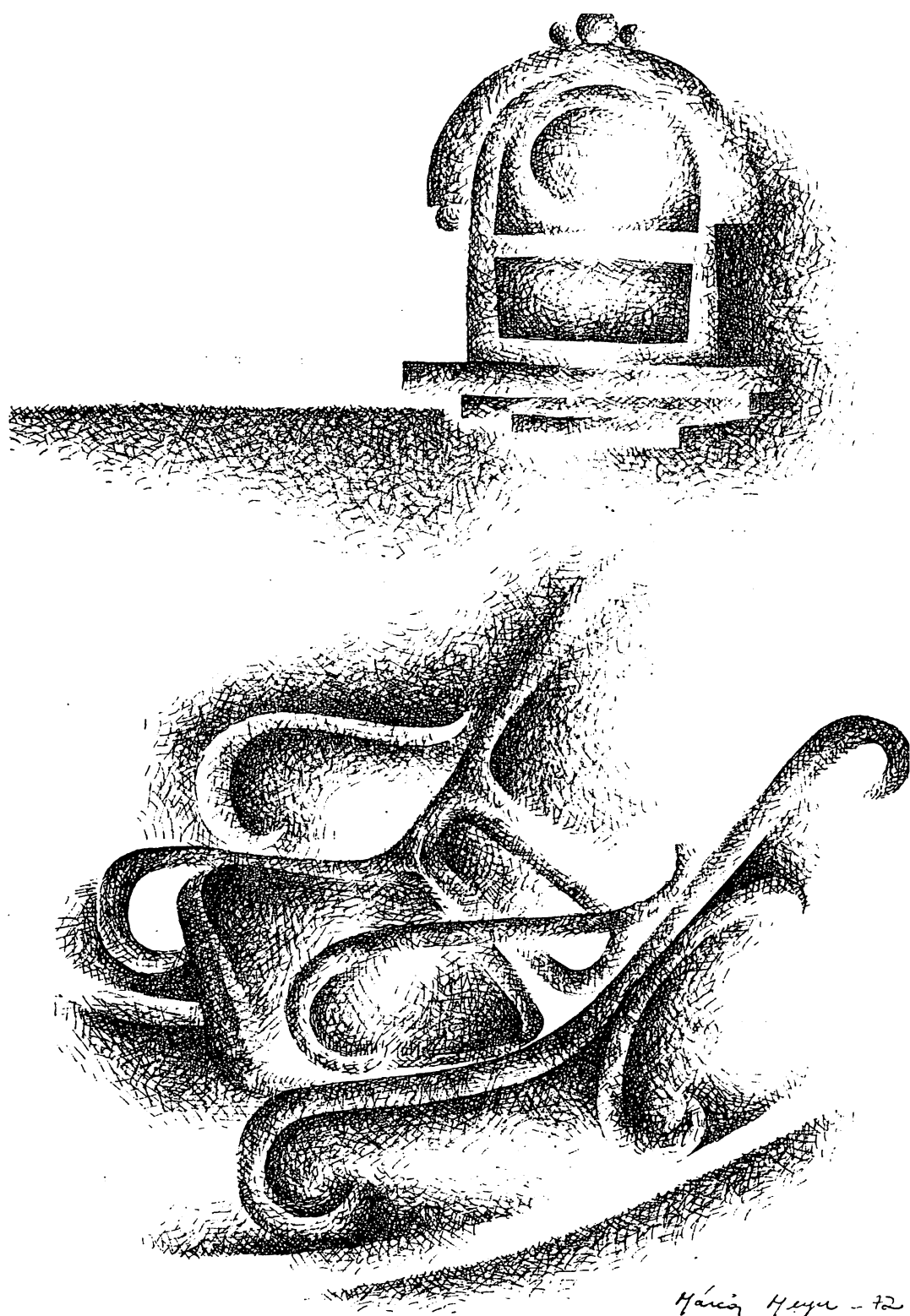
Fac. Fil. C. Humanas/Psicologia

*a calma do feriado em casa  
a música que meu pai põe para tocar  
(florescem telhados amarelos na corte da Saxônia)  
outono das gerações que sinto dentro de mim  
em cada objeto dessa casa  
cada contorno pensativo de rosto*

*a calma da tarde  
quando ainda não é verão exatamente  
e minha mãe arranja folhas cortinas maçãs  
e recosta-se como se lembrasse  
dos longos invernos na aldeia russa  
tudo que ela teve de passar  
tristes viagens no porão para a América*

*essa limpeza que tende para a ordem  
sobe pela música  
o renascimento para a vida nova  
o calor de biblioteca como se as histórias queimassem*

*doce abafada triste calma do feriado em casa  
no meio de seu corpo que descansa*



Маяк Маяк - 72

*surjo gesticulando como um vendaval  
invado*

*mas o olhar das coisas  
a mão-sobre-o-colo das coisas  
pede-me para sentar*

*(vem ouvir um pouco de flauta  
come um pedaço de torta de maçã  
olha que toda a juventude do mundo  
não estremece os laços  
não solta suas asas do que já foi)*

*mas é preciso livrar os braços do passado  
e eu sopro a segurança dessa casa  
com meu vento de inquietação.*



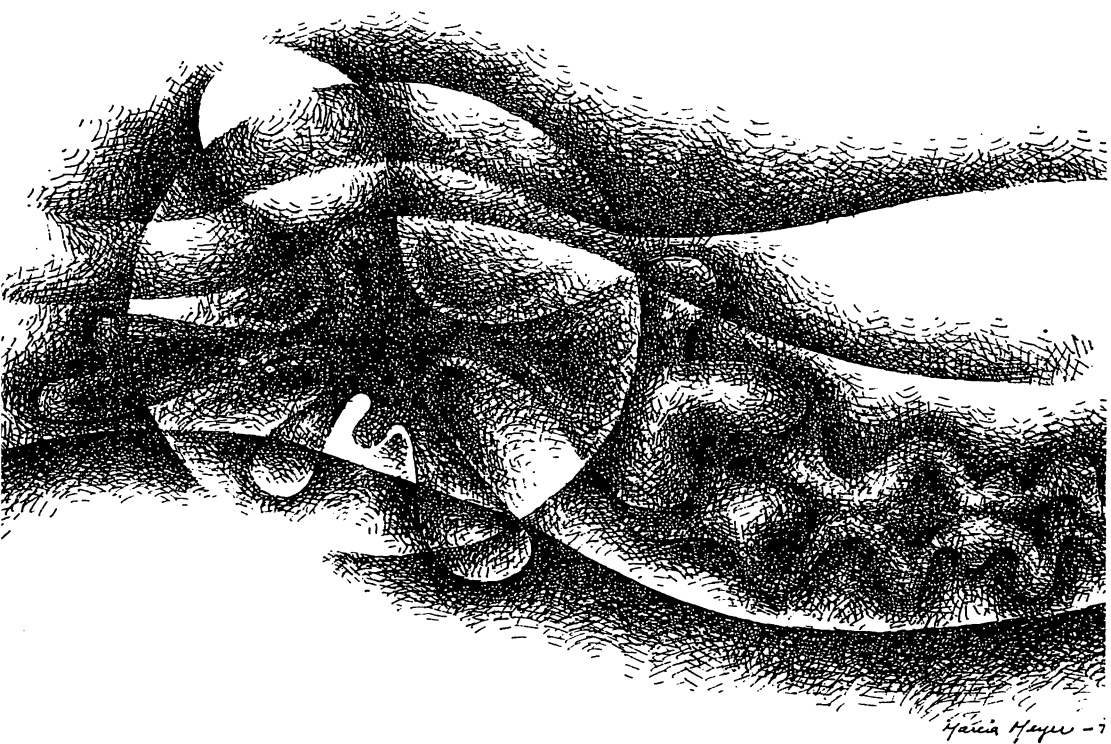
# POEMICIDA

ZENIGO

**Marlúcio José de Godoy**

Escola de Engenharia

*: o repente dessa seqüência resiste-logo existe  
o sol fu(l)gindo nas mãos a linha tortuosa da v  
ida — meandros de rio (sem oceano que copule a  
alma, água, e vingue novo embrião a correr esses  
sertões estéreis), a prudência de carpir as ma-  
nhãs e esboçar durante o poente um sorriso náu-  
frago de transmarítima gravidade, no vôo cego  
busca de um pouso, inerte ou cíclico — o som  
de hinos ou de outras fanfarras, no cumprimen-  
to dessas distâncias — a trágica comicidade da  
biologia das gentes.*



# REMINISCÊNCIA

LARMO

**Luiz Fernando de Souza Emediato**

Fac. Fil. C. Humanas/Comunicação

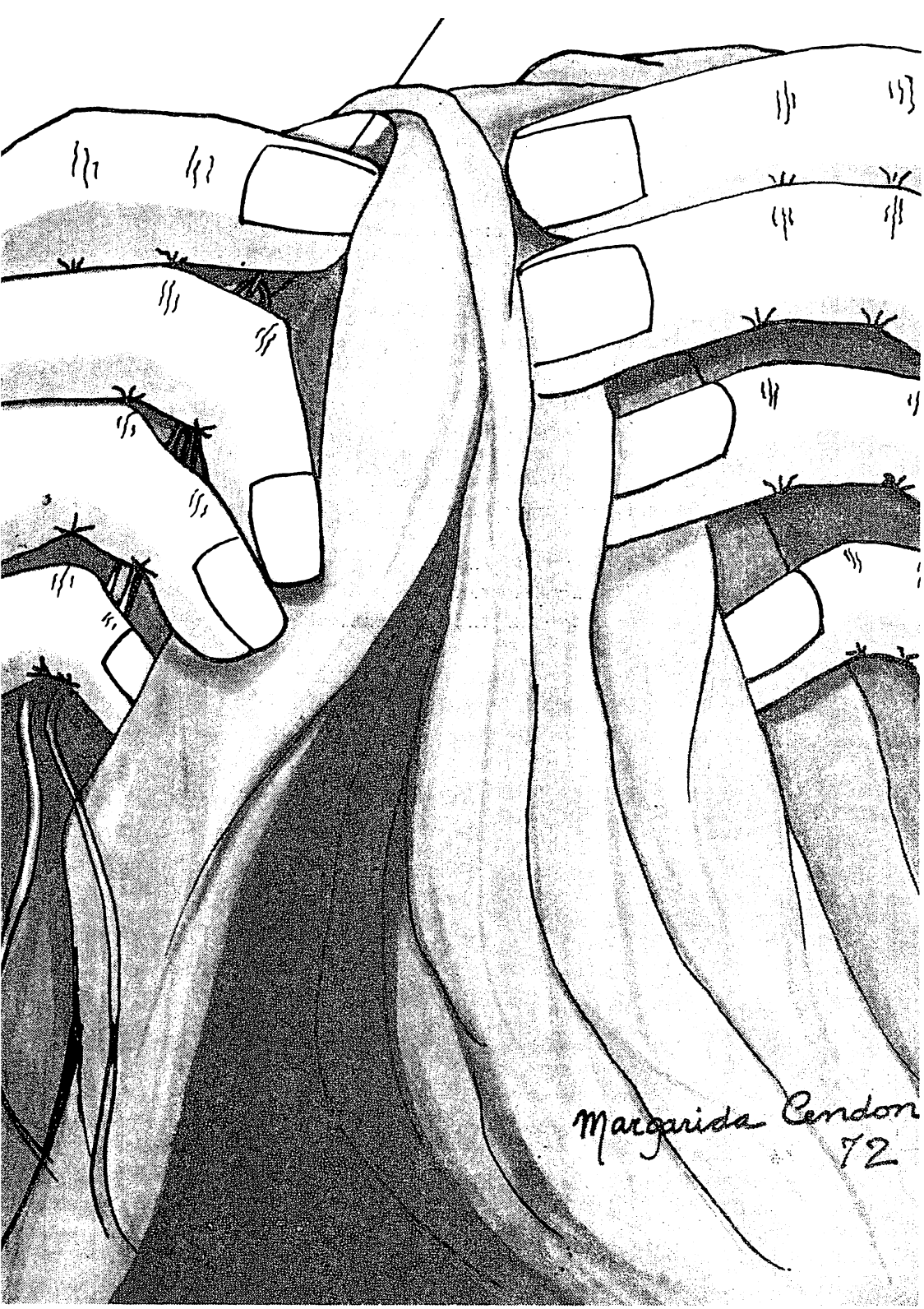
*a mesa tosca  
a cadeira velha  
o assoalho sujo*

*a mãe cosendo na sala  
(os olhos fracos fracos)  
os móveis gastos  
o silêncio grave*

*(se pudesse chorava e gritava  
chamava o pai que não vinha  
nunca mais brigava com os irmãos)*

*a velharia da casa  
(tudo tão velho e tão vil)  
a poeira nas janelas enfumaçadas*

*a mãe cosendo na sala  
(os olhos fracos fracos)  
a agulha correndo por entre os dedos  
quem sabe o coração apertado numa tristeza  
os lábios entreabertos numa canção muda*



Margarida Cendon  
72

*a mesa tosca  
a cadeira velha  
o assoalho sujo*

*a velharia da casa  
a poeira nas janelas*

*o vento varrendo tudo de manso  
o silêncio grave e pesado*

*o vento varrendo tudo  
a poeira fina a fumaça  
cobrindo os móveis gastos  
a mãe de olhos fracos fracos  
perdida na costura nas linhas do tempo*

*o vento varrendo tudo  
varrendo tudo  
varrendo tudo de manso*

# GRITO DO MAR

(para Betinha)

ZANNA APOCALYPSE

Charles Magno Medeiros

Fac. Fil. C. Humanas/Comunicação

*o mar  
seu grito aprisionado  
em conchas pálidas.*

*no traço azul  
do desespero,  
as ondas grávidas  
de venturar o eterno  
se anoitecem tácitas  
na areia calma.*

*Como se o canto trágico  
(perdido, rebelde)  
se encontrasse mágico,  
balada triste  
de espumas brancas  
se amortecendo em lágrimas  
na face cálida  
da areia.*



# POSTAL DE MINAS

LILA

**Liliana Helita Torres Mendes Oliveira**

Fac. Filosofia C. Humanas/Comunicação

*Uma praça larga  
mil casas pequenas.*

*Coladas uma na outra  
e montanhas protegem.*

*Degraus. Escadas.*

*Lá em cima a torre  
onde a família  
— almas vivas e mortos saudosos —  
presa no terço  
de murmúrios cruzados  
tece, cuidadosa,  
a vida de todos nós.*

*A forca, a cruz  
rendas de bilro  
boiada no pasto  
tudo igual  
novelo de vida  
enlaçada co'a morte.*

*Velórios, nascimentos  
o nome da bisavó  
dinheiro do meu avô.*



*A cidade solidária  
imita os moradores:  
beco desembocando  
em estreita rua  
que vira ladeira  
sobe desce contorce  
passagens maiores  
pequenos caminhos.*

*A história foi escrita  
e encerrada  
na mudez das pedras gastas.*

**RL**

**revista literária**

---

**SEGUNDA SEÇÃO**



# POESIAS



# POEMA PARA JOAQUIM CARDOZO

Luiz Carlos Alves

## I

*O poeta  
o engenheiro  
quem tem a culpa  
de não  
ter calculado o concreto  
da morte  
no pavilhão*

## II

*o poeta  
o engenheiro  
como calcular  
a morte  
em metáfora  
e equação  
como adivinhar  
da morte  
a hora da refeição*

$P_1 = \text{EXPERA}$   $32 + \sqrt{978} =$   $C = P + S$   
 $2n = 2 + (n-1)r$   $M_0 = 278 \times 9 + 175 + 2 - 200 \times 7$   
 $2 \times 200$   $375 - 170$   
 $3119$   $- 120$



### III

*o poeta  
o engenheiro  
com sua régua  
na mão  
medir não podem  
na morte  
sua fome e seu quinhão  
  
como saber que a morte  
vem  
com seu pesado estrondo  
em AO  
catar do almoço o que  
lhe sobra*

### IV

*migalhas-homens  
no chão*

**Belo Horizonte, 1972**



# O HOMEM DA RUA

Libério Neves

## I

*Primeiro  
de escalar escada  
na carreira*

*desabalado  
na rua e (povo)  
continua,*

*no entre povo  
e par, de gente  
derradeira*

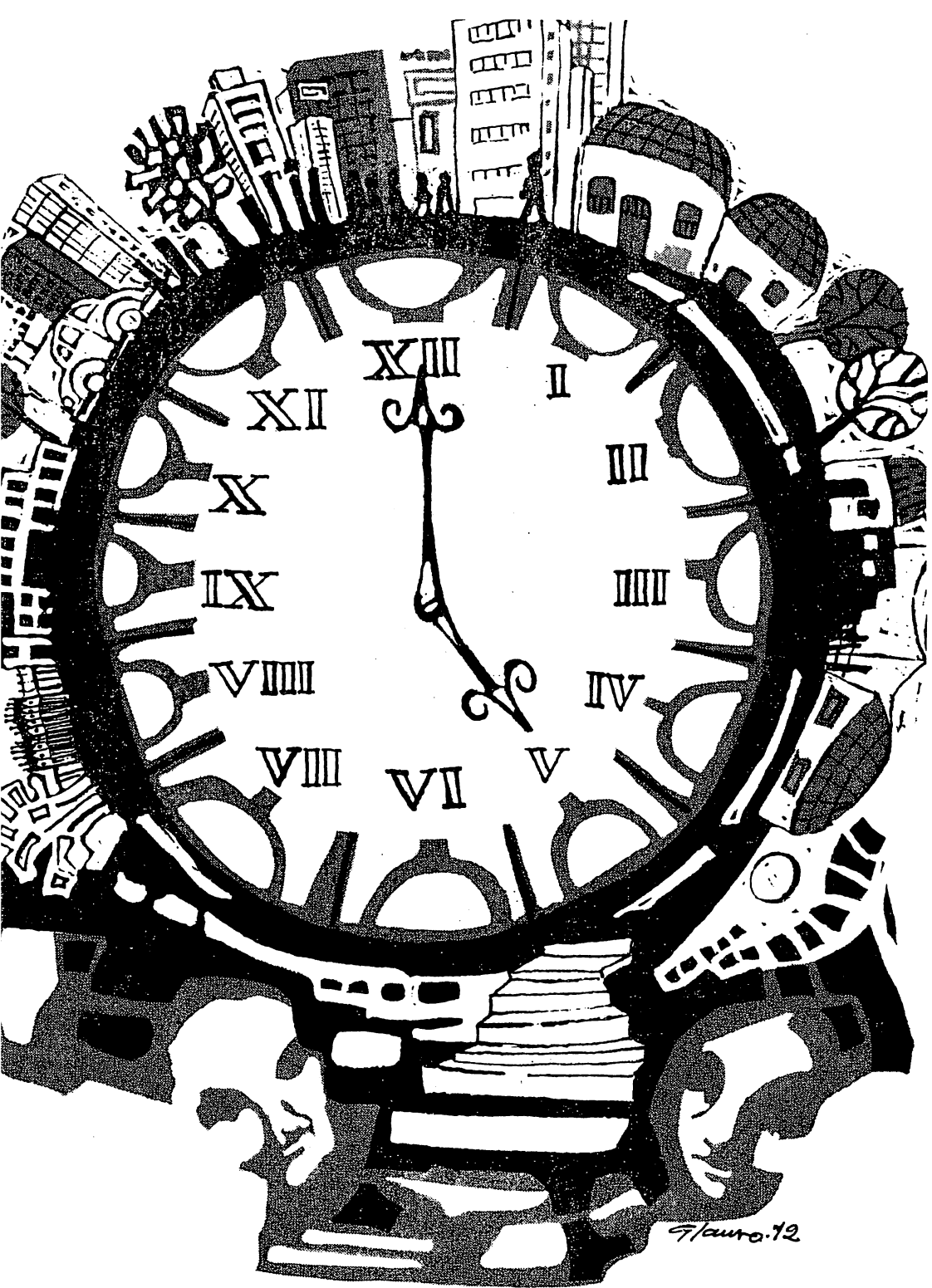
*infiltra  
que charrua  
por onde aflore  
ou flua:*

*o passo  
trespassado  
no compasso  
batido*

*quanto na fila  
de espera, legado  
de desespero*

*esse cúmplice  
de si, num círculo  
que vício*

*anda fremindo  
imóvel, o corpo  
quando dorme.*



## II

*Parte, sempre  
retorno ao ponto  
que partir*

*e sempre  
esse chegar  
a nada  
o seu destino:*

*chega  
rosto da vida  
onde a mulher  
e o contorno,*

*onde a pele  
refletida  
e onde o corpo  
elimina*

*o cansaço  
de partir,*

*na tona desse  
morno, frasco de  
decantada, água  
de gás e urina.*

## III

*Primeiro  
de escalar, o galo  
mais noturno*

*morcego de seu  
turvo, sangue  
na madrugada*

*relógio  
de escalada  
plena do sol  
e plana*

*ave (maria)  
que o céu,  
em rosa  
no rosto humano.*

# A RUA

Ronald Claver

p/ Júnia

1. definição : RUA. Do lat. "ruga". Tomou depois o sentido de "sulco, caminho", do que há exemplos em lat. vulgar. Veio através do francês, o que explica a síncope do "g". (Antenor Nascentes)

2. variação :

a rua : continuação da ruga  
fuga  
provisória do homem  
na terra

suco escorrendo em rio  
em fio  
desenhando o perfil da  
cidade

projeção da lua  
raiz

(de nossos) passos  
lento t

u

n

e

l

à espera



JOYCE

(de nossa) morte

(é apenas) um palco  
                                  ilu-  
minado e contínuo de  
de postes acontecendo na  
                                  cidade

peixe asfáltico, agrário  
consumindo, contornando  
                  contornando a planta  
de nossa c  
                                  idade

### 3. a rua nas minas quase gerais

em minas as ruas obedecem com desdém os  
números e nomes que se plasmam com um  
monsenhor, coronel ou fulano de tal

e numa tal vila-rica, sabará, congonhas  
ou em dia mantina amanhecem e se curvam  
em rugas acompanhando cegamente a paisagem

### 4. agora

percorro calmamente suas rugas  
passeio meus passos  
                                  passados a limpo  
em seu corpo sem placa ou nú  
                                  meros

visito esses olhos: vitrines  
essas verdes veredas  
                                  liquidando

esmeraldas

tão cobiçadas por um  
fernão dias.

# OS ENTES QUERIDOS

Magda Frediani

*os entes queridos*  
*na memória dispersos*  
— *em estática posição de antigos retratos* —  
*amarelecidamente nos contemplam*

*os entes queridos: aquários*  
*seus olhos de vidro mortos*  
*sem lágrimas (de vidro) opacos*

*: garras*  
*suas mãos de vidro frias*  
*sem ternura (de vidro) nuas*

*: grade*  
*suas vozes de vidro surdas*  
*sem respostas (de vidro) mudas*

*os entes queridos: laços*  
*impassíveis / eternos / exatos*  
*em nós para sempre tra(n)çados*

*giramos peixes confusos*  
*nos olhos (aquários) opacos*

(A LUTA IMPLICITA E TÁCITA)





e seremos também de vidro  
no aquário (sem lágrimas) mortos

os entes queridos: paredes  
inabaláveis no medo  
repetem o castigo e a culpa

seu retrato: mentira e dúvida  
obsessivamente nos fita  
imóvel: cansada farsa  
no tempo exata e reposta

(A FUGA IMPOSSÍVEL E INÚTIL)

# POEMA DE A(MOR-TE)MPO

Magda Frediani

TENHO PROCURADO AS COISAS MAIS LINDAS PARA  
TE DIZER

*meus olhos (ONTEM) contidos*

(TENHO PROCURADO AS COISAS MAIS LINDAS  
PARA TE DIZER)

*meus lábios (ONTEM) detidos*

(TENHO PROCURADO AS COISAS MAIS LINDAS  
PARA TE DIZER)

*tua vinda: a furtiva ânsia*

(TENHO PROCURADO AS COISAS MAIS LINDAS  
PARA TE DIZER)

*meus olhos (HOJE) rasgados*

(AS COISAS LINDAS: CONTIDAS)

*meus lábios (HOJE) cortados*

(AS COISAS LINDAS: DETIDAS)

*tua vinda: a rompida ânsia*

*(AS COISAS LINDAS: FURTIVAS)*

*meus olhos (AMANHÃ) mudos*

*(TEREI ENCONTRADO)*

*meus lábios (AMANHÃ) cegos*

*(AS COISAS MAIS LINDAS)*

*tua vinda: a inútil ânsia*

*(E NÃO PODEREI DIZER)*

*TENHO PROCURADO AS COISAS MAIS LINDAS PARA TE  
DIZER TENHO COISAS PROCURADO LINDAS PARA TE  
COISAS DIZER PROCURADO LINDAS PROCURADO PARA*

# INTERCOMUNICAÇÃO

Carlos Felipe

*Medo*

*Mente*

*Meteoricamente naus navegam no extremo do sul do polo ocidental.*

*O mundo é candente,  
as luzes pisca-piscam no computador azul de duas faces.  
Janelas se abrem porque Leibnitz disse que Jesus Cristo falou.  
Candente passa o cadeado emergente da sintonia fixa do Universo.*

*Escrevem que tudo existe.*

*Mundo, tempestades, fantasmas do ser, a vontade,  
meu submarino amarelo, com um passarinho vermelho sobre o telescópio.*

*Há desejo de matar a morte.*

*Cresçamos ciberneticamente sem saber o que é cibernética.  
Quem nasceu ontem?*

*Espaço espesso na área horizontal do triângulo quadrado.  
Onde está o óbvio?*

*A lua é silêncio, São Jorge é metal.*

*Carbono, silício, selênio, movendo a metafísica tricordiana do mundo pequeno de cada um.*

*Ouçamos os átomos prisioneiros da incomunicabilidade astral em longos versos intransitivos.*



*Quadros verdes, tentáculos azuis, o mistério claro da  
tradição fenomenal.*

*Me dêem pedra que eu quero água viva.*

*A floresta se quebrou ao meio.*

*A dinâmica do processamento é criar e organizar a música  
do Moog Sintetizer e estruturar o cimento para construir o  
rio de limo artificial.*

*Desenhos, dedos mágicos.*

*Dorme o dominó verde na lente preta dos óculos brancos.*

*Geneticamente a máquina tem RH negativa.*

*Positivamente a montanha disse não.*

*Ninguém quer a dor dela porque a cor ri amarela do  
temor do pudor do amor.*

*Carentemente eu escrevo a flor branca de todos os  
organogramas da espaçonáutica.*

*E a nave procura sair do fundo mundo em busca dos faróis  
dos olhos claros.*

*Navegará de sapatos furados e te encontrará.*

# POEMA

**Max Martins**

*Estava o touro, o touro com o seu T*

*de ouro*

*Estava a flor, a flor com o seu besouro*

*louro*

*Estava a amada, a amada e seus vestidos*

*idos*

*Estavas tu, tu e a tua*

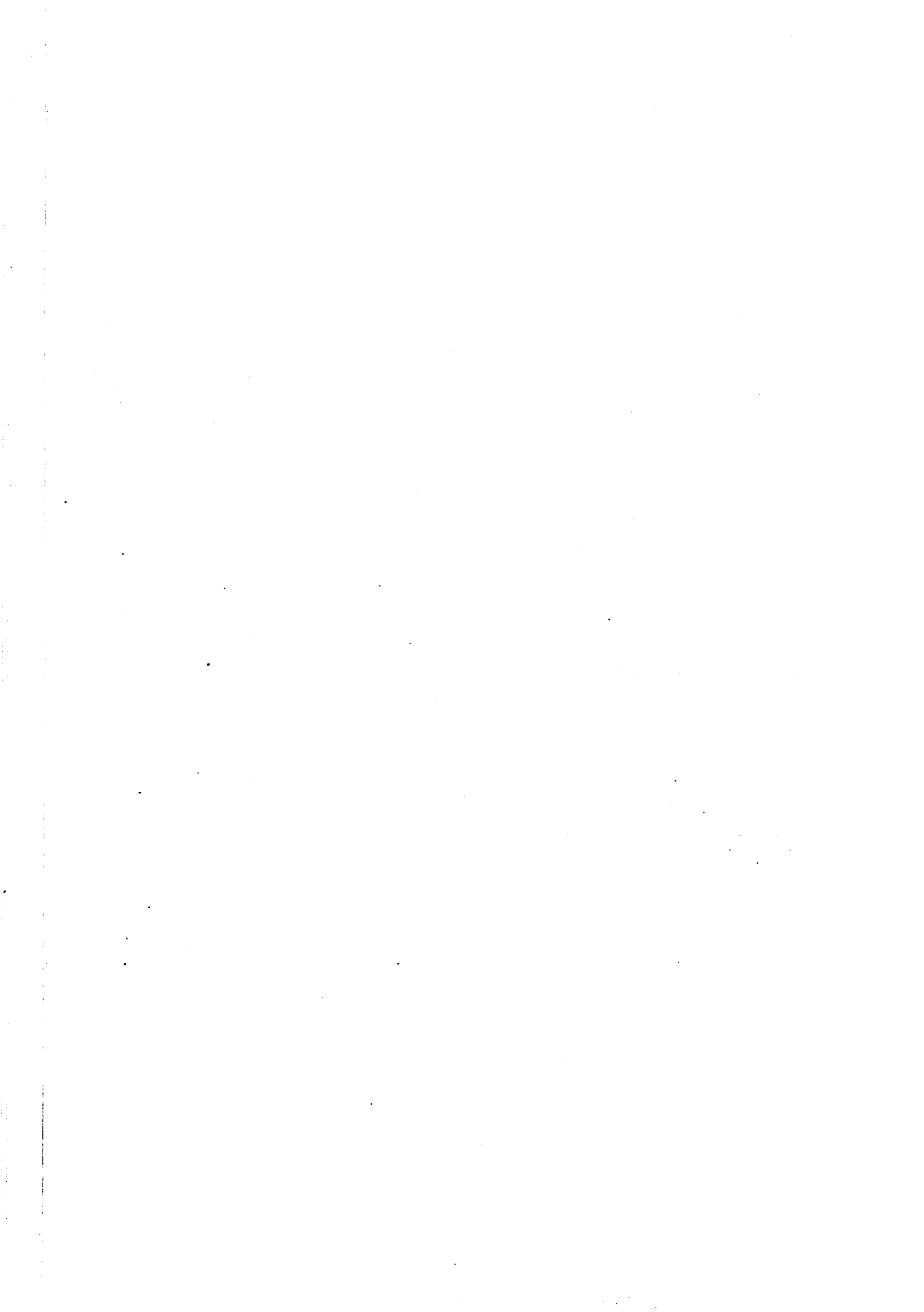
*palavra nua*

# SONETO DO RELÓGIO DE PULSO

Ernesto Penafort

*no pulso o relógio pousa  
como ave descansando;  
por sutil, ele não ousa  
dizer que está trabalhando.  
se nos ares voejasse  
(como a imagem presumida)  
quem sabe, não atrasasse  
tanta coisa nesta vida?  
o importante é muito pouco,  
pelo menos para ele  
este meu violão rouco  
que, de cordas não canoras,  
faz-se meu e eu ser dele  
pelo infinito das horas.*





# CONTOS



# O NASCIMENTO DOS LEÕES \*

Duílio Gomes

Enquanto eu fazia as malas ela perguntava porque tanta pressa. As minhas abotoaduras ninguém soube explicar aonde estavam — também os meus potes de mel e o canário belga empalhado que eu sempre trazia no bolso até no dia em que a conheci. Era um bom canário, comprei-o por uma ninharia.

Na estação, enquanto esperava o trem, fiquei vendo os bonecos de madeira que o cego fazia girar no ar — davam cambalhotas e se esbofeteavam, ao som do pandeiro. A trupe do circo também esperava o trem, espalhada em grupos. Ela veio, a mulher de barbas negras, e me pediu um cigarro. O domador estava de camisa vermelha e olhos da mesma cor. Me explicaram que todos os seus leões haviam morrido de lepra, naquela manhã. Procurei consolá-lo, falando-lhe do meu canário empalhado.

Dentro do trem me ajeitei ao lado dos anões. Eram três anões encolhidos e humildes. Me ofereceram chicletes e perguntaram para onde eu ia. O que estava mais perto de mim tirou do bolso um chaveiro e jogou-o para o alto. Imediatamente todas as pessoas dentro do vagão começaram a cantar. Era uma canção triste e não me senti disposto a acompanhá-los, muito embora o refrão fosse fácil.

---

\* *O Nascimento dos Leões*, publicado anteriormente no "Suplemento Literário do Minas Gerais", dá título ao primeiro volume de contos de Duílio Gomes, a ser lançado dentro em breve por uma editora mineira.

Isso é uma canção de circo, me explicou um dos anões. Quando os leões morreram nós cantamos ela. Sempre cantamos o *Adeus Minha Senhora*, *Adeus* quando estamos tristes ou nos acontece alguma desgraça.

Todas as pessoas neste vagão, perguntei, trabalham no circo? Sim — respondeu o mágico, sobre a minha nuca — são todos do circo, menos o senhor. Mas uma coisa que eu não entendo, falei para o mágico, é porque vocês estão cantando o *Adeus Senhora* — o anão me explicou que vocês somente a cantam quando estão tristes ou acontece uma desgraça.

O mágico arregaçou as mangas e fez aparecer de sob a sua orelha esquerda três pombas e uma garça dourada: *foi uma desgraça sim. O circo pegou fogo.*

Ah, sinto muito.

Não há de que.

O senhor é um bom mágico.

Sim, sou um bom mágico.

E como vocês vão fazer agora sem o circo?

É bem provável que eu faça aparecer um outro na próxima cidade.

Ah.

Me ajeitei melhor na poltrona. O mágico continuou, mastigando pastilhas de hortelã e esmigalhando ovos nas mãos em conchas: *Nunca fiz aparecer um circo mas me parece que eu posso fazer isso.*

Tenho certeza de que o senhor pode.

Além do mais nós não podemos viver sem aquela lona.

É. O circo é a lona.

A lona é apenas o pretexto, a casca. O circo na verdade somos nós, os artistas. Mas ninguém iria nos ver sem a lona por cima.

É uma questão de casca.

Não, é uma questão de mágica.

O domador continuava chorando a perda de seus leões. *Eram leões genuínos*, falou ele para mim, assoando-se com um lenço do tamanho de um dedo.



*Geraldo Raposo*

Assenti com a cabeça.

Ele, falou o mágico, não quer que eu faça nascer novamente os leões. Diz que seriam artificiais e que poderiam desaparecer de uma hora para outra. Não acredita muito na minha força.

Acredito sim, choramingou o domador, mas não quero arriscar.

Viu?, resmungou o mágico.

Ele é um bom mágico, falei para o domador.

Eu sei, eu sei, concordou o domador.

Uma lufada de fumaça negra invadiu o carro. Subíamos os montes verdes. Depois uma aragem nos aliviou da tosse mas quando olhei novamente na direção do mágico ele já tinha desaparecido.

Os anões riam ao meu lado e cochichavam. O mágico estava pendurado no teto do carro e tocava gaita de fole — *Adeus, Minha Senhora*.

Na verdade o mágico fez aparecer um novo circo quando paramos em Santa Laura; fez com que ele brotasse da terra e todos trabalharam armando as jaulas e fincando as arquibancadas. Eu também ajudei e em apenas três horas montamos tudo. Empregaram-me como lavador dos elefantes. Todas as manhãs eu os lavo e dou-lhes a ração que vem em baldes de isopor. Namorei a mulher do trapezista e fui apunhalado pelo mesmo. Procuro agora um pretexto para deixar o circo. Antes, porém, pedirei ao mágico para fazer aparecer no bolso da minha calça o canário belga. Era um bom canário — comprei-o por uma ninharia.

# O SOLDADO ARCANJO \*

Plínio Carneiro

Era um branquelão, desses que a gente olha na rua e se lembra dos roceiros vistos às margens das estradas: cabelos avermelhados, lisos; magro e rijo — as veias dos braços saltando; dentes grandes e amarelos; meia dúzia de fios de bigode e de barba — um matuto sem tirar nem por, da cabeça aos pés.

Não era roceiro, nem nada. Nascido e criado no subúrbio da cidade grande, ia três ou quatro vezes por ano ao centro — no carnaval ficava agarrado à corda de isolamento, vendo a multidão passar; na Semana Santa entrava na fila das procissões; no Sete de Setembro era a glória: perdia toda a manhã em rebuliço, admirando os canhões, as bandas, as fardas que passavam marchando. Aí, sim, tomava partido de que morava na cidade grande e se esquecia do barro das ruas sem calçamento, da lata cheia de água que carregava desde pequeno.

No subúrbio de mais de uma hora de viagem, ele vivia seus dezessesse anos, sempre à espera da grande festa de sua vida: a parada militar. Da casa ao grupo, antes; da casa à vendinha do pai, depois, ele ia dividindo a vida entre as verduras da horta e as brincadeiras de rua — um campinho de futebol um nego-fugido, o bentealtas de bola de meia.

---

\* Menção Honrosa no II Concurso de Contos da Academia Municipalista de Letras de Belo Horizonte — 1972.



Aos dezoito, a grande decepção. Sua xistose de quatro cruzeiros o impediu de servir o exército. Jogou no barro de sua ruazinha as lágrimas que caíram no certificado de terceira categoria. Arcanjo de Deus Ferreira, considerado “incapaz para o serviço militar, podendo entretanto exercer atividades civis”.

Naquele dia, Arcanjo não viu nada, só o papel na mão, descendo a rua Popular, em direção ao barraco da família, sem a grande notícia que antecipara quando saíra de manhã. Seus planos de servir na C.P.P., na C.C.S., até na Quinta Companhia — que diziam ser a mais dura — formavam agora um vazio na cabeça. Sentiu até um friozinho no meio dos ossos, igual à sensação que sempre tinha quando partia para a briga contra os meninos do bairro.

No pé de manacá, plantado à frente do barraco, ele parou. Queria limpar uma aguinha que teimava em ficar no canto dos olhos — “um militar não chora, nunca”. Ele não era militar, mas nem por isto iria abrir o bué. Fechou os olhos com raiva — só via sua imagem de farda, passeando no Parque Municipal: o casquete no alto da cabeça, igual ao Capitão Atlas, do Gibi; o bate-bute fazendo barulho no meio-fio; a farda brilhando de nova. Agora, de olho aberto, só o pé de manacá, a cerca de latas velhas, o barracão de uma porta só, a vontade de sumir do mapa.

A mãe o viu entrar de cabeça baixa e se dirigir aos fundos da casa, sem dizer palavra. Os irmãos estavam no galinheiro, jogando milho para as criações; o pai na horta, regando as plantas.

— Tomei bomba no exército. Xistose.

A mãe respeitou o silêncio de Arcanjo, as palavras saindo roucas, no levantar da cabeça, enterrada no travesseiro.

— E na Polícia Militar, cê foi?

É. Faltava a Polícia Militar. Ele tinha se esquecido disso. Seus planos giravam em torno da farda verde e se esquecera que ainda restava uma esperança, uma esperança de brim cáqui. Mas e a xistose, como é que iria ficar?

Arcanjo sabia coisas para não servir o exército. Tomar chá de assapeixe para parecer tuberculoso; andar com o pé bem arriado para parecer pé chato, e tantos outros macetes que ele evitara. Agora tinha de descobrir como esconder a xistose, se fosse mesmo fazer o exame para a Polícia Militar.

A cabeça já não estava enterrada no travesseiro, os ossos já não doíam, sentiu outra disposição. Sim, ainda tinha uma esperança, a Polícia Militar. E não precisava nem falar com as meninas e os amigos que havia sido reprovado no exército, podia dizer que escolhera a Polícia, uma profissão de muito mais autoridade, melhor remunerada.

Arcanjo ia substituindo sua imagem verde pela marrom, suas bagunças de farda mudavam um pouco: a responsabilidade de policial era bem maior. Já se via novamente no Parque Municipal, cercado de moças a admirar a farda brilhando de tão nova; já se imaginava passando na Avenida em dias de parada — o queixo levantado, o braço rijo segurando o fuzil, o coturno engraxado, um espelho de tanto brilho.

Já se via descendo do ônibus e, cercado pelos irmãos, andando pela ladeira do subúrbio, com muito cuidado para não cair e sujar a roupa: “tira a mão da farda, ô paisano”. E até a viúva da vila, metida a sebo, iria correr à janela para vê-lo passar, pisando duro e sem dar bola a ninguém.

\* \* \*

O médico do dispensário receitou muito remédio para a xistose de Arcanjo. Uns nomes esquisitos: Estibofen, Fua-dina, Triostib — e era uma dor nos braços que se alastrava pelo corpo inteiro. As mãos perderam a pele, ele não podia nem levantar a cabeça do travesseiro que o coração disparava. Teve vontade de suspender as injeções quando os braços ficaram dormentes, cheios de pontos pretos perto da veia, estufada de tanto remédios.

Foi uma quadra de dor para Arcanjo. O que o distraía um pouco eram os planos de brim cáqui que moravam em sua cabeça. O amigo André Pé-de-Caixote sempre chegava à tar-

dinha, para um papo sobre as meninas do Bairro Senhora de Jesus, sobre a viúva da esquina.

Arcanjo ia indo, refeito do tratamento, o pai resmungando seu braço forte na horta e na bistaca; a mãe também reclamando a presença daquele filho, forte como um touro, deitado o dia inteiro, sem ânimo nem para ajudá-la a carregar os tachos cheios de engasga-lobo para a vendinha.

Um dia, André trouxe a notícia.

— Já tão recebendo gente para exame na Polícia Militar. E vão precisar de muito homem, por causa do quartel novo e das eleição.

Arcanjo, cara vermelha de satisfação, sentiu até a orelha tremer, aquele fogo subindo da barriga para a cabeça. Tinha parado de tomar remédio há muito tempo, mas guardara a cama, com medo de a xistose voltar.

— Pra quando é o exame?

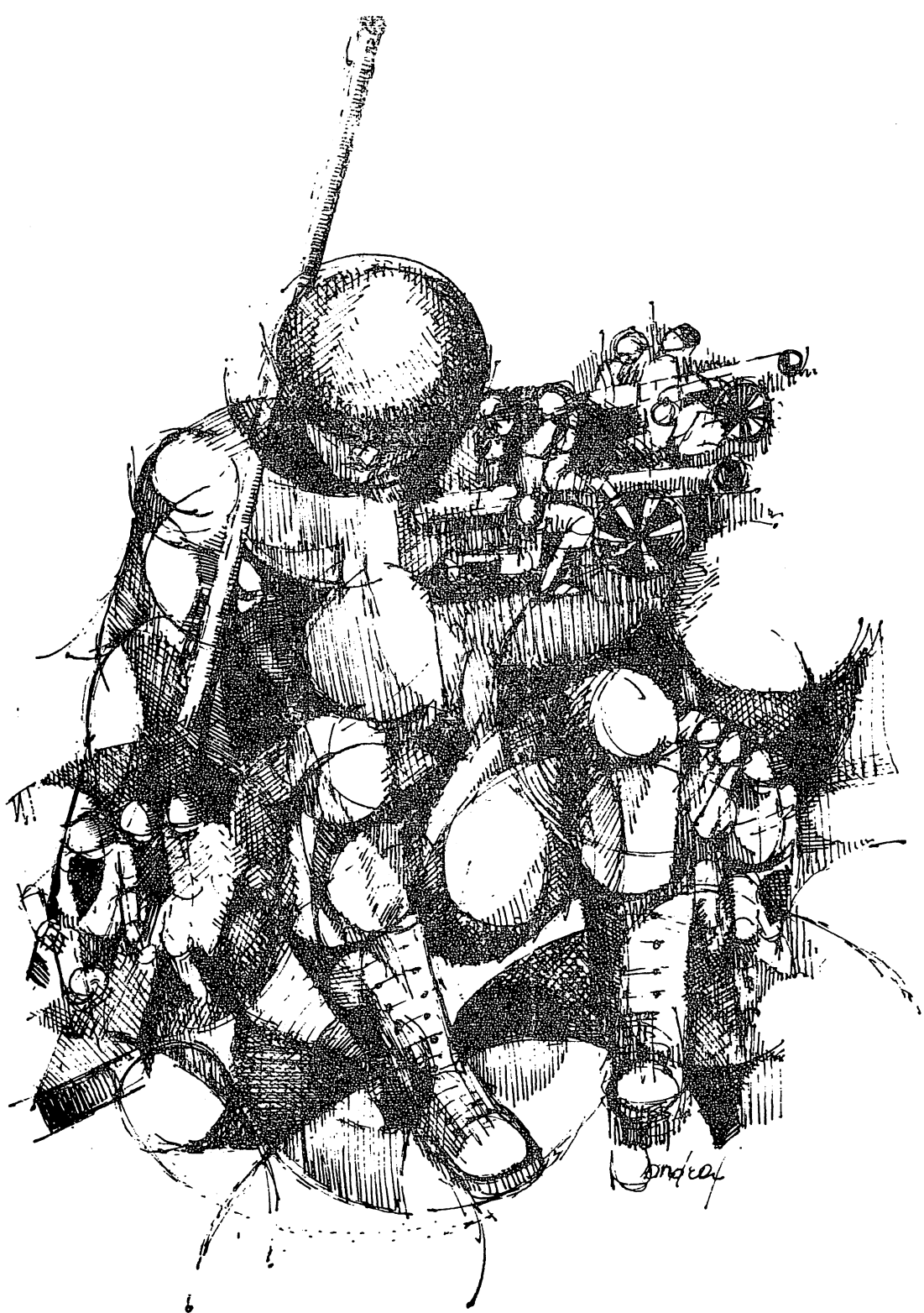
Nem escutou direito André falar que era no fim da semana, vestindo as calças para ir à vendinha, dar a boa nova ao pai. Já se via posando de militar, um revólver pendurado na cintura, a farda tinindo de nova, brilhando do ferro de brasas que a mãe manejava tão bem.

Na sexta-feira, Arcanjo foi o primeiro da fila, na porta do quartel. Na sala do exame médico foi o primeiro a tirar a roupa, a mostrar aquele corpo comprido, magro mas rijo, fazendo inveja aos mais baixotes, insignificantes perto de seu tamanho. Suou nos exames escritos, as gotas caindo no papel quadriculado que eles tinham dado para os candidatos preencherem.

O resultado saiu à tarde e apanhou Arcanjo às voltas com uma pratada de bolo-de-feijão que a mãe havia fritado e que ele levava para a venda. Foi André Pé-de-Caixote que gritou de longe:

— Seu nome tá lá, Arcanjo. E procê ir lá segunda-feira, às sete horas, assinar os papel.

O prato de bolo esquentou nas mãos de Arcanjo, os olhos escureceram. Ele viu uns bichinhos rolando na areia, mas



ficou firme, com medo de perder todo o trabalho da mãe. Era preciso muita responsabilidade para receber uma notícia daquela, até que o André poderia ter esperado ele chegar na venda.

Arcanjo estufou o peito, levantou o queixo, uniu os calcanhares e marchou para a vendinha, debaixo do viva e das risadas de André, parado no barranco e cantando “marcha soldado, cabeça de papel, se não marchar direito, vai preso no quartel”. Aquela dor no meio dos ossos, aquela sensação de desânimo, tudo isto Arcanjo espantou antes de chegar ao balcão, o pai dando uma palmada de parabéns em suas costas, os velhos pinguços da vila falando alto, sem que ele escutasse nada.

Que fim de semana cheio para Arcanjo. Nem dormir direito conseguiu, depois da reunião com a turma, toda a conversa girando em torno de sua nova vida de soldado, uma vida cheia de responsabilidades. E Arcanjo posava de cabo, até de sargento, construindo seus casos: o salvamento de crianças, a guarda ao governo, a heróica subida no edifício em chamas para ajudar uma velhinha — o peito coberto de medalhas, o pai, a mãe, os irmãos orgulhosos de seus heroísmos: até a viúva iria passar a metideza no chão quando ele apontasse no alto do morro.

\* \* \*

Segunda-feira chegou escura para Arcanjo, na madrugada que o viu sair de casa e andar quase meia légua até o ponto do ônibus. No quartel, sua altura dominava o alvoroço do pátio onde o cabo do dia dividia as turmas. Ele ia ficar no grupo de aprendizagem de manutenção até poder ser destacado para os serviços de rua. Seus olhos brilharam quando recebeu a farda do Intendente: a calça, o culote, a camiseta, o quépi e o coturno. Fez de tudo um embrulho cuidadoso — iria levar para a mãe abaixar a bainha das calças, passar o paletó, engraxar o bate-bute.

Na primeira fugida ao banheiro quis experimentar a roupa, mas viu que não dava, estava muito malajambrada. Quando

voltou ao subúrbio, de tardinha, teve o desgosto de descer o morro ainda em trajes civis, o embrulhão debaixo do braço, mas já com seu andar de soldado, pisando duro e de queixo levantado.

No pé de manacá, sentiu aquela velha sensação de água nos ossos, a vista escureceu. “Deve ser a comida do quartel”, pensou. De noite, no meio da turma, voltaram as tonteiras e pensou na xistose. Afastou rápido o mau pensamento e, ao voltar para casa, não quis mais conversas com os irmãos — afinal de contas amanhã tinha de acórdar cedo e sair de casa já de farda, arrumada pelas mãos grossas da mãe, capicitosa no manejo da agulha, da linha, do ferro de brasas.

Mas não dormiu, o soldado Arcanjo. Sentia como se nas veias houvesse água, as pernas dormentes e sem forças; a cabeça pesada, as tonteiras indo e voltando. A madrugada o viu sentado na escadinha da casa, junto ao pé de manacá cheio de gotas do sereno, a língua molhando os lábios secos, aquela dormência sempre o levando de volta à cama, sem pregar olho.

André apareceu à tarde para brigar com Arcanjo. Afinal tinha marcado encontro de manhã e nada de o soldado aparecer. Será que ele já estava desfazendo dos amigos só porque agora era militar? Encontrou Arcanjo afundado no colchão, suando muito, a mãe dando um chazinho de erva-doce para espantar a tremedeira.

Foi assim na quarta e na quinta-feira. Na sexta, um coronel médico, chamado por André, apareceu para ver aquele soldado que havia faltado logo nos primeiros dias de caserna. O coronel levou Arcanjo no carro marrom para uns exames, e logo no outro dia lá vinha de novo o carro trazendo o soldado de volta.

Arcanjo nem se apercebera de sua viagem. Tinha uma vaga idéia de ter sido tirado de casa, de ter levado umas picadas nos braços, mas a tonteira e a moleza dominavam tudo. Queria pensar em sua nova vida de soldado, uma vida de muita responsabilidade, mas não conseguia.

De novo na cama, seus olhos viam, pendurada no prego da parede, a farda novinha. Roçando a mão no assoalho podia

tocar no coturno, um espelho de tão engraxado. Mas não tinha ânimo para se levantar e vestir a farda: aquela sensação de água nos ossos já não ia e voltava — ficava agora todo o tempo a incomodá-lo.

A mãe pegou a mania de falar sozinha pelos cantos da casa, pronunciando baixinho palavras de religião — “Deus dá, Deus tira”. A toda hora vinha passar a mão calosa na cabeça do filho, que dormia acordado, os olhos ardendo. E a mãe enchendo sempre a caneca de chá de parietária, bom para o tal de sangue-ralo falado pelo coronel médico. Devia ser igual à xistose, que Arcanjo apanhara nos charcos do subúrbio, piscinas armadas pela chuva nos cantos dos morros. Devia ser igual à maleita, que o pai dela carregou até os oitenta anos. Ela havia até preparado um desemburrol, poção antiga para sarar cara amarrada.

Mas Arcanjo não saía do mormaço. Até o preto Tião Dangola, benzedor da vila, se espantara diante da figura do soldado, antes tão alto, tão forte e rijo; agora um fiapo de gente, o pijama listrado sobrando em todas as pontas.

Arcanjo não queria pensar em nada, só no dia em que pudesse levantar, vestir a farda e assumir seu lugar no quartel. E no dia em que pudesse passear no Parque Municipal, fazendo inveja aos paisanos; quando pudesse descer o morro com seu queixo levantado, o peito estufado, batendo os calcanhares do coturno na terra vermelha do bairro.

Nem queria receber visitas. Os amigos, que no começo vinham encher o quarto, tinham sumido; a mãe era a única que ainda passava ao alcance de seus olhos, o terço na mão, a ladainha na boca. O pai, ocupado com a bistaca e a horta, olhava o filho de longe; os irmãos tinham ido para a Fazenda dos Urubus, passear na casa da madrinha uns meses.

\* \* \*

Certa madrugada, Arcanjo se sentiu bem. Voltou às suas pernas aquela vitalidade que o acompanhava desde criança. Teve vontade de encher o peito e de sair dando pulos pela casa. Sentiu que tinha sarado, estava pronto para voltar ao quartel. Le-

vantou-se rápido e ergueu o braço para apanhar a farda. Só então reparou como havia emagrecido na doença, as pernas eram osso só; os braços finos, pesados; a barba rala refletida no vidro da cristaleira.

Só então reparou como a farda estava grande, sobrando pano para outra roupa: o coturno entrou no pé descalço sem fazer força, o bibico mal-mal ficou equilibrado na cabeça. Mas era belo soldado, ele sabia que era — rijo, cheio de responsabilidades, como qualquer espelho poderia demonstrar.

Andou até a porta do barraco e viu a ruazinha sem calçamento à luz da madrugada. Ouviu os latidos dos cachorros, barulho rouco misturado a um rataplan-plan-plan, quem sabe? de uma parada militar. Sentiu o friozinho da manhã no nariz e pensou na longa vida de responsabilidades que o esperava. Desceu os degraus da escadinha e o rataplan aumentou de intensidade. Sentiu todo o corpo eriçar-se, ergueu o queixo, estufou o peito, bateu os calcanhares e marchou em volta do pé de manacá, molhado pelo sereno.

Era um quadro patético, aquela figura esquelética dentro da imensa farda marrom: o brim cáqui, duro e áspero, a roçar suas pernas finas e compridas, suas espáduas esqueléticas. Sentiu novamente uma tonteira — devia ser porque estivera doente — mas num esforço supremo tornou a unir os calcanhares e, levantando o braço direito, prestou continência ao sol que nascia sobre o morrinho. Tropeçou nos panos da farda e apoiou-se no pé de manacá, que tremeu uma chuva de pingos de sereno sobre sua cabeça.

Na tonteira, sentou-se na escadinha, os cotovelos fincados nos joelhos e o rosto apoiado nas mãos espalmadas. Ouviu mais forte o rataplan e sentiu aquela aguazinha nos cantos dos olhos. Logo se refez, porque soldado não chora. Ainda assentado no degrau da escadinha, apoiou a cabeça nos joelhos e morreu.



# A VIAGEM

Márcia Ramalho

Impressão da asa do avião estar roçando a ponta da cidade, lá em baixo. A esteira de espuma que um navio deixa atrás de si nas águas do Guaíba. Aeromoça oferecendo chicletes. A fita da pista de aterrisagem ficando cada vez mais perto. Ela pensa que a essa hora o professor deve estar fazendo a chamada e que ela é apenas uma aluna ausente a uma aula de Semiologia, lá no Rio de Janeiro.

No saguão do aeroporto, procura um lugar onde possa tomar um xícara de café. O sol ilumina um céu onde as nuvens passeiam enroladinhas de frio.

— Táxi!

Entrada de cidade: anúncios, anúncios. A cidade despejada sobre as coxilhas, roída de edifícios, praças e passarelas. Escolhe um hotel perto da Telefônica e a dois passos da rua da Praia. A recepção é decorada com móveis nobres e o porteiro. amável e curioso. Ele se pergunta como é que pode uma moça tão nova vir se hospedar sozinha num hotel grande como esse. Ela pede um quarto do lado do sol e depois ajeita com graça o chapéu em frente ao espelho.

Enquanto ainda é manhã, um passeio pelas ruas próximas. Na bolsa, o quase milhão que conseguira economizar, juntamente com um livro de cheques. Precisara vender suas ações mas depositara tudo num banco. Através das vitrines

coloridas das lojas de moda, o reflexo dos homens engravatados portando sérias maletas de couro. Feliz, os olhos fiscalizando letreiros, postes, anúncios, placas de carro, grupos de gente e bancos de jardim, ela compra um saco de pipocas e atravessa as ruas sem olhar. E os automóveis param.

Engole a comida do almoço correndo, sem prestar atenção no que está sendo servido. Pede um copo de vinho. Café e cinzeiro. Pensando, os olhos pregados no teto, derruba o guardanapo no chão e o garçon o levanta. Mas ela nem se dá conta.

Vai para o quarto e pede uma ligação para o Rio. Deita na cama sem tirar os sapatos e acende outro cigarro. Muda de idéia e pede para cancelarem a ligação. Em seguida, tira do fundo da bolsa a passagem de volta para o Rio e a coloca na mesa de cabeceira. Fica séria. Olha para a passagem verificando dia e hora de vôo. Fica triste. Ela está marcada para esse mesmo dia, à noite. Imagina que certamente não precisará voltar para o Rio. Ainda mais que iria gostar de morar ali. Rasga a passagem em minuciosos quadradinhos e começa a se pentear, sonhadora.

Como se fosse para uma festa. Veste uma jaqueta sobre a camisa aberta e enfia as calças de veludo de que mais gosta. Cabelo fino e liso caindo dos lados do rosto até o meio das costas. Maquilagem quase invisível. Olhos brilhando atrás das novas lentes de contato azuis para melhor se disfarçar. Por último, as longas botas de camurça até o meio da perna. Pronta para o xeque-mate. Com esperanças de colocar um certo rei em perigo.

Chama um táxi e indica a rua bem longe onde fica o castelo: o endereço foi arranjado em segredo e com muita cautela. O motorista ouve no rádio a transmissão de um jogo no Beira-Rio. O táxi quase não corre. Ela aperta o coração batendo forte e tenta prestar atenção no vôo das lanchas percorrendo a espinha do rio. O táxi segue lento uma das margens.

O motorista sabe que ela mal conhece a cidade e aproveita para encompridar o caminho.

O edifício. Fortaleza inexpugnável? Em breve iria saber. Mas salta do táxi se sentindo um pouco intrusa.

Primeiro andar: há um espelho torto pendurado na parede pintada de cinza claro. Teve um dia que ele disse que não queria que ela ficasse triste e rodou com ela nos braços no último degrau de uma escada que dava para o mar.

Segundo andar: puxa, ele tinha uns olhos de piscina que ela nunca tinha visto iguais e um cabelo negro escorrido e um sorriso de príncipe que ela não se cansava de admirar e que vivia recordando quando olhava para as fotos que tirara dele na praia quando passou aquele velho pescueiro fazendo roque-roque no mar e ele contou coisas de sua infância.

Terceiro andar: ele escrevera muitas cartas carinhosas para ela e numa delas dizia até que o que ela tinha construído dentro dele era bonito demais e que não valia a pena deixar virar tapera porisso ela voltara carregando tanto cimento junto com o novo projeto para a reconstrução.

Quarto andar: era bem verdade que já haviam se passado quatro anos depois que eles tinham terminado mas ela sempre achara que devia haver ainda alguma coisa para ser revivida.

Quinto andar: É aqui. Seu olhar percorre os quatro cantos da porta e se fixa no olho mágico. Espera que ele esteja em casa a essa hora. Aperta a campainha num apelo breve. Percebe um caminhar sem pressa em direção à porta. Aberta. Ela o reconhece imediatamente. Azul, azul, belo como sempre. Esconde com força o sorriso, a felicidade, a surpresa, a alegria e a maravilha desse encontro para ele não ficar pensando nada e pergunta:

— Boa tarde. É aqui que mora...?

É sim. É ele mesmo.

— Eu vim...

Ela acaba entrando no apartamento e ele, incauto, nada de reconhecê-la. Vencendo livre o espaço do pequeno apartamento em ordem. Surpreso e satisfeito: ela é muito bonita. As pernas ainda bem mais longas dentro das botas macias. Um azul olhar meio triste. Um pouco nervosa, ele pensa. Ela acende um cigarro para ocupar as mãos. Ele parado, curioso, esperando.

Ela se faz passar por outra, sem hesitação, durante a conversa que se esboça. Ele franze os cantos dos olhos, achando muita graça da seriedade dela e do modo como conta as coisas. Na armadilha, sem se dar conta. Os objetos que o cercam, pendurados na parede, espalhados no tapete, têm, cada um, um sentido oculto, impenetrável. Mundo que ela gostaria de poder decifrar de *a* a *z*.

Pouco a pouco ele vai ficando mais perto, mais interessado. Deixa a ironia de lado, a indiferença de lado. Segura a mão dela alisando com a ponta dos dedos a pele macia. Brilha os olhos. Azuis de verdade. Está tão perto que ela sente vontade de abraçá-lo. Então lhe conta tudo. Os erros, os motivos, os sentimentos. Ele ouve com atenção. Perdoa, perdoa sim. Fica contente. Faz planos. Os dois iriam estudar na mesma faculdade. Morando juntos. Passeios em parques com flores nas mãos em câmara-lenta morrendo de frio. Lanchas voando. Carros de corrida em pistas de provas. Um jarro amarelo com flores do campo na mesa da copa. Janela com vista para entusiasmados por-de-sóis no Guaíba. Assistindo aulas até tarde para pegar depois o asfalto negro da meia-noite de volta para casa. Dormindo com três cobertores. O minuano penteando a cidade. Arrepiando a cidade. Acorda.

Está sentada no corrimão da escada em frente à porta do apartamento dele que ninguém viera abrir. O silêncio áspero. A longa espera. Desce as escadas para pedir maiores informações ao porteiro. Ninguém. Compra um vespertino no

jornaleiro perto. No fundo da rua um cantar de rodas no asfalto. Um chiar de rodas.

Ali mesmo abre o jornal. Lê que o acidente se dera naquela manhã com um avião cujo destino era o Rio de Janeiro.

Entre os passageiros, um nome que ela sabe: o do proprietário de um pequeno apartamento do qual ela conhece somente a porta e todos os mistérios.

# DO DIÁRIO DE UM PEQUENO BURGUÊS

Luís Gonzaga Vieira

Hoje é o segundo dia do ano de 1972, um ano que também será muito engraçado, como todos os outros..... Amanhã vou ao dentista, hoje vou fazer barba e tomar banho. Sim, eu também tenho minhas boas doses de cinismo. As pessoas convivem comigo, mas elas não sabem o que ando falando delas no que escrevo. A noite agora está quente, e eu continuo nem triste nem alegre nem indiferente. Na sala de visitas, minha mãe, Maria Alice, Maria do Rosário, Duílio e os meninos vêem televisão. O problema da velhice é que o corpo não caminha direito nem pode fazer muito esforço, e o velho não pode ficar sozinho pra não fazer besteira, precisa de companhia. Quem ficará comigo quando eu estiver velho e fazendo minhas besteiras domésticas e sofrendo minhas doenças de velho? Se a tristeza é inútil e sintoma de masoquismo, no entanto pode ser uma espécie de defesa. O senhor poderia me explicar o que vem a ser amor? pergunta o fulano na televisão. O que é a verdade? perguntam todos os homens. A televisão brasileira é muita instrutiva (sic!) : cê vê gente ressuscitando mosquito, comendo coco, tocando música nas unhas, ..., o capeta. E há sempre um júri para julgar a cultura fabulosa do programa, cultura marca embratel. Se o dente pára de doer, com que dor eu vou me divertir? O sentimento do povo brasileiro exala catinga por todos os poros do asfalto. Você é livre mas, por favor, não

leve muito a sério esse negócio todo. Quando os outros dizem que sou escritor, sinto que eles estão satisfeitos em reconhecer isso — mas eu não sinto satisfação em reconhecer que sou escritor, apenas sinto que sou um desajustado mental, um sujeito completamente fora de órbita mas que, na prática, comporta-se muito bem e civilizadamente. Estou quase terminando de bater o “XYZ” a limpo. Com o dinheiro que vou pagar ao dentista, vou ficar sem nada pra ir ao Rio, e eu precisava urgentemente ir ao Rio resolver o negócio do meu primeiro livro com o Álvaro Pacheco. As coisas não se resolvem, as coisas se rebozam e se acavalam, e cada um procura resolver o próprio problema ou, melhor ainda, procura conviver pacificamente com os próprios problemas. Pra mim, pelo menos, escrever é espécie de doença, febre, neurose. Na hora que a turma for dormir, eu vou fazer a barba e tomar banho, caso vocês não fiquem incomodados com isso. Empunho a caneta como espada, mais tarde ficarei ferido. Por gentileza, esperem por mim amanhã ou qualquer outro dia.

\* \* \*

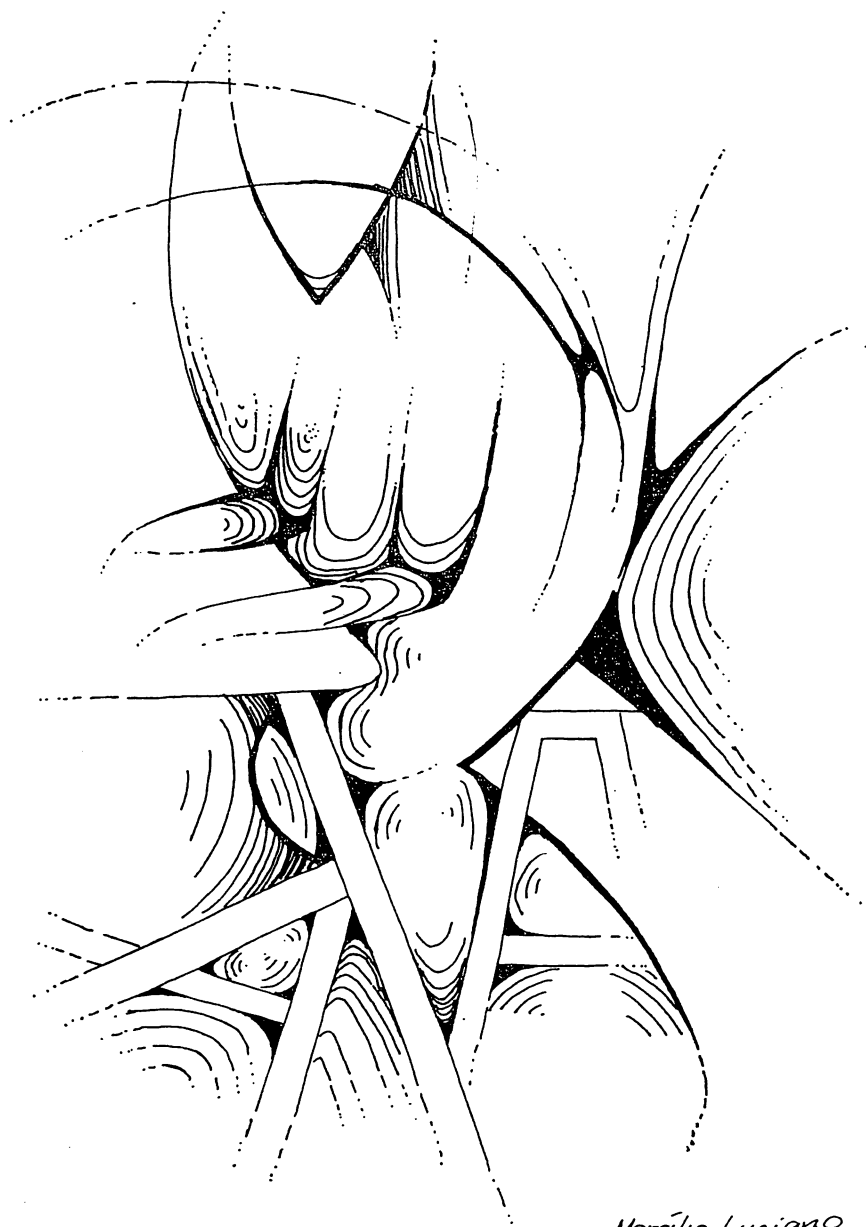
Por que falo tanto em minha mãe? Que os psicanalistas o digam!

\* \* \*

“O Corpo é a Cicatriz de Sua Mente” — este é o nome de uma peça de Yoko Ono. *Every man is a potential Hitler*. (John Lennon). *Every woman is a potential Hitler's mother*. (John's wife Yoko). Yoko: “Jogar fora nossa loucura para não caminharmos para a insanidade”.

\* \* \*

A cabeça vai longe, muito longe — e o corpo permanece dolorosamente estático. Eu sei que há um mundo todo a ser explorado, no entanto meu corpo continua trancado no quarto. Daí a neurose e os choques diários entre a cabeça e o corpo.



Marília Luciano



Até que o corpo agoniza e a cabeça estrebucha como um possesso. Então, é o fim — definitivamente.

\* \* \*

*Toute la littérature s'inscrit dans cette problématique; née dans l'insatisfaction et la différence, elle se développe dans le conflit.* (Philippe Meirieu).

*C'est ainsi que Dyonisos est au point de départ de toute la pensée occidentale.* (Idem).

\* \* \*

Minha mãe sente fortes dores na perna e vai ao médico pra ver o quê que há com ela. É chato a gente viver em companhia de pessoas que sofrem, a gente fica incomodado com o sofrimento dos outros. Então penso que a gente vai ficando velho e que o corpo começa reclamar de tudo. E, pior ainda: não há remédio contra a velhice, nem há caminho para a volta ou para o nada. Hoje eu levantei às duas horas da tarde, minha mãe reclamou das dores da perna, minha mão treme. Quando levanto tarde, levanto chateado, amargurado não sei com o quê. Como sempre, o dinheiro é curto, e as necessidades reais ou inventadas são muitas. Os fatos são insensíveis, a gente sobrevive. Depois da janta vou ouvir de novo *Imagine*, o disco de John Lennon. O sofrimento é uma coisa muito solitária e singular. Minha mãe vai ao médico: se o médico receitar remédios, ela não tem dinheiro para comprar. E o dia hoje está mais claro e bonito. Terça-feira que vem já é fevereiro.

\* \* \*

Eu sou uma oração subordinada. Se você não entender o que isto significa, então a frase torna-se misteriosa e você pode até pensar que eu estou falando uma coisa muito profunda. Na verdade, quando digo que sou uma oração subordinada, nem eu mesmo sei o que quero dizer com isso.

Meu rosto não é feito de carne e osso, mas é feito de idéias e pensamentos. Sou um sujeito inteligente e muito profundo (pelo menos é o que me dizem), por isso meu rosto também é fundo, com olheiras. Se o comportamento mental pode causar doenças físicas, não é verdade que meus pensamentos deram uma conformação determinada ao meu rosto? E desde os dez ou 15 anos eu já achava bonito ter rosto angustiado, com olhos fundos: um rosto "mental". Hoje eu continuo achando bonito ter esse tipo de rosto, só que agora eu tenho experiência própria do caso e me sinto incomodado. Gosto da angústia dos outros, mas não da minha!

\* \* \*

Quando acontece com a gente, uma coisa nunca é grandiosa — assim como um santo, que nunca faz milagres na própria terra. Então a gente pensa nas coisas grandiosas que acontecem com os outros, sem perceber as coisas grandiosas que estão acontecendo com a gente. Por estar muito próximo e muito dentro de mim mesmo, eu não me vejo. E por isso eu preciso continuamente dos outros — para que os outros me despertem continuamente.

\* \* \*

Sinto que, a qualquer momento, o coração pode explodir.

\* \* \*

O pensamento é como doença, neurose, esquizofrenia. Parece que tudo se reduz a pensamentos, isto é: eu divago sobre tudo o que vejo e faço. Enquanto tomo banho, fico pensando. Deito pra dormir e fico pensando. Quando estou sonhando, comumente fico pensando nos sonhos, ..., discutindo comigo mesmo e com personagens invisíveis e sonâmbulos. Sinto como se estivesse suspenso por pensamentos. Os pensamentos criam uma distância entre as coisas e eu. Os pensamentos me atrapalham sentir as coisas e as pessoas. Por outro lado, penso em

todos os meus compromissos, nas dívidas, nas notas promissórias, nos projetos, nos sonhos. A mulher ideal não aparece, e eu não conheço nenhuma mulher real, e eu não gosto de coisas ideais. Levantei hoje depois da uma hora, levantei chateado. Vou gastar mais ou menos um milhão com o dentista, e eu ganho 350 por mês. Seria muito bom e muito consolador se eu ganhasse o prêmio literário lá de Barcelona, da Editora Seix Barral. Levantei chateado, e a máquina de escrever ameaça estragar. Choveu um pouco, a chuva tapeou um pouco o calor. Estou preparando alguma coisa para levar pro suplemento literário. As pessoas conversam comigo sobre literatura. Desde abril do ano passado não escrevo nada de ficção, estou cada vez mais metido na realidade, até que a realidade me devore. Afinal, estou escrevendo cinco livros de ensaios ao mesmo tempo e já tenho quatro livros de ficção prontos e este diário. Em julho faço 36 anos. Por enquanto ... Estou lendo o romance do Rui Mourão e não estou gostando. Vilela e Rui Mourão fracassaram, é o que penso. E os dois são grandes amigos. Só não sei é se eles continuarão meus amigos depois que souberem o que penso do livro deles. Escrever é uma coisa muito esquisita, um negócio meio estranho, é uma espécie de vício, de doença incurável. Olho pra fora da janela e não vejo nada, os ruídos estão fermentando o silêncio. Às vezes, parece que uma alegria vai nascer, e eu fico esperando que ela aconteça. Mas a alegria passa por mim tão rápido como foguete espacial. Quando ganhar um pouco mais de dinheiro, talvez eu fique menos insatisfeito e quase alegre. Há um vulcão dentro de mim — dentro de mim há uma contínua explosão com bombas de hidrogênio — e como tudo isso é prosaico — e como minha cara é a mesma de sempre. Eu sou definitivamente eu: este é o problema e esta é a solução. Mas não me levem muito a sério nem fiquem chateados, eu realmente não sei o que está acontecendo.

\* \* \*

Talvez seja uma espécie de angústia, embotamento, cansaço mental, ceticismo, melancolia, uma porção de nomes desse

tipo. Tenho que fazer uma força danada pra levantar cedo, mas tenho levantado depois do meio-dia. Dormindo, é como se os problemas e as preocupações também dormissem comigo e ficassem temporariamente paralizados. Se bem que, dormindo, surge um modo novo de agravar os problemas e as situações. Sinto-me *incomodado* com tudo, absolutamente *incomodado*. Falta de dinheiro e falta de amor, de afetividade. Quanto mais tempo fico dentro do quarto, mais vou ficando incomodado, então preciso sair pra rua, ver o movimento dos outros na rua, assistir a alegria deles, o desfile deles na rua, o desfile das moças exibindo corpos fantasmagóricos e mágicos. Há uma dose de abulia mexendo comigo. Vou vivendo esses probleminhas de casa e família, inventando contrapontos entre as necessidades materiais e mentais. Queria sossego e paz interior, mas tudo serve para me preocupar. Dentro de mim há uma capacidade imensa para explodir, mas tudo fica só na capacidade, e meu comportamento é apenas o de um homem capaz. Quer dizer: eu sou sempre uma ameaça, mas sem efeito prático. No fim dessa semana é carnaval..... Sou apenas um sujeito que se lamenta, sou um escritor lamentável. Evidentemente, minha presunção e vaidade não concordam com isso'.....

Eu me sinto imensamente enternecido quando vejo um rosto de criança, toda aquela inocência, um rosto que ainda não sabe o que é o mundo, um rosto que ainda não foi atingido pelas misérias e malícias do mundo. Também me sinto imensamente enternecido vendo o rosto de um velho, não tanto o rosto, mas os olhos, esses olhos que já viram muita coisa e que refletem um mundo cheio de melancolia. Costumo prestar atenção nos olhos dos outros animais também. Não sei, vejo muita coisa nos olhos de todos os animais, e isso pode ser apenas mera impressão minha. O olho de um cavalo, como se refletisse uma espécie de melancolia estática, parada, paralizada, ausente. O olho de uma coruja. O olho de um cachorro. Vejo tanta vida no olho de cada animal que é como se a vida só existisse no olho de cada um, como se a vida estivesse toda concentrada nos olhos. Os olhos de uma criança, por exemplo.

Os gestos descontraídos de uma criança. Acima de tudo, uma criança dormindo. E essa distância tremenda entre a criança dormindo no berço e eu olhando para o mundo, e o mundo me devassando. Como se eu estivesse atacado de uma imensa ternura por tudo e essa ternura me provocasse abatimento e melancolia.

\* \* \*

Minha mãe chega e pergunta: cê não quer ir visitar sua tia não? Se ocê não for ver sua tia logo, você não vai pegar ela viva. Minha tia gosta de mim e eu dela, mas eu não gosto de moribundos, e eu não sei quem vai gostar de mim quando eu estiver agonizando. Não sei explicar o que sinto e o modo como me comporto diante do que sinto. Sou um sujeito cínico ou um sujeito desesperado? Diante do sofrimento dos outros minha reação sempre foi teórica e mental. Um completo isolamento entre o que acontece e o que sou. Também não sei quais serão as conseqüências disso. Também não sei se a vida é um presente ou uma traição, embora teoricamente eu acredite que a vida seja coisa positiva. Enquanto isso, vou compondo minhas frases, até o dia em que não puder compor mais nada — até o dia em que eu ficar decomposto, existindo apenas na lembrança dos que perderam a memória.

Este meu diário é realmente uma autobiografia de espírito. (Estou facilitando as coisas para os pesquisadores do futuro!...)

\* \* \*

Amanhã é o batizado. O batizado é sempre amanhã. E eu não sei se amanhã estarei vivo.

\* \* \*

Avacalhei o romance do Vilela, e o Vilela avacalhou minha crítica. O que importa é que ele continua meu amigo, suponho. Diante das discussões, diante dos erros e das injustiças e dos

acertos, estou ficando cada vez mais chateado com esse negócio de conversa literária, de literatura, de vida, tudo. Talvez seja por causa dos maus momentos (íntimos) por que estou passando. Vou dar só 90 cruzeiros pra minha mãe, e ela esperava que eu desse pelo menos 200 — mas é que eu tive que pagar 300 cruzeiros pro dentista, e vou ficar só com dois cruzeiros no bolso. Como sempre, quando estou com pouco dinheiro, penso parar de fumar. Depois também, hoje eu estava conversando com uns caras e eles me falaram que um sujeito morreu de enfisema, de tanto fumar. Aqui em casa, minha mãe achou bom que eu fosse tratar dos dentes, e ela sabe que eu só ganho 322 por mês, e depois ela não acha muito bom que eu dê só 100 cruzeiros pra ela. Mas é engano meu. Eu dei 90 cruzeiros pra ela agorinha mesmo, e ela falou que tá bom, aperta um pouco mas tá bom. Só eu é que não estou muito bom — mas eu não sei direito como é que eu estou, só sei que estou. *Stop!* (Foi a vida que parou?)

\* \* \*

..... O locutor berra: este é o melhor carnaval de 72. E eu penso: uai! vai ter outro esse ano?!....  
..... Daqui do quarto não ouço nenhum barulho diferente, é como os outros dias — e os clubes aqui perto de casa parece que não estão funcionando, pois não ouço nenhum barulho. Você olhou de repente pra mim, e com a mesma rapidez eu passei por você, o tempo exato de você ajeitar os cabelos que caíam nos olhos. Havia o desejo de ser conhecido pelo público mas, acima de tudo, havia a satisfação de andar no meio dos outros sem ser reconhecido por ninguém, nem mesmo por um amigo impessoal. Minha irmã, disse para o Jésus. E Jésus comentou: essa é a primeira vez que eu cumprimento alguém dentro de uma piscina. Eu escrevo as coisas naturalmente, mas todas as coisas que escrevo saem bem comportadas e bem boladas, talvez porque eu seja um cara que vive em companhia de livros e discos. Enquanto colocava a música, Jésus me apresentou: Dora, esse é o Luís; a Dora é minha irmã. Cê aceita uma batidinha? Não sei fazer

não, mas vou experimentar. Aceito. Trouxe a batidinha e pedaços de frango. Eu acho muito certo aquele negócio que ocê escreveu sobre o Henry Miller. São sete na sua casa? Não, são oito: cinco mulheres e três homens. Meu pai e minha mãe moram em Diamantina mesmo. Aqui não tem jeito de errar, o prédio fica na esquina da Rua Padre Marinho, apartamento 202. São 12 cigarros no maço. Dia 17 minha mãe recebe dinheiro e me compra um pacote. Não tenho nem um disco do Carlos Lyra, é um crime. Jêsus de Almeida Rocha. Há uns sete Luís Gonzaga Vieira aqui em Belo Horizonte. Quantas horas? Cê tá precisando de quantas? Meia-noite e meia? As mulheres boas, os bons desejos, as más intenções. Tou incrementado hoje, ele disse. .... Pior de tudo é o fulano que dizia pro sicrano: carnaval aqui tá quase igual no Rio. Não é possível! Será que ele tava falando sério? As balzaqueanas desfilavam o próprio desapontamento no passeio. Fumo em contagem regressiva (em contagem repressiva). Os clubes, e eu pensando nos clubes. .... Não tem importância, a Maria Alice tem cigarro, eu filo dela depois. O carnaval de Belo Horizonte é comovente! Eles promovem o carnaval, mas carnaval é uma coisa que tem que vir de dentro de cada um e não de fora: viver em estado de carnaval, como os cariocas vivem. Em São João del-Rei dizem que há um carnaval muito bom. O que há de bom no carnaval de Belo Horizonte é um conto que eu escrevi sobre o carnaval daqui e que está no meu livro "Concerto para a Mão Esquerda" (desculpando a minha modéstia). Quando Valdimir leu o conto, ele disse: é isso. Então em perguntei: é isso o quê? E ele falou: é desse jeito que eu queria escrever, agora eu não escrevo mais, cê já disse tudo. Diga-me que sou ótimo, e eu direi que és planetário. A dormência: este é o estado. Esse estado de dormência dos sentidos, enquanto o sexo queima como napalm. Engraçado: é domingo de carnaval e eu ouço latidos. O ventinho bate na persiana e diz: eu também estou aqui. *Jesus Christ, I'm here!* Cadernos de Jornalismo e Comunicação. Pretendo lavar a cabeça, já que a cabeça não pode me lavar. Terça-feira talvez eu vá nadar

de novo. Acender um fósforo para calcular o tamanho da escuridão, conforme queria Faulkner. Do mesmo modo: escrever dez livros para sentir o tamanho do meu vazio, conforme eu digo. Ei, crioulo! O crioulo se requiebrava no meio da Avenida. Agora eles inverteram a questão. Agora ninguém faz penitência pelos pecados, agora eles pecam para compensar a penitência que andaram fazendo. O ritmo da frase pode impressionar, e eu me impressiono muito bem com esse ritmo, e penso na impressão dos outros diante dele, do ritmo. O pescoço e a nuca fixam a página, por isso ficam doendo. Aos poucos, os populares vão para suas casas. De populares eles não têm nada, não sei nem se eles têm casa. Nasci no Brasil: só a partir desse fato é que posso encarar o mundo. A Groelândia é apenas um desenho (mancha) no mapa. Veja essa de Rui Guerra: letra dele e música de Carlos Lyra. Casado com uma americana, passou muito tempo no México. E a velha piada sobre a infelicidade do México: tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos!..... Quando o gigante despertar, já terá passado o tempo dos gigantes. Eu tava pensando é naquele negócio que ocê escreveu sobre pigmeu e atleta, naquele artigo sobre Henry Miller. Ah, sei!..... A mulher é o desejo, a irrealização, as teorias, os sonhos, um palácio encantado descrito por um escritor inglês. Rancaram o estopim da bomba da paz. E possível que uma pessoa morta pense que está viva? Se não é possível, pelo menos é exatamente essa a impressão que temos quando olhamos para muita gente. E o espelho não te diz nada? Acontece que eu não sou apenas um morto, mas um morto glorioso, e que vive das próprias glórias, disso que ele chama de próprias glórias. Eu sou um acidente no mundo (acidental e sujeito a desastres): posso me julgar essencial, mas sou acidente. Minha presença não afeta o andamento do Universo. No fundo, estar vivo é apenas saber que estou vivo, saber que sofro de uma doença incurável chamada pensamento.

\* \* \*



Quando a gente está sozinho no meio dos outros, isto não teria grande importância. Pior é não poder explicar a ninguém o que se passa dentro da gente, porque nem mesmo a gente sabe do que se trata. É um isolamento completo, total. Naturalmente, tenho que descontar meus exageros — tirar a média.

..... E eu sou escritor, e meu ofício é público. É muito engraçado pensar que eu cheguei na condição em que estou. É muito engraçado pensar no instante exato da minha morte.

\* \* \*

Sinto, absolutamente, aquilo que Millôr Fernandes dizia: “Da vida ninguém escapa”. Não escapo da vida, do amor, do sexo, das mulheres, da minha neurose, da minha visão (ou evasão) de mundo. Estou vivo, irremediavelmente vivo. E o suicídio apenas confirmaria que eu estou vivo. E porque estou irremediavelmente vivo, eu sou irremediavelmente eu mesmo. De um modo menos constrangedor, o problema é o seguinte: é nisso que dá ser metido a filósofo e pensador! Pelo menos, é o que a moça me dizia.

\* \* \*

Se não procuro os outros, como quero que eles me procurem?

A música de Bach tem gosto de semana santa! (Por quê?!)

\* \* \*

O que você tiver para escrever agora, escreva bem, pois você não sabe se amanhã estará vivo ou bem disposto para escrever outra coisa, quer dizer: a única coisa que você tem para escrever é isto que você está escrevendo agora, no momento nada mais importa. A coisa realmente importante é aquilo que você está fazendo, não é aquilo que fez nem aquilo que fará. Boa sorte!

\* \* \*

“Deus” é a minha consciência — é a consciência de saber que há pessoas que acreditam em Deus, pessoas que *se comportam* deste ou daquele jeito porque acreditam neste ou naquele Deus, nesta ou naquela espécie de Deus. Quando penso em “Deus”, estou pensando no comportamento das pessoas.

\* \* \*

No fundo, sou um cara emotivo e bastante sentimental. Um cara que gosta de ternura e que chora por pouca coisa, mas longe dos outros evidentemente, tenho vergonha de expor minhas fraquezas íntimas. (Fraquezas?)

Pensei no romance do Vilela. Gostei que outros falassem mal, porque isso significa que não estou sozinho nas críticas que fiz. Mas hoje eu entrei mais dentro de mim mesmo e me perguntei por que sempre estou querendo saber o que os outros acham do romance do Vilela. E, meio forçado, tive que reconhecer que, no fundo de mim, eu gostava de ver os outros falando mal dele, porque eu gosto de ver o fiasco dos outros, porque meu sadismo fica satisfeito com isso. Quero que os outros escrevam bons livros, mas gosto de escrever mal sobre os outros. Mas só escrevo mal sobre os outros quando acho que eles não prestam: não faço média, dou minhas opiniões que podem estar certas ou erradas, não importa, pois não sou critério de verdades absolutas nem sou fabricante de dogmas. Que os inimigos me perdoem, mas eu assumo todos os meus erros e todos os meus acertos. Eu sou apenas eu, e o mundo tem bilhões de habitantes, bilhões de cabeças, bilhões de verdades.

\* \* \*

Solidão! Esse problema de pessoas solitárias. A balzaqueana sofria de solidão, ..... era da Tradicional Família Mineira e não conseguira libertar-se dos preconceitos. A terrível solidão de solteirona que ela sentia. E o casamento, que já não estava resolvendo mais nada ..... Homens e mulheres devem viver juntos, mas em que bases? Eu não

sou uma pessoa, eu sou um problema. Fico pensando na minha morte, mas assim: eu preciso resolver *como* quero morrer, preciso inventar coragem ou desespero para escolher a *minha* morte. Enquanto é tempo, penso nisso. Porque, quando vier a arteriosclerose ou o câncer, aí não adiantará mais, aí eu ficarei à mercê dos outros, à mercê da piedade ou da indiferença deles. Não sei como isso será resolvido, se é que será resolvido.

\* \* \*

Engraçado é que, quando estou pensando sozinho comigo mesmo, muitas vezes me elogio e fico admirado com as coisas que penso e escrevo mas, na mesma hora, eu me ridicularizo, me gozo, me xingo. Estas duas atitudes dentro de mim são muito freqüentes: estou sempre conversando comigo mesmo, me elogiando, me avacalhando, nunca me levando realmente a sério, por mais sérias que possam ser as coisas que faço ou ameaço. A verdade é que nunca consegui me levar a sério.

\* \* \*

Podemos fazer algumas comparações e aproximações. Por exemplo. Ortega y Gasset disse: "O corpo é a realidade do espírito". Nélida Piñon escrevia: "o nervo é o universo do corpo". E Yoko Ono afirmava: "O corpo é a cicatriz de sua mente".

\* \* \*

Essa coisa dentro de mim — onde só a música consegue chegar.

\* \* \*

Ê o diabo! Mandei meu romance "X Y Z" para concorrer ao prêmio da Editorial Seix Barral, de Barcelona. Depois, eles me mandaram um recibo, avisando que os dois originais haviam chegado. Mais tarde, recebi uma carta de Barcelona

pedindo: “la amabilidad de remitirnos tan pronto como le sea posible una nota bio-bibliografica suya, en la que se detallen fecha y lugar de nacimiento, estudios, actividades y publicaciones, dado que carecemos de tales datos”. Pois bem. Agora eu fico entre a esperança e a dúvida, esperando chegar o dia do resultado do concurso, a 18 de maio, para ficar novamente decepcionado comigo mesmo ou sentir uma imensa alegria. Afinal, por que eu não poderia ganhar um troço desse, já que ficaria numa situação bem agradável? O jeito é esperar e....

\* \* \*

Eu tenho consciência de que sou um grande escritor: mas que faço eu dessa consciência? de que me serve?

\* \* \*

Estou escrevendo outro romance: “Marchemos resolutos para a guerra”..... Dou meu testemunho de agonizante — mas ninguém sabe que estou agonizando nem sabe que estou dando testemunho de alguma coisa. Mais dia menos dia, pode ser que eu estoure. E vocês certamente ouvirão o ruído. Que consolação!

\* \* \*

Tú eres um tibio, Silvestre, mi viejo. No eres ni frio ni calliente. Subía que no sabías amar, ahora sé que tampoco puedes odiar. Eres eso: un escritor. Un espectador tibio. Con gusto te vomitaría, pero no puedo porque ya vomité todo lo que podía. Además, eres mi amigo, qué coño.

Técnica es experiencia concentrada.

(G. Cabrera Infante, em “Tres Tigres Tristes”).

\* \* \*

Tudo pode acontecer, tudo pode não acontecer. Nunca passei tanto tempo sem dinheiro como agora. E falta de dinheiro me deprime, porque não posso comprar cigarro. Sem

cigarro não faço nada. Estou na expectativa de saber o resultado do concurso de Barcelona e a minha ida para os Estados Unidos em setembro. Se nada disso der certo, vou curtir sozinho minha fossa e meu desapontamento. O resultado do concurso de Barcelona deve sair dia 18 de maio, e já estamos a 10 de abril. .... As pessoas costumaram me chamar de escritor por causa das coisas que escrevo no Suplemento Literário, tenho fama de escritor, mas não sei como posso publicar meus livros. Sinto que está tudo encurralado, e meu sentimento é este, o de um homem encurralado. Maria Benvinda está doente em Araxá, minha mãe vai lá. Devo 400 cruzeiros pro dentista e meu ordenado mensal é de 350. Ganho pouco porque não gosto de trabalhar, mas gosto de achar ruim com tudo. Em que embrulhada me meteram! Em que embrulhada eu fui me meter! .....

\* \* \*

Estou sentindo dificuldade na respiração, e penso em câncer, porque eu sempre penso em câncer. Uma espécie de vazio na barriga. Eu gostaria de ser um grande amigo da morte, mas infelizmente não tenho familiaridade com ela. Também não tenho cigarro nem dinheiro. Escrevo um ensaio sobre Emílio Moura. Penso, explodo.

\* \* \*

Sem nicotina é aquele vazio, aquela tristeza, aquela angústia. Sem nicotina ainda não fui capaz de escrever. Estou num mundo em que estava desabitado a viver. Dinheiro e afetividade sempre me fizeram muita falta, pois eu nunca tive nem uma coisa nem outra, e talvez morra seco e desidratado. O mundo, e os bilhões de problemas que há no mundo. A vida do mundo, e a vida de cada pessoa no mundo, As mulheres do mundo, do Brasil, de BH. A solidão. A velhice. Saber que este mundo é apenas este mundo — saber que o mundo é tudo isso e eu sou apenas eu mesmo, enfiado aqui na minha toca, sem dinheiro, sem mulher e sem cigarro (parei de fumar, pelo

menos estou tentando) . ISTO — IRREMEDIavelmente — DEFINITIVAMENTE.

\* \* \*

Parei de fumar e o vazio é desgraçado. Não estou com vontade de escrever nada, absolutamente nada. Ainda bem que já escrevi vários livros, e há outros livros bem encaminhados. Se eu tivesse dinheiro, essa noite seria espetacular pra sair, comer e beber muito. Mas tou sem nem um tostão no bolso, como sempre. Minha mãe foi à Viçosa ver a filha da Teresinha que nasceu por esses dias. Zé Reinaldo falou que vinha de São Paulo, mas resolveu deixar pra mais tarde. Amílcar garantiu que pederastia era doença mental, toda doença física é doença mental. Mariângela ficava rindo atrás dos óculos, Geraldo não concordava de jeito nenhum. Vazio do tamanho de uma égua cósmica. Falta de gosto pra escrever ou ler. No fundo, aquela dúvida diante das coisas que escrevo. E tem esse concurso lá de Barcelona que pode me acontecer ou não, ..... Esse ano, pelo menos, duas agradáveis decepções podem me acontecer. Então, eu continuarei subindo e descendo a Rua da Bahia, perfeitamente consciente de que sou um grande escritor: morrerei consciente — e inédito. Há uma porção de coisas pra fazer, e eu não faço nada, fico apenas contemplando o nada na minha frente, um nada cor-de-rosa e mal rebocado. As coisas acontecem, é verdade, e eu já me vejo um cara velho, 60 ou 70 anos, com todas essas manias e depressões de velho, de certo modo invejando a vitalidade dos moços. Não sei, mas eu preciso escolher a hora da minha morte, quer dizer, não deixar que a velhice me avacalhe. Tudo isso é pura teoria, e eu não sei o que é que a prática poderá fazer por mim. Eu queria apenas um dinheiro pra sair agora, comer e beber. Hoje é sexta, noite boa pra isso. Ainda mais que, sem fumar, a fome aumenta, o gosto das coisas é superlativo. Mas não adianta pensar, pois não tenho dinheiro mesmo, e só recebo meu ordenado dia 11 de maio. Meu inglês é péssimo, por isso a bolsa ainda não saiu. Tenho pinga aqui em casa mas, se eu tomar

um gole, fico com vontade de beber a garrafa toda, e na geladeira não tem nada pra comer. São nove e meia da noite, ....  
.....! Minha irmã e o namorado dela .....  
Os amigos estão por aí, a vida circula no espaço, hoje é véspera de amanhã. Eu queria. E. Você queria. Todo mundo queria. Pense bem. Este é teu único momento, teu único instante. Não há outro instante, nem há outra vida.

\* \* \*

Engraçado! O tempo passa e a cara da gente vai tomando outro aspecto (pra não dizer coisa pior). Nos primeiros anos de vida (digamos: até os 25 anos de idade), minha cara tinha jeito mais de inocência, esse tipo de inocência que se confunde com a ignorância de tudo. Depois dos 25 anos entrei para a lucidez e minha cara então ficou pesada e grave, não tanto a cara, mas os olhos que sempre foram profundos e enigmáticos, ou por outra, sempre espantados diante do mundo (é espanto, nostalgia, melancolia). Hoje, aos 36 anos de idade, minha cara ainda não está completa, mas eu estou completo, apesar de sofrer a falta de amor e dinheiro. E, agora, sem qualquer lirismo de minha parte, eu só poderei viver um minuto de amor, mas será um minuto terrivelmente carregado de mim mesmo, será um amor com uma carga tremenda de personalidade. Não sei pra que servirá tudo isso, só sei que será assim. Tenho pensado bastante em misoginia, mas .....

\* \* \*

Quis beber, e bebi ..... E depois? Depois nada. Apenas esse vazio, essa falta de significação, toda essa gratuidade. A amizade da moça, e minha amizade por ela. Isto que chamam de amor, e que é tão corriqueiro, tão prosaico, embora seja fundamental. O mundo imenso, e eu tão pequeno diante do mundo. Minha emotividade, minha sensibilidade. As manifestações do meu corpo. Meu olho gigante, descomunal.

\* \* \*

Sou solteirão e procedo desse modo. Quero mulher e só encontro esposas. Quando encontro mulher, ela quer pelo menos um filho. Falta de sorte a minha, é lógico! Vejo que sou gamado com muita mulher e elas não sabem, mas vejo também que elas devem gostar de muita gente que nem sabe que elas existem. É o diabo! Tudo poderia ser bem mais simples, menos hipócrita, mais decente. Mas não. Cada um vai curtindo o próprio desapontamento no quarto ou num lugar qualquer bem isolado. Enquanto isso, o tempo passa, tenho a consciência do tempo passando, então vejo minha mãe que custa para entrar no táxi porque ela está com 68 anos de idade e o corpo já não obedece tanto. O pensamento voa, mas o corpo pesa cada vez mais, atraído para o fundo da terra. Se uma pessoa gosta de sofrer, não é melhor assim pra ela? Masoquismo é espécie de fuga? Não sei se é por causa do colchão de mola, mas minhas costas ficam doendo enquanto durmo. Quê que é aquilo ali? ..... Parei de fumar desde abril e ainda não estou acostumado, quer dizer: há um vazio, vontade de não fazer nada ou fazer alguma coisa mas durante pouco tempo, vontade de dormir bastante, comer muito, beber. Amanhã é segunda, dia 5 de junho, dizem que vão pagar a gente antes do dia 10, porque dia 11 é domingo e dia dos namorados. Será que eu vou receber mesmo um bom dinheiro? Ah! Eu tava esquecendo de dizer uma coisa procês. Eu sou escritor, cês sabiam? Pois é. Eu sou escritor. Isso acontece até nas melhores famílias! Sobre o concurso literário de Barcelona até hoje não sei nada, e o resultado deveria sair no dia 18 de maio. Sobre a bolsa dos Estados Unidos também não sei de nada. Em compensação não preciso mais pentear cabelo, cortei curtinho, penteio com a mão. Entrego meu espírito no estômago do mundo..... Inédito ou não, o mundo continua cada vez mais explosivo. Pelo menos, ainda posso publicar alguma coisa no Suplemento Literário do Minas Gerais, minha vaidade gosta disso, também porque os outros me lêem e me escrevem, me insultando de escritor, filósofo e inteligente — e eu acredito! Acredito na boa vontade dos amigos e desconhecidos e acredito principalmente que vou



dormir agorinha mesmo. Amanhã é segunda — sempre será segunda — hoje sempre foi domingo. Nunca vou poder me apagar, porque eu já fui. E, realmente devo ser um filósofo, ou então ..... Os olhos continuam olhando, e eu já não sei qual é a incógnita, se são os olhos que vêem o mundo ou se é o mundo. E ..... Ou como dizia o Millôr Fernandes: essa não!

\* \* \*

Televisão é uma “diversão” doentia (aqui no Brasil, pelo menos). Além de fabricar loucos e robôs a cores, a televisão nada tem de saudável. Saudável são as coisas que acontecem na rua, a vida que está pulsando lá fora. Já não consigo ver televisão — a vida me chama lá fora.

\* \* \*

Gostar de mim é uma coisa muito improvável. Não acredito que alguém, algum dia, possa gostar de mim. Eu sou o indesejado, o não agradecido, uma presença que não interessa a ninguém.

(Isto aí em cima foi escrito quando eu estava bêbado e na fossa — o que, afinal, não é nenhuma desculpa).

\* \* \*

Na falta de outra palavra, eu digo que estou triste nesta noite de 14 de junho de 1972. Como vocês sabem, sou um solteirão de 36 anos (faço 36 em julho, nasci em 1936). Quando tinha 20 anos, eu me sentia terrivelmente na fossa, não acreditava em ninguém nem em nada. Mas hoje eu melhorei muito, hoje eu me equilibro bem melhor. Mas hoje eu ainda tenho as minhas tentações de fossa, tristeza e pessimismo. Então é isso, meu amigo! Depois de 36 anos você ainda não conseguiu superar-se, conseguiu apenas tapear melhor. Quando vejo as mulheres, então volta aquele pessimismo antigo, então penso que não é possível alguém inte-

ressar-se por mim, interessar-se por essa coisa que atende pelo nome de Luís Gonzaga Vieira. Sei que várias pessoas gostaram de mim, mas isso não modifica a questão. E a questão é mulher e amor — e eu sou apenas um contemplativo, apesar ..... Essa necessidade de ter mulher ao seu lado, mas esse fato de você não acreditar em nada, não acreditar no amor da moça por você, e sempre ficar pensando na moça ausente, distante e inexistente. Eu sou um pro-jeto que nunca se realiza. Sou parente de Jeremias também. E também acho muito bacana o recurso do masoquismo. Só não acho bacana a ausência das mulheres..... Eu me acho um escritor muito engraçado, engraçadíssimo. Escrevo no Suplemento, e pronto. Sou inédito em livros, e ser inédito é uma piada succulenta, tão succulenta como bomba de napalm no corpo de uma criança do Vietnã. Não tenho nada, não sou nada, embora não precise de coisa alguma e seja o que sempre quis, isto é, sou escritor e jornalista. A tristeza é velha conhecida, mas hoje eu racionalizo a tristeza, transformo a tristeza em conto, novela, romance, ensaio, bebedeira, ..... etc. Sinceramente, mas até hoje eu não sei o quê que eu sou e o que é que eu estou fazendo aqui! Não sei nada, .....! Essa estranha e-mo-ti-vi-da-de.

\* \* \*

Nada dá certo. Não é bem isso, meu amigo. É que ocê só costuma prestar atenção nas coisas que não dão certo. E se você pensasse também nas coisas bacanas que te acontecem?

\* \* \*

— Cê tem carro?

— Tenho. Quer um?!

\* \* \*

Só te conheço de vista: há outro modo de conhecer uma pessoa?

\* \* \*

Uma mulher que me preencha, que ela goste tanto de mim como eu dela. Poder contar com a mulher e ela comigo. As mulheres me deixam triste, não por causa delas, mas por causa da atração que sinto. Meu isolamento — a distância afetiva entre as mulheres e eu (e não estou falando de contato físico apenas). Quase tudo. Ou quase nada. As pequenas (e monumentais) diferenças. A beleza das mulheres. E eu feito besta. E elas. E eu.

\* \* \*

Estamos quase no fim do mês de junho e ainda não fez aquele frio que costumava fazer. (As experiências nucleares estão por aí). Mas tá bom assim. (Onde estão as mulheres? Estou falando de mulheres e não de esposas!) Há esse vazio e esse modo constrangido de olhar pro mundo. Acho que não é mais o vazio provocado pela falta de cigarro, pois parei de fumar em abril, já deu tempo de me acostumar com o vazio. Acredito que o vazio agora é o mundo, são as pessoas, são todas as coisas. O que eu penso — e o modo como coisas e pessoas acontecem. Perspectiva é, para mim, uma situação abstrata, aqui e agora. Lá na rua estão festejando as chamadas “festas juninas”. Jogo na loteria esportiva e perco. Também não gosto de sair em grupo com os amigos ou conhecidos, porque vou ficando abatido, querendo ficar sozinho, curtindo minha simpaticíssima solidão. E ela não está interessada no amor, mas na conveniência. E eu seria, para ela, um cara conveniente, que poderia solucionar o problema do casamento dela e, principalmente, acabar com a incômoda condição dela de “titia”. Assim como eu agora sou conveniente pra ela, assim também qualquer outro poderia ser conveniente, tudo dependendo das circunstâncias do momento. Era sempre assim: buscava-se o mais conveniente e não, o mais amado. E quando

se amava uma pessoa, então já era tarde demais, a vida já havia passado. Talvez por isso é que a moça acabava por contentar-se com a conveniência, já que não havia mais tempo de encontrar amor. E os dois iriam curtir o próprio engano pro resto da vida: não se separavam porque tinham medo de ficar sozinhos. Por que você, pelo menos, não me escreve uma cartinha de vez em quando? Não custa nada! Olha pra cima. Tá vendo o céu? A distância é infinita.

\* \* \*

Não há mais barulho na rua, pelo menos não se ouve mais qualquer ruído de buzina, aquele som estridente cavando os ouvidos. Agora está tudo calmo, e agora então as coisas começam a ferver com o silêncio aqui de dentro. Porque o silêncio é que oferece uma perspectiva que rasga mais do que bisturi, por falta de coisa que rasgue mais. Por enquanto, a noite é tão pastosa como as coisas pastosas que não conheço. E o olho, como sempre, continua fixo na frente da parede, procurando alguma coisa ou simplesmente olhando, com aquela necessidade de fixar-se num objeto qualquer. Diabo! Será onde é que eu perdi as minhas chaves? Não estão aqui comigo, mas amanhã eu vou ver se encontro lá no jornal. Na televisão o cômico-cantor procurava fazer a platéia rir e, apesar de não haver graça em nada, a platéia ria. Porque carioca é assim mesmo, carioca tem uma boa vontade incrível pra rir de tudo, boa vontade ou piedade ou masoquismo, sei lá. O carioca ri muito, ..... (não tão vendo como é que eu sou) Por sinal que engordei mais de dez quilos em três meses: eu pesava 57 e tou pesando 70, se a balança não estiver estragada. Na sala as pessoas assistem televisão. Aqui no quarto eu espero o outro dia, pensando em mulher, nessa mulher que não existe e que eu não sei de onde extrair (falo mulher, não falo de esposa nem de filhos) ..... Mas, por favor, não complique as coisas, não venha me falar em amor se eu te conheço há tão pouco tempo, tá feito? Mas você só pensa nisso? Quê que tem eu pensar só naquilo? Há outras coisas. Sem dúvida, mas as outras coisas vêm depois (depois

ou antes?) ..... Seja como for, as pessoas riem, e era bom ver as pessoas rindo ..... Se eu soubesse realmente o que eu queria, eu já teria feito, mas eu não sei, então fico na indecisão, até que o monstro me devore na esquina da Avenida Afonso Pena com Bahia, naquele passeio onde todas as pessoas são transeuntes, por falta de outro nome pior, ou melhor. Lá fora, a noite continua seu caminho de noite e, aqui no quarto (ou toca), eu continuo sendo eu, assim, do jeito que sou ou aparento ser ..... Mas é bom saber que alguém está interessado na gente, mesmo que ela realmente não esteja interessada em coisa alguma. Penso na minha (simpaticíssima) solidão, mas vejo que muitas outras pessoas estão nas mesmas condições que eu e até piores, porque muitas dessas pessoas são mulheres, às vezes já de certa idade, beirando os 30, titias e tudo o mais. Na casa dela só falta ela pra casar, porque as outras todas já casaram: e ela, como é que fica? Fica sondando o ambiente, vendo se aparece alguém disponível. Eu fui formado em bases complicadíssimas, por isso procuro sempre a simplicidade, mesmo que seja a simplicidade de um assassinato ou de um estupro. Por esse motivo é que hoje finalmente eu aprendi detestar as virtudes de corpo e alma, e sempre me..... Na televisão estão aproveitando o pedaço de uma música de Lalo Schifrin, estou ouvindo daqui, e ouço também alguém berrando no microfone que colocaram lá na Praça Sete, estão dando show pras empregadinhas e pros desocupados, a tropa toda fazendo ..... Os sons vêm da Avenida, as pessoas estão rindo ou estão comendo amendoim torrado, algodão-doce, pipoca. E eu tou aqui, falando neles. Aliás, amanhã a empregada deve aparecer, falou que vinha. Eu tenho fome, muita fome ..... Sibelius havia composto "O Cisne de Tuonela", troço melancólico pra burro, conhece? Mesmo que não conheça, não tem importância, a coisa continua melancólica do mesmo jeito. Suzana veio e disse: mas eu não sabia que ocê escrevia desse jeito. Músicas estrangeiras vêm da Avenida, o céu é indiferente, e eu gostaria não sei do quê — sem falar em mulher, é claro, óbvio,

ululante. As pessoas nascem, casam, fazem filhos, ganham dinheiro e morrem. ISTO É A VIDA — muito pouco pra quem tem fome demais — mas é o suficiente pra quem sabe que tem apenas duas mãos e o sentimento do mundo — embora nada seja suficiente, enquanto estiver vivo. Se não sou filósofo, pelo menos dou todas as dicas. Não sou filósofo (ou sou): apenas estou pensando o mundo, e o mundo está me pensando. Há uma porção de coisas acontecendo, e há um cachorro latindo em cima do palco. Os pés estão apertados porque eu ainda estou de sapato e não estou de sandálias franciscanas (as sandálias é que são franciscanas e não eu). Estou com vontade de beber agora, mas estou sem vontade. Seria interessante comer uns dois quibes no Restaurante Chinês ali na Tamoios. Amanhã eu posso acordar cedo, ou posso não acordar nunca. Vejam vocês: minha queridíssima LEILA DINIZ morreu há dias num desastre de avião e até hoje eu nem falei nisso — mas é que não dava mesmo pra falar, a morte dela me avalchou completamente. Basta dizer LEILA DINIZ e pronto, disse tudo. A filhinha dela não tem nem um ano ainda. E aconteceu isto: LEILA DINIZ morreu, morreu o sorriso dela, o modo fantástico como ela vivia, morreu tudo o que ela significava, ficando apenas a lembrança de LEILA DINIZ. Que fiz eu de tão ruim pra sofrer a morte de certas pessoas? O tempo é mudo, o espaço acabou. LEILA DINIZ morreu em mim.

\* \* \*

— Quantas horas cê tem aí?

— Cê tá precisando de quantas?!

\* \* \*

— Hoje é segunda-feira?

— Por enquanto!

\* \* \*

Vontade de não ter vontade ou de dormir. Vontade de não pensar o mundo nem seus problemas. A posição das mulheres diante do mundo, a situação biológica da mulher. O homem diante do mundo ou diante de um grande espelho: macho, todo-poderoso, patriarca, senhor, criador do mundo. O homem cria e as mulheres consomem? Por que poucas mulheres produzem e criam? Por que existe tudo como existe? Por que esforçar-se, se o esforço vai modificar tão pouca coisa? Por que escrever e publicar? Já não basta apenas a *fama* de escritor? Diante de *tudo* o que existe, o que fazer da vida? O que fazer diante de tudo? Por que o amor? Por que essa atração desgraçada pela mulher? Se a mulher não é objeto, por que ela procede como objeto e por que se oferece como se estivesse num mercado? O que realmente importa é o amor ou a conveniência? Existe alguma coisa que realmente importe? De um lado está o ritmo biológico que praticamente ainda é o mesmo até hoje, e de outro lado está o ritmo do progresso e da civilização: e a verdade é que o ritmo biológico não acompanha o ritmo atual da civilização, daí nascendo uma porção de anomalias que só tendem a aumentar, embora essas anomalias possam ser vistas como "normais". Os cromossomos masculinos e femininos são estudados, homem e mulher são colocados na balança. Minha posição diante do mundo não é apenas uma opção, mas é também condicionamento físico, mental, social, econômico, biológico, tudo. X são os dois cromossomos que caracterizam a mulher. Y é o cromossomo feminino, que nunca aparece na mulher. E cada homem tem o X feminino, herdado da mãe, e o Y herdado do pai. Se tudo isso é certo, por onde andarás o Z?! De qualquer modo, é sempre bom pensar que as teorias são feitas por machos, que estão sempre prontos para justificar a própria "superioridade". (Num mundo matriarcal, todas essas teorias continuariam sendo corretas?!) O que fazer diante de tudo o que há por fazer? Existe algum paraíso que não conhecemos? E como se dá o relacionamento de uma pessoa com outra? Todo o Universo é uma tremenda interrogação, e talvez seja esta a resposta. De que me adianta ser lúcido e inteligente? Mas

de que me adiantaria ser tapado e burro? As coisas adiantam ou tudo está além dessas questões? Enquanto os olhos devoram o mundo, o mundo vai comendo os olhos. Por mais que as coisas sejam, elas podem apenas ser, nada mais. Estou definitivamente vivo, nunca poderia deixar de existir.

\* \* \*

— Por quê que a Terra não cai?

— Cair onde?!

\* \* \*

Minha tia Bebé está doente, com arteriosclerose, piorando cada vez mais. E eu não vou visitar minha tia Bebé que sempre gostou de mim, e isto por um único motivo: porque eu tenho vergonha de chorar perto dos outros.

Dias atrás eu bebi e vim pro meu quarto escutar música: então eu chorava enquanto a música tocava, soluçava, o rosto molhado, uma crise tremenda de choro e soluço, a fossa, a melancolia, a angústia, esses nomes todos vinham por cima de mim. Eu estava *sentindo* as coisas, *sentindo* o mundo e *me sentindo*. Era uma coisa parecida com depressão, mas o masoquismo me salvava. Eu não estava chorando o mundo, eu estava *me* chamando, *me* expelindo. No dia seguinte fiquei meio espantado ao lembrar minha crise de choro, mas agora já esqueci.

Um livro meu está na Artenova, outro na Gernasa, outro na Brasiliense e o quarto poderá ser levado pra Civilização Brasileira, pra não falar no quinto, que continua na gaveta.

Amanhã é quarta, hoje foi terça. Ocupo determinado espaço e, como um bom pequeno burguês, procuro não incomodar ninguém. Os olhos pesam.





# MONTAGEM



# TRAVESSIA EM GUIMARÃES ROSA

## A POESIA, O RIO, A VIDA e A MORTE

Ronald Claver e Antônio Sérgio Bueno

Contar Rosa é negócio muito dificultoso, Inda mais uma travessia como esta. Mas não há nada. Nonada. O caminho é perigoso. Chegaremos lá. Certeza quase tenho. E vereda ainda verde.

*Narrador:*

João Guimarães Rosa, grande sertão, veredas.

Não se há de buscar na história o que não há.

Não há o acontecer, a história simplesmente,

Não há o grande sertão.

João Guimarães, o homem letrado, o audaz

O primeiro que foi, foi personagem seu.

O primeiro que foi, criança, é Miguilim,  
menino de inventiva e de muito sonhar.

João Guimarães, depois foi mais:

cavaleiro, vaqueiro e capataz.

Foi o amor do amador, e o diabo também

O diabo de cem nomes e até de mais de cem

O diabo enganador e senhoril, o frio.

Diabo que não existe e que é puro existir.<sup>1</sup>

*Narrador:*

Amigo meu, J. Guimarães Rosa, mano-velho, muito saudar!

Me desculpe, mas só agora pude campear tempo para ler o romance de Riobaldo. Como que pudesse antes? Compro-misso daqui, obrigação dacolá... Você sabe: a vida é um Itamarati.

Ao depois de depois, andaram dizendo que você tinha inventado uma língua nova e eu não gosto de língua inventada. Sempre arreneguei de esperantos e volapuques. Vai-se ver, não é língua nova nenhuma a do Riobaldo. Difícil é, às vezes. Quanta palavra do sertão! Nenhum dicionário dá a palavra "vereda" com o significado que você mesmo define: "Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda! Tinha vezes que pelo contexto eu inteligia: "ciriri dos grilos", "gugo da juriti", etc.. Mas até agora não sei, me ensine, o que é "arga", "suscenso", "lugugem" e um desadorno de outras vozes dos gerais.

Ainda por cima disso, você fez Riobaldo poeta, como Shakespeare fez Mac Beth poeta. Natural: por que um jagunço dos gerais demais do Urucua não poderá ser poeta? Pode sim. Riobaldo é você se fosse jagunço. A sua invenção é essa: por jagunço poeta inventando dentro da linguagem habitual dele. O diabo é que depois de ler você a gente começa a se sentir e cantar eu sou pobre, pobre, pobre, rema, rema, rema, ré.

E o caso de Diadorim, seria mesmo possível? Você é dos gerais, você é que sabe! Mas eu tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher. Eu preferia Diadorim homem até o fim. Como você disfarçou bem! Nunca maldei nada.

Amigo meu J. Guimarães Rosa, mano-velho, o menino Guirigó e o cego Borromeu são duas criações geniais. Aliás todo esse mundo de gente vive com uma intensidade assombrosa. E o sertão?

O SERTÃO É UMA ESPERA ENORME.

E o silêncio?

O VENTO É VERDE. AÍ, NO INTERVALO, O SENHOR  
PEGA O SILÊNCIO, NO COLO.

Tão deleitável tudo, nem que estar nos braços da linda  
moça Rosa'uarda, ou de Nhorinhá, de Ana Duzuza filha, ou  
daquela prostitutriz que:

PROSEAVA GENTIL SOBRE AS SÉRIAS IMORALIDA-  
DES;

Ah, Rosa mano-velho, invejo é o que você sabe:

O diabo não há! Existe é o homem humano.

Soscrevo.

Manuel Bandeira <sup>2</sup>.

Ficamos sem saber o que era João  
e se João existiu  
de se pegar. <sup>3</sup>

Carlos Drumond de Andrade

NARRADOR: Mas quem é esse quase mil? Quem é esse um,  
multiplicado de estórias? Quem é esse um chamado João?  
ROSA: sou, antes de tudo um homem do sertão. Nasci em  
Cordisburgo. Em M. Gerais. <sup>4</sup>

RIOBALDO: O sertão está em toda parte. O sertão é do ta-  
manho do mundo. Sertão é quando menos se espera. Vou  
lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!  
Não sei. Ninguém ainda sabe. Só umas raríssimas pessoas.  
Sertão sendo do sol... Um passo para os de meia-razão. Lugar  
sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos. Sertão  
é uma espera enorme. Sertão. Sabe senhor: Sertão é onde o  
pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do  
lugar. Mas sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é  
achado... Tudo incerto, tudo certo. Até enterro simples é  
festa. E é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada.  
O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as as-  
túcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado.

*cantiga*: Hei-de às armas, fechei trato  
nas veredas com o cão.  
Hei de amor em seus destinos  
conforme o sim pelo não.  
Em tempo de vaquejada  
todo gado é barbatão:  
deu doideira na boiada  
soltaram o rei do sertão...  
Travessia dos gerais  
Tudo com armas na mão  
O sertão é a sombra minha  
e o rei dele é capitão.<sup>5</sup>

ROSA: Tudo isso é certo, mas não esqueça dos meus cavalos e das minhas vacas. Uma vaca e um cavalo são seres maravilhosos. Quem lida com vacas, quem lida com cavalos, aprende muito para sua vida e a vida dos outros. Isto pode espantar-lhe, mas sou meio vaqueiro.

RIOBALDO: Cavalo que ama o dono até respira do mesmo jeito. Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para a tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja. Uma coisa o senhor não sabe: rincho de cavalo padecente assim de repente engrossa e acusa burações profundos e às vezes dão ronco quase de porco ou que desafina, esfregante, traz a dana deles no senhor, as dores, e se pensa que eles viraram outra qualidade de bichos excomungadamente. O senhor abre a boca, o pelo da gente se arrupeia de total gastura, o sobregelo. E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser em grande martírio, a menção na idéia é a de que o mundo pode se acabar.

E o mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Cavalo. Cavalaria! Cortejo que fazia suas voltas, pelos ermos, pelos ocos, pelos altos, a forma duma mistura de gente amontada, uma continuação grande. Os bois dormem como grandes flores e desde o raiar da aurora o sertão tonteia — fogo nos seus pastos... O sol roxo requeimão, cheiro de boi sempre faz. Conto. Meu cavalo f'losofou. Senti meu cavalo como meu corpo. E estou para ver outro igual siso e caráter. E

os cavalos vagarosos; viajavam como dentro dum mar. E um boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando.

ROSA: Quando alguém me fala de quaisquer acontecimentos trágicos eu digo só isto: Quando tu olhas nos olhos de um cavalo, então vê tanto da tristeza do mundo! Eu queria que o mundo fosse habitado só por vaqueiros. Seria então melhor.

*Cantiga:* Um boi preto, um boi pintado  
cada um tem sua cor  
cada coração um jeito  
de mostrar o seu amor.

RIOBALDO: O amor é sede depois de se ter bem bebido. E assim mesmo afirmo que Rosa'uarda gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. E estudava seu corpo adivinhando as nascentes do amor. E só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. E a gente sabe que esses silêncios estão cheios de mais outras músicas. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. E tem hora em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros. E amor? E pássaros que põe ovos de ferro. Mas amor é amor, nem fugisse dele o homem, ele acontecia... E o homem e a mulher, o avançar parados dentro da luz, como se fosse o Dia de Todos os pássaros... Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite versáveis, em amizades de amor. E sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce, é porque, de certo jeito,



a gente quer que isso seja, e vai, na idéia querendo e ajudando. E o coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores e tudo cabe... Me alembro, vinha andando e agora era que eu pegava a pensar livre e solto na Rosa'uarda, lindas pernas as linhas grossas, ela no vestido de nanzuque, nunca havia de ser para meu regalo. Dum modo senti, como recordei, depois, tempos, quando foi arte se cantar uma cantiga:

Seu pai fosse rico  
tivesse negócio  
eu casava contigo  
e o prazer era nosso...

LORENZ: Você me disse uma vez que quando escreve quer aproximar-se de Deus, às vezes quer aproximar-se demais.

ROSA: Eu procedo assim como um cientista que também não avança com simples crença e pensamentos que agradam a Deus. Nós temos — o cientista e eu — de pegar no colo Deus e o infinito e pedir-lhe contas e se for preciso também corrigi-lo. Se nós quisermos ajudar o homem.

RIOBALDO: Até para a gente se lembrar de Deus, carece de se ter algum costume. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe mas quase só por intermédio da ação das pessoas. De bons e maus. Coisas imensas do mundo. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Ao clarear do dia. Com Deus existindo tudo dá esperança; sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente ficar perdidos no vai-vem. Mas muita gente não me aprova, acham que a lei de Deus é privilégio, invariável. Mas Deus é traíçoeiro — dá gosto! Deus é um gatilho. A força dele, quando quer, moço! me dá medo pavor! E Deus ataca bonito, se divertindo. Deus é paciência. Se economiza. Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação. Come escondido e o diabo sai por toda

parte lambendo o prato... O que Deus sabe, Deus sabe. Deus é definitivamente...

LORENZ: Espero que você me diga agora, outros fatos de vida.

ROSA: Vou-lhe revelar um segredo: creio que vivi uma vez. Naquele tempo, eu era brasileiro e chamava-me João Guimarães Rosa.

Em outras palavras: eu queria ser um crocodilo no São Francisco. Um crocodilo nasce ou entra no mundo como mestre da Metafísica porque para ele todo rio é oceano, um mar de sabedoria, e mesmo ainda quando ele atinge cem anos de idade. Eu gostaria de ser um crocodilo, porque eu gosto dos rios grandes, porque eles são profundos como a alma do homem; na superfície são muitos vivos e calmos; no fundo são tranquilos e escuros como a alma do homem. E outra coisa ainda de que eu gosto nos nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para a eternidade.

RIOBALDO: Os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo; mas mesmo assim cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade. Cantiga? Chu-áa! ruge o rio, como chuva deitada no chão.

E abril, quando passavam as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margem, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengorda devagarinho. Peço, me depositem numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio e seu além. E que a canoa sai no seu indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida e longa. Mas Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda.

1 — Olerê cantá, oi cantador  
Eu subi pelo céu arriba  
numa linha de pescar  
preguntar Nossa Senhora  
Se é pecado namorar

olerê cantá, oi cantador  
O Rio São Francisco  
Faz questão de me matar  
Pra cima vai ligeiro  
Pra baixo bem devagar

olerê cantá, oi cantador  
Travessei o São Francisco  
Numa canoa furada  
Arriscando minha vida  
sempre assim não vale nada  
olerê cantá, oi cantador  
Travessei o São Francisco  
numa casca de cebola  
arriscando minha vida  
sendo assim é coisa atoa

olerê cantá, oi cantador  
Travessei o São Francisco  
montado numa cabaça  
arriscando minha vida  
por um gole de cachaça...  
olerê cantá, oi cantador  
Vida é sorte perigosa  
passando na obrigação  
toda noite é rio-abaiixo  
todo dia é escuridão  
olerê cantá, oi cantador

ROSA: Nós sertanejos somos tipos especulativos, cismar nos dá até prazer. Nós queremos explicar todo dia, de novo as questões do mundo... "as questões da vida".

RIOBALDO: O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Mas a vida não é entendível. E esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Eu nasci devagar. Sou é muito cauteloso. Porque viver é um descuido prosseguido. Esta

vida está cheia de ocultos caminhos. A vida da gente faz sete volta. — se diz. A vida nem é da gente. Vida devia ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava. Mas o senhor nem não diga nada. Vida é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma idéia falsa. Travessia perigosa é a vida. A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso em que o primeiro se pensou. Saiba o senhor que pra jagunço a vida está assentada: comer, beber, apreciar mulher brigar e o fim final. Mas a vida tem de ser mesmo variável. Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. Ao que este mundo é muito misturado. Preciso é que reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente que às vezes custa passar, mas sempre passa. E depois. Ignoro não. No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. E qual é o caminho certo da gente? Nem para frente, nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Viver... O senhor sabe. Viver é etcêtera. Viver é negócio muito perigoso...

ROSA: Cada dia que raia queremos esclarecer os mistérios fundamentais do mundo. Mas nunca me dou por satisfeito. Como já disse, estou à procura do impossível, do eterno. Fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida e, em rigor, a sequência representa um paradoxo. Como médico, conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado o valor da proximidade da morte...

RIOBALDO: A morte é corisco que sempre já veio. A morte de cada um já está em edital. E antes de menino nascer, hora de sua morte está marcada. E o dia da gente desexistir já é um certo decreto. O cristão não se conserta pela má vida levável, mas sim porém, sucinto pela boa morte — ao que a morte é o sobreviver de Deus, entornadamente. Confesso: vi a morte com muitas caras. Mas naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus

lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para entender — e acho que é por isso que a gente morre. E o senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um. E morrer talvez seja voltar para a poesia. E quando a gente dorme, tudo vira pedra, tudo vira flor. A gente não morre, fica encantado.

RIOBALDO: “Cumpadre meu que ouviu esse Riobaldo, esse falar, espere um pouquinho, unzinho só porque “TEM UMA VERDADE QUE SE CARECE DE APRENDER, DO ENCOBERTO, E QUE NINGUÉM ENSINA: O BECO PARA A LIBERDADE SE FAZER, SOU UM HOMEM IGNORANTE. MAS ME DIGA O SENHOR: A VIDA NÃO É COISA TERRÍVEL? LENGALenga. FOMOS, FOMOS”.

João Guimarães, grande sertão veredas  
Filho de Cordisburgo nas Minas Gerais  
Cavaleiro que ainda passeia nos campos,  
Campos de estrela d'alva e buritizais.

- 1 Renata Pallotini, in *Sarapalha*, peça em 1 ato
- 2 Carta de Bandeira a J. G. Rosa
- 3 Versos de C. D. Andrade, poema Um Chamado João
- 4 Diálogo de Günter W. Lorenz com J. G. Rosa
- 5 Cantiga popular do sertão

## RESENHA



## CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

Para o sétimo Concurso de Contos e de Poesias da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, o Serviço de Relações Universitárias da UFMG recebeu um total de 349 trabalhos — 118 contos e 231 poesias — enviados por 123 alunos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em sete anos, a estatística dos concursos está assim:

ESTATÍSTICA DA RL				
	Pessoas	TRABALHOS ENVIADOS		
		Contos	Poesias	Total
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
TOTAL	719	506	1.449	1.955



Os 123 alunos da UFMG que enviaram trabalhos literários em 1972 são das seguintes Unidades: 26 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (doze de Jornalismo, nove de Psicologia, dois de Ciências Sociais, dois de Filosofia e um de História); 18 da Faculdade de Direito; 15 da Faculdade de Letras; 13 do Instituto de Ciências Biológicas (dez de Medicina e um de Odontologia, de Veterinária e de Bioquímica); 12 do Instituto de Ciências Exatas (oito de Engenharia, dois de Matemática e um de Física e de Arquitetura); 10 da Escola de Engenharia; 6 do Colégio Técnico; 4 do Curso de Formação de Atores/Teatro Universitário; 4 da Escola de Arquitetura; 3 da Faculdade de Ciências Econômicas; 2 da Escola de Veterinária; 2 da Faculdade de Odontologia; 2 da Escola de Biblioteconomia; 2 do Colégio Integrado do Centro Pedagógico; e um do Colégio Agrícola de Montes Claros, da Escola de Belas Artes, da Escola de Educação Física e do Curso de História Natural.

Os contos e poesias não classificados já foram devolvidos a seus autores.

A relação dos 349 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte :

## CONTOS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — Notas à Inexistência	Patinhas CV.
2 — Maria Todamor	Queo
3 — História de Guerra e Paz em Três Atos	Glipckx
4 — Naquele Tempo	Nandinho
5 — Automaticamente	Jotaká
6 — Canção do Pensar, Ao Descer do Sono	Frans
7 — Nostalgia	Avacaí (M. Honrosa)
8 — A Um Passo da Loucura	Murilo Alvarenga
9 — Queda	Greivor
10 — Coisas do Tempo	Mariah

11 — Três Cigarros	Mariah
12 — Paulo — 9 de Setembro	Naiara
13 — Elos e Traços	Montanhês
14 — Paquera	Júlio
15 — Três Movimentos	889898/?
16 — Verso e Averso	889898/?
17 — Informações de Combate	Fernão Mendes (2º lugar)
18 — Uma Velhinha	Marrosa
19 — Dilema Inicial	Teodemofilo Pereira
20 — Grotão da Taquara	Cosmos
21 — Córrego da Onça	Cosmos
22 — Várzea Grande	Cosmos
23 — O Sintoma	Jules
24 — Estou Louco	Jules
25 — Desculpe-me pelo Barulho...	Jules
26 — Sábado/Domingo	Gaveteiro
27 — O Morto Sou Eu	Gaveteiro
28 — Fragmentos de Um Livro...	Flamínius (M. Honrosa)
29 — O Broto	Monka
30 — Óculos Sujos	Monka
31 — Curtição	Monka (M. Honrosa)
32 — Registro	Elizabeth
33 — Viajeuta	Elizabeth
34 — Que Importa?	Elizabeth
35 — Bueiro	Enxurrada
36 — O Tecedor da Chuva	Dinah (1º lugar)
37 — Por Essas Estradas	Dinah
38 — O Começo no Fim	Zamova
39 — Suicídio	Teocléia
40 — Paz	Phobus
41 — O Roubo	Phobus
42 — Era Uma Vez um Rio...	Phobus
43 — O Bichinho Roxo	Phobus
44 — Substantivo	Mardem
45 — De Como Amaciei a Carne Lá de Casa	El-Piste
46 — Quase Doze	Hermes
47 — Composição	Luiz Zinho
48 — Marcos e a Música	Luiz Zinho
49 — Lucas e a Lógica	Luiz Zinho
50 — O Suspeito	Luiz Zinho

51 — Estêvão e a Estética  
 52 — Asdrubal e os Macacos  
 53 — Beijolescente  
 54 — Deolino de Tal  
 55 — Sô Camilo  
 56 — Moletam  
 57 — Uma Tarde de Dezembro...  
 58 — A Bruxa  
 59 — Acidente  
 60 — Ifigênia  
 61 — A Cor Abóbora da Vida  
 62 — A Morte é Simples de Ma-  
 drugada  
 63 — Ser ou Não Ser  
 64 — Eclipse  
 65 — Divagações  
 66 — Tempo Vivido  
 67 — Só  
 68 — E o Filho Pó Virado Torna-  
 se...  
 69 — O Moço Azul  
 70 — A Cidade Vista da Fossa  
 71 — Oito/Tempos de Rosa-Flor  
 72 — Pandora e a Caixa Mágica  
 73 — Miúra  
 74 — O Visionário  
 75 — Anônimos  
 76 — Eu? ...  
 77 — O Encontro Que Não Foi  
 Mercado  
 78 — Loja de Sonhos  
 79 — Gravidez  
 80 — O Patrimônio de Sacarina  
 81 — A Morte do Cavalo de Pano  
 82 — Infinito  
 83 — Depois  
 84 — Final  
 85 — Marginália  
 86 — Reencontro  
 87 — Na Casa Nova  
 88 — Zeca — O Antunes de  
 Oliveira

Luiz Zinho  
 Luiz Zinho  
 Abelardo  
 A. Sirus  
 Pelego  
 Farrierres  
 Vasques  
 Teotônio  
 UM  
 Nhô  
 Maria  
  
 Bing Corrigan  
 Tatá  
 Mancha Opaca  
 Lili  
 Mustache  
 Mustache  
  
 Mustache  
 Mustache  
 Mustache  
 Mustache (M. Honrosa)  
 Mustache  
 Mustache  
 Mustache  
 Mustache  
 Mustache  
 Joari  
  
 Jonini Gemo  
 Pau Brasil  
 Pax  
 Tônio Vini  
 Ignotus  
 Aimar  
 Semog  
 Esplatus  
 Fabiana Teixeira  
 Zabelê  
 Flor  
  
 Zabelê

89 — Sá Joana  
 90 — O Velho Antônio e Suzana  
 91 — Uma estória  
 92 — O Casarão  
 93 — Peripécias  
 94 — Mulher de Branco  
 95 — Homem  
 96 — Alazar  
 97 — Odiado é o Dia do Diabo  
 98 — Sardas  
 99 — Um Parêntese  
 100 — Paralelos  
 101 — Momentos — Busca  
 102 — Capitão Sua Mãe  
 103 — O Homem Que Queria Ser  
     Gente  
 104 — Aconteceu no Último Andar  
 105 — Minha Pequena Vitória  
 106 — A Sombra do Ipê Amarelo  
 107 — Armação  
 108 — Dulica Dois Graus a Mais  
 109 — Meus Irmãos e o Tempo  
 110 — O Menino e o Papagaio  
 111 — Ela (Teté)  
 112 — A Favela  
 113 — A Guerra  
 114 — Transamazônica  
 115 — Judith  
 116 — Ela (Valéria)  
 117 — A Lua e Eu  
 118 — Sonho (Turè)

Natureza  
 Relva  
 Shybill  
 Carlos de Lact  
 LU  
 Ósmio Alderaban  
 Revol  
 Alfa  
 Groza (3º lugar)  
 Abaçai  
 Zu  
 Dorinha  
 Lelé  
 Mecos  
  
 João do Rio  
 Lilly Ball  
 Brenda Pádua  
 Brenda Pádua  
 Albert Perrault  
 Dinah (M. Honrosa)  
 Brenda Pádua  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow  
 Taxi Yellow

## POESIAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1	Reflexões	Murilo Alvarenga Júnior
2	Infelizmente	Murilo Alvarenga Júnior
3	Nós, Uma Engrenagem	Murilo Alvarenga Júnior
4	Desesperança	Croshaw
5	Maramor	Zanza

6 — Lwvônyka	Ravins Raven
7 — Revolução	Shartan Daryak
8 — O Engenheiro	Orpheu Paula Braga
9 — Bilhete Para Um Amigo de Itabira	Orpheu Paula Braga
10 — A Descoberta	Orpheu Paula Braga
11 — Verdade	Mary Gy
12 — Origens	Mary Gy
13 — Poses	Mary Gy
14 — Verdades	Byron
15 — O Que Somos	Patinhas CV.
16 — Descrente	Patinhas CV.
17 — O Lado Mau do Homem	Patinhas CV.
18 — Postal de Minas	Lila (M. Honrosa)
19 — Espera	Lila
20 — Contrastes	Jotaká
21 — Introversão	Jotaká
22 — Melopéia de uma Ex-Mens Sana	Jotaká
23 — Viagens	Karlin
24 — A Procura de Mim Mesmo	E.C.M.
25 — O Mar	E.C.M.
26 — Tempo Emprestado	Fabiana R. Teixeira
27 — Poema da Inútil Aparição	Ive
28 — A Feira	Teresa Ponti
29 — Antes	Azorka (2º lugar)
30 — Distraída	Nano
31 — Reminiscência	Larmo (M. Honrosa)
32 — A Rua	Larmo
33 — Poema	Larmo
34 — A Visita	Larmo
35 — Grito	Greivor
36 — A Hora	Greivor
37 — União	Greivor
38 — Alucinógeno	Greivor
39 — Descoberta	Greivor
40 — Fuga I	Greivor
41 — Amor	Greivor
42 — Fuga II	Greivor
43 — Inorgânico	Greivor
44 — Órgia	Greivor

45 — Ao Equilibrista Adormecido	Mariah
46 — Feriado	Mariah
47 — Convite	Mariah
48 — Congonhas do Campo	Esmeralda
49 — Proposição Poética	Esmeralda
50 — A Gênese do Poema	Esmeralda
51 — Momentos	Fomin
52 — Vozes	Fomin
53 — Intimidade	Fomin
54 — Noturno	Fomin
55 — O Homem do Elevador	Mariah
56 — Processo e Julgamento	Rúbio Santiago
57 — Instantâneo	Rúbio Santiago
58 — Requisitos de um Sorriso	Júlio
59 — Visão	Júlio
60 — Nação - 72	Júlio
61 — Existência	Cosmos
62 — Amor Confuso	Jules
63 — De Tudo Enfim	Jules
64 — O Relógio	Jules
65 — Enigma	Gaveteiro
66 — A Caneta	Gaveteiro
67 — Cama	Gaveteiro
68 — Amor	Gaveteiro
69 — Asthrososmeí	Azur
70 — Poema Desentranhado de...	Gringoire
71 — Última Imagem	Monka
72 — Dois Menos Um	Monka
73 — Mensagem do Fundo do Mar	Monka
74 — Transanças	Monka
75 — Quem Polui Mais?	Monka
76 — Ainda Vou te Ver Nua	I-Déia
77 — Vida	Dragouti
78 — Homem Minuto	Sandrex de K
79 — Poeminha	Teocléia
80 — Instante	Teocléia
81 — Atítulo	Teocléia
82 — Você	Teocléia (3º lugar)
83 — Ode nº 3	Teocléia
84 — Ciclo	Teocléia
85 — Canção	Mardem

86 — Noite	Mardem
87 — Não Morra Agora	Phobus
88 — Busca	Phobus
89 — Dei de Presente	Phobus
90 — Ato em Três Atos	Phobus
91 — 29 de Julho	Hermes
92 — De Felicidades	Hermes
93 — Existência	Tiquinha
94 — Sob Este Céu de Estrelas	Tiquinha
95 — Sua Morte	Tiana Prima
96 — O Oco Homem	Monsieur Steigel
97 — O Fim	Monsieur Steigel
98 — O Truque	Monsieur Steigel
99 — Reencontro	Monsieur Steigel
100 — A Peregrinação	Monsieur Steigel
101 — Anonimância	Monsieur Steigel
102 — A Caminhada	Monsieur Steigel
103 — Maria Doida	Monsieur Steigel
104 — Evasão	Monsieur Steigel
105 — Artefato de Técnica	Monsieur Steigel
106 — Nexoluto	Monsieur Steigel
107 — O Menino	Monsieur Steigel
108 — Poemicida	Zênigo (M. Honrosa)
109 — Ilusão	Martim
110 — Integração	Martim
111 — Encontro	Martim
112 — Visão	Martim
113 — Sentimentos Entrelaçados	Karim Khan
114 — Século XX	Pelego
115 — Cenas da Amazônia I	Arambi
116 — Poema para Uma Grande Menina...	Arambi
117 — Meditação	Arambi
118 — Fósseis	Arambi
119 — O Lapso	Sandrex de K (M. Honrosa)
120 — Mal	Zênigo
121 — De Um Momento Noturno	Soleil Vert
122 — Quando	Alex Shemesh
123 — Meia Presença	Alex Shemesh
124 — Na Avenida...	Alex Shemesh
125 — Intimidade	Caprele

126 — Fantasmas	Caprele
127 — Visão	Pablo
128 — Utopia	Eu
129 — Romaria	Nicy
130 — Espumas Flutuantes	A Bruxa
131 — Maria de João	Zé Ewald
132 — Vai Vem	Zé Ewald
133 — Canção do Imigrante	Zé Ewald
134 — Corpo Líquido	Dylan Thomas
135 — Avenida	Ingrácia de Souza
136 — Mentira	Ingrácia de Souza
137 — Desencanto	Ingrácia de Souza
138 — Walquíria	Ingrácia de Souza
139 — Meu Burro Morreu de Velho	Ingrácia de Souza
140 — Historinha nº 1	Ingrácia de Souza
141 — Auto-Retrato	Ingrácia de Souza
142 — Natal	Lili
143 — Noite Tarde	Ahuda Mazda
144 — Mulher	Ahuda Mazda
145 — Mar	Ahuda Mazda
146 — Maria	Ahuda Mazda
147 — Na Criação da Palavra Final	K-louro
148 — Conquista	Zanna Apocalipse
149 — Hoje	Zanna Apocalipse
150 — Grito do Mar	Zanna Apocalipse (M. Honrosa)
151 — Soluços & Soluções	Jotapemê
152 — Paulo Boy	Sigma-xi
153 — Cânceres	Clatômico
154 — Sonata Sem Fundo Musical	Beta
155 — Nº 19	Beta
156 — Gente de Casa	Galego
157 — O Pião	Galego
158 — Ao Forasteiro	Galego
159 — Montagem	Falus/72
160 — Tador (= Tato-Dor)	Falus/72
161 — História de Pedro	Galileo
162 — Paz é Um Nome	Galileo
163 — Estudo	Pedro
164 — Componência	Pedro (1º lugar)
165 — A Pedra	Pedro
166 — O Mundo Nosso de Cada Dia	Roquentin



167 —	Mundo Interdito	Roquentin
168 —	Fuga e Anti-Fuga	Roquentin
169 —	Noturno	Roquentin
170 —	A Vida e o Não	Roquentin
171 —	Lábios de Mônica	Honório Rincão
172 —	Sonho Volátil	Honório Rincão
173 —	Cidade dos Homens-Cubo	Honório Rincão
174 —	Ex-Passo	Honório Rincão
175 —	Sonâmbulo	Esplatus
176 —	Espectro	Esplatus
177 —	Fatos	Esplatus
178 —	Um Dia	Cr\$ 3,00
179 —	Opção	Cr\$ 3,00
180 —	Abrangência	Ibirapitanga
181 —	O Encontro	Ibirapitanga
182 —	Moda das Múltiplas Alternativas	M. Canum
183 —	Ode nº 2	Teocléia
184 —	Homo-Sapien	Teocléia
185 —	(Trans) Forma (Ação)	Kareu Gomes
186 —	Fossa	Josevan Freilandes
187 —	Caminho Branco	Karina
188 —	Musa	Iratá
189 —	Os Gestos Perdidos	Iratá
190 —	Linguagem	Iratá
191 —	Vidavidavivida	Iratá
192 —	One Day Clara	Abaçaí
193 —	Anamaria	Mecos
194 —	Questão Aberta	Loyal
195 —	Caminhada	Loyal
196 —	Cronomoda	M. Canum
197 —	Moda de Um Triste Amor...	M. Canum
198 —	Epopéia Brasileira	Eudisa Damor
199 —	Dia Sideral	Halls
200 —	Vícios	Halls
201 —	Dimensão Zero	Halls
202 —	Loucura em Dois Tempos	Halls
203 —	Mais Uma Vez	Halls
204 —	Noite Madrugada	Halls
205 —	Ontem, Hoje, Amanhã	Halls
206 —	O Sentido do Sentido	Halls

207 — Nosso Fim	Halls
208 — Escada Simulacro	Halls
209 — Difícil Ser Fácil	Halls
210 — Instinto Perdido	Halls
211 — Imaginação Arcaica	Halls
212 — Infinito, Uma Libertação	Halls
213 — Exortização	Halls
214 — Existe, Não Existe	Halls
215 — Velho, Tudo Velho	Halls
216 — Palco de Loucuras	Halls
217 — Dose Excessiva	Halls
218 — Se	Sosin
219 — Sou	Sosin
220 — Viagem	Sosin
221 — Meu Canto	Sosin
222 — Morte	Sosin
223 — Os Homens, no Mundo Atual	Paulo Dias
224 — Revelação	Ravana
225 — Antroposubjvisão	André Luís
226 — Nada de Tudo	André Luís
227 — O Autor	André Luís
228 — Tô Tá Ti	André Luís
229 — Precisamos Amar	André Luís
230 — Existência de Não Existência	André Luís
231 — O Agora no Amanhã	André Luís

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«*Courrier du Centre International d'Études Poétiques*», números 86 a 89  
— Boulevard de l'Empereur, 4 — Bruxelles — Belgique.

«*O Peregrino*», de Wilson Alvarenga Borges — Edições Porta de Livraria  
— Série Poesia 11.  
Série Poesia 11.

«*Antologia do Novo Conto Goiano*», organizada por Miguel Jorge — Editora Departamento Estadual de Cultura — Goiânia — Goiás.

«*Boletim de Letras*», número 1 — dezembro de 1970 — da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos — São Paulo.

«*Franciscanum*» — *Revista de las Ciencias del Espíritu* — ano XIII  
— números 30 e 40 — Universidade de San Buenaventura — Bogotá  
— Colômbia.

«*Revista Universidad Pontificia Bolivariana*» — número 111, volume XXXII — 1971 — Medellín — Colômbia.

«*Revista Literária*» — números 30 e 31, julho e outubro de 1971, edição da Libreria Editorial Anticuaria — Medellín — Colômbia.

## ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

### CARTAS

«Revista Literária... número 6, aliás a mais importante de quantas tenho recebido, pelo alto nível de contos, poemas e artigos. Meus cumprimentos à Comissão da Revista...»

**Miguel Jorge — Goiânia — Goiás.**

«Saluda a Ud. con la consideración más distinguida, y le agradece muy especialmente la gentileza que há tenido al proveer por mi intermedio a la Universidad de Belgrano, de um ejemplar de la «Revista Lierária...»

**Dr. Avelino José Porto — Reitor da Universidade de Belgrano — Buenos Aires — Argentina.**

«... ficamos admirados com a qualidade dos trabalhos publicados...»

**Marshall Garcia — Belo Horizonte — Minas Gerais.**

«... e por acharmos a Revista Literária não apenas uma revista, mas pode-se dizer uma Poligrafia digna de encadernação e de figurar entre outras tantas...»

**Sarah Guimarães da Costa — Biblioteca do Instituto de Educação do Estado do Paraná — Curitiba — Paraná.**

«... a excelente publicação que terei no meu acervo...»

**Maria do Rosário Salazar — Formiga — Minas Gerais.**

«... Revista Literária, a qual admiro por seu estilo e boa qualidade... presente valioso para o Centro Cultural...»

**José Alves de Souza — Delegado da Associação dos Servidores Cívis do Brasil — Delegacia Regional de Alagoas — Maceió — Alagoas.**

«... maravilhosas Revistas Literárias, provas de que os jovens estão elevando dia a dia o nível cultural de Minas...»

**Maria das Mercês Fialho — São Pedro dos Ferros — Minas Gerais.**

«... RL, que está cada vez melhor. De parabéns...»

**Antônio de Pádua Barreto — Passos — Minas Gerais.**

«... meus agradecimentos e meus parabéns, por tão belo presente.»

**João Roberto Cônsoli — Belo Horizonte — Minas Gerais.**

«... Revista Literária, confeccionada com esmero e carinho...»

**Sônia Takeno — São Paulo — São Paulo.**

«... a ótima Revista, e estou me deliciando com a sua leitura. Sem dúvida é uma Revista do mais alto gabarito.»

**Reni Roberto de Vasconcellos — Belo Horizonte — Minas Gerais.**

«... mais um êxito incontestável, a Revista está simplesmente magnífica. Parabéns.»

**Maria Leci dos Santos Lima — Ribeirão Preto — São Paulo.**

«... parabéns pela apresentação e realização cultural.»

**Ginásio Dom Bosco — Cachoeira do Campo — Minas Gerais.**

«... oportunidade de verificar o trabalho dessa Revista que, em alto nível cultural, vem divulgando o que há de melhor em conto e poesia entre os novos valores de Minas».

**Heloísa Maria Campos — Av. Paulista, 960 — São São Paulo — São Paulo.**

«... Revista Literária, publicação essa de grande valor para os usuários da nossa coleção.»

**Dora Martins Belém — Biblioteca da Escola Estadual Polivalente de Ouro Preto — Minas Gerais.**

«... privilegiado a conhecer a Revista Literária... fiquei surpreso com a mesma... já era tempo de se fazer um trabalho desse tipo, para dar acesso à geração cada vez mais crescente de novos escritores de nossa terra...»

**Paulo Régis da Silva — Passos — Minas Gerais.**

«... movido por una inquietud cultural... llego accidentalmente a mis manos um ejemplar de la Revista Literária... de gran utilidad para compenetrarme em la cultura del pueblo brasileño...»

**Carlos Alberto Ingui — Buenos Aires — Argentina.**

«... aproveitem mais a capa e o conteúdo. Não vejo porque conservar a mesma apresentação... não compreendo os mesmos nomes ganhando sempre os concursos...»

**Márcio Antônio de Lima — Kanaalstraat, 187 — Amsterdam — Holland.**

«... devolvo a Revista... iniciativa de um mineiro envergonhado por verificar que sua terra é hoje vítima da imbecilidade de meia dúzia da jovem guarda... mostrengos literários... deveriam respeitar a velha tradição conservadora de Minas...»

**J. T. Wilson O'Neill — São Paulo — São Paulo.**

## **JORNALIS**

«... a maioria dos concursos fica na divulgação do resultado. Na Revista Literária de Minas não é assim: os vencedores são publicados e podem ter seus trabalhos conhecidos de todos. Deve ser a única revista, no gênero, do Brasil. ... e de alto nível gráfico e editorial».

**Jornal «O Globo» — Coluna Literária — 16 de fevereiro de 1972 — Rio de Janeiro — Guanabara.**

«... a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG obteve, em seis anos, reconhecimento nacional de seu padrão gráfico e editorial...»

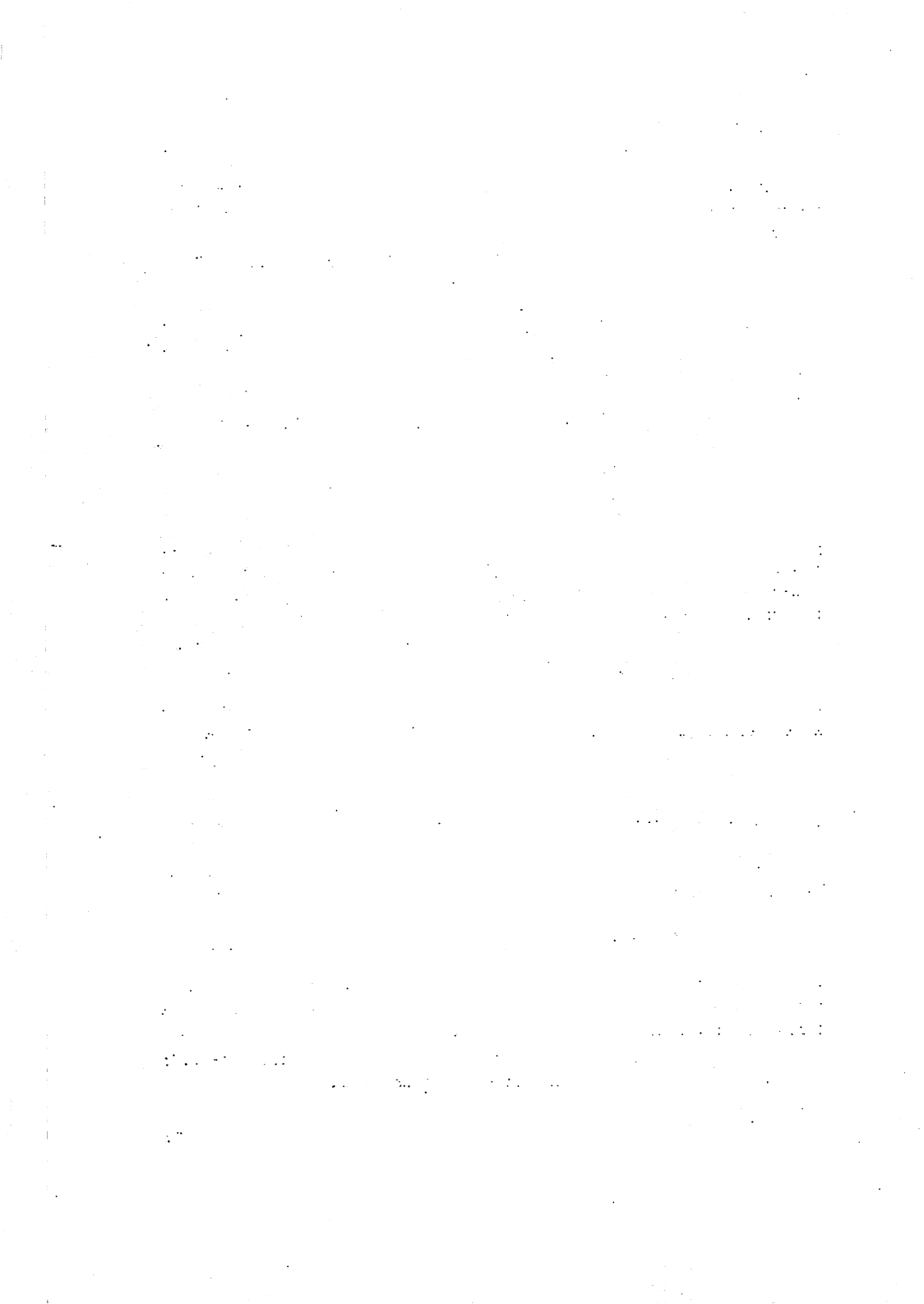
**Jornal «Diário de Minas» — 20 de agosto de 1972 — Belo Horizonte — Minas Gerais.**

«... Revista Literária da UFMG... é de se louvar esse trabalho, pela sua seriedade, pelo que poderá significar. Parece que a Universidade de Minas Gerais sentiu a importância de contar com alunos que poderão ser grandes escritores. Por isso esta iniciativa merece apoio...»

**Alvaro Alves de Faria — Jornal «Diário da Noite» 17 de abril de 1972 — São Paulo — São Paulo.**

«... o concurso da Revista Literária tem grande valor, pois é de alto nível e a Revista publica os contos e poesia vencedores... atingir a todos os universitários pois ela circula entre eles...»

**Jornal «Estado de Minas» — 31 de outubro de 1973 — Belo Horizonte — Minas Gerais.**





**PUBLICAÇÃO Nº 560**

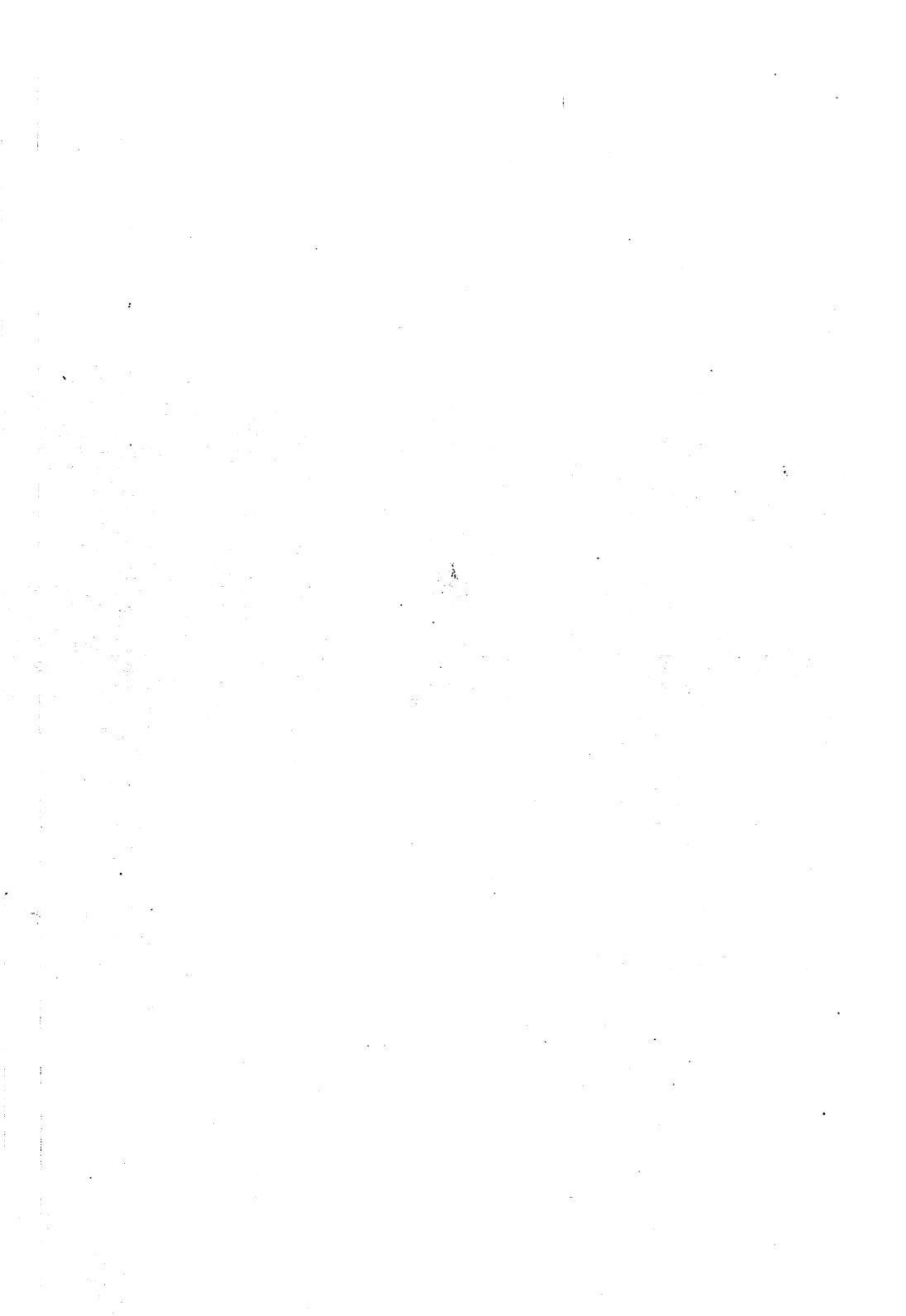
**IMPrensa DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Caixa Postal 1.621 — Belo Horizonte — Brasil**

**Edição da**

**REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**





## REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da UFMG;
- 2 — A Revista é editada anualmente pelo Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais;
- 3 — A Revista é dirigida por uma comissão nomeada pelo chefe do Serviço de Relações Universitárias da UFMG;
- 4 — Não são aceitos os trabalhos de cunho político-partidário e os de temas ofensivos à moral e à religião;
- 5 — A Revista organiza, anualmente, um concurso de contos e de poesias, com prêmios aos três primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Podem participar do concurso os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais.